



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**DINÂMICA TERRITORIAL E MERCADO DE TRABALHO EM  
RONDONÓPOLIS/MT**

**JOSÉ FELIPE DOS SANTOS FILHO**

**TRÊS LAGOAS-MS  
2011**

**JOSÉ FELIPE DOS SANTOS FILHO**

**DINÂMICA TERRITORIAL E MERCADO DE TRABALHO EM  
RONDONÓPOLIS/MT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação – Mestrado em Geografia CPTL/UFMS - Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Geografia, Sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edima Aranha Silva.

**TRÊS LAGOAS-MS  
2011**

JOSÉ FELIPE DOS SANTOS FILHO

**DINÂMICA TERRITORIAL E MERCADO DE TRABALHO EM  
RONDONÓPOLIS/MT**

Trabalho apresentado a banca examinadora em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
2011 e foi considerado \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edima Aranha Silva – UFMS  
Orientadora

---

Prof. Dr. EDGAR APARECIDO DA COSTA  
Membro da banca - UFMS

---

Prof. Dr. FRANCISCO JOSÉ AVELINO JUNIOR  
Membro da banca - UFMS

## DEDICATÓRIA

Para José Felipe dos Santos, meu pai, e, Jovaní Moraes, minha mãe, pelo apoio e incentivo nessa importante conquista em nossas vidas.

Ao meu querido irmão Rubens Moraes, que contribuiu de diferentes formas para facilitar a pesquisa em campo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao me dedicar aos estudos preparatórios para o ingresso no Mestrado, pedi a Deus sabedoria para compreender as propostas do programa em que me havia candidatado. Obrigado por me conceder essa dádiva.

Aos meus pais, meu eterno agradecimento por tudo que sempre fizeram e dispensaram a mim. Por me instruir de maneira acertada o melhor caminho a seguir. Pelos conselhos e ao auxílio financeiro e moral em todos os momentos da minha existência, principalmente na vida acadêmica, fundamentais e que permitiram a continuidade dos meus estudos. São meus melhores amigos, sempre estiveram ao meu lado, seja nos momentos alegres, seja nos momentos mais difíceis de minha vida. Sempre me acolheram.

Aos nobres professores da Universidade Federal de Mato Grosso em Rondonópolis – CUR, pelos conhecimentos que me foram repassados durante os quatro anos de graduação no curso de Geografia, os quais, com carinho e apreço, ministraram suas aulas, tanto as disciplinas da ciência dos sistemas espaciais, como das ciências afins.

Quero destacar meus agradecimentos ao Prof. Dr. Jorge Luiz Gomes Monteiro, por instruir-me sobre o conceito dos sistemas espaciais, teoria de Milton Santos, como “um sistema de objetos e ações”. E ainda, com desmedido desprendimento em 2008, tendo visão de futuro para seus alunos, formou um grupo de estudos, preparatório para a Pós-Graduação em Geografia. Apesar do pequeno número de interessados na época, cinco alunos, dentre esses eu, ministrou sempre com entusiasmo as aulas de idioma instrumental e diversos temas de Geografia. Sua metodologia de trabalho, apesar de simples, mas eficaz, deu condições para que conseguíssemos ingressar no curso de Mestrado.

Também agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edima Aranha Silva – UFMS/Campus de Três Lagoas – CPTL, pois ao me candidatar ao programa de Mestrado, sempre atenciosa e dedicada, ao receber meu pré-projeto de pesquisa, ofereceu sugestões e apontou como ele deveria se finalizar, o que o tornou mais consistente. Recordo-me que, ao conhecê-la pessoalmente em seu Laboratório de Estudos Urbanos e do Território - LETUR, na semana da aplicação das provas, conversamos em sua sala sobre os possíveis temas a serem sorteados na prova, dentre eles, abordou a categoria Território, até então desconhecida por mim. Após o

ingresso no programa, disponibilizou-me junto ao LETUR-UFMS equipamentos eletrônicos e de informática, livros e periódicos, que foram fundamentais para que pudesse cumprir os créditos e para o desenvolvimento da pesquisa. Sob sua orientação, escrevi e publiquei meus quatro primeiros artigos científicos, sendo um na Revista Eletrônica Geointeração, um no 3º Encontro América Platina, um no 4º Encontro Nacional dos Grupos PET de Geografia e o outro no 1º Encontro Regional da ANPEGE – Região Centro-Oeste e Triângulo Mineiro realizado em Uberlândia. À ela devo o conhecimento que adquiri sobre território e as tramas territoriais, categorias geográficas articuladas no Brasil por alguns pesquisadores, com destaque para Rogério Haesbaert.

Agradeço aos amigos que conquistei durante os dois anos do curso, especialmente ao Valter de Carvalho Couto, com quem dividi os aluguéis e partilhei algumas experiências acadêmicas; ao Marcos Henrique Prudencio da Silva, aluno bolsista PIBIC/CNPq, pelo companheirismo e pelos momentos de distração e ajuda mútua que tínhamos no LETUR.

E ainda, aos demais colegas do LETUR, e aos alunos da primeira turma do Mestrado/UFMS. A todos meus agradecimentos pela companhia, pela colaboração e apoio que dispensaram durante minha trajetória geográfica pelo Mestrado da UFMS.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de mestrado, pelo suporte financeiro para a realização desse trabalho.

## RESUMO

O trabalho versa sobre a dinâmica territorial em Rondonópolis/MT, sua evolução e a organização social do trabalho. A produção do espaço teve início na dinâmica regional do estado de Mato Grosso em suas fronteiras com o estado de Goiás, onde havia divergências, pois visando assegurar as fronteiras o Estado promoveu a ocupação da porção Sudeste. Construíram-se pontes e estradas. Ocupavam-se as terras do atual município de Rondonópolis, sendo que os primeiros migrantes estabeleceram-se nas margens do Rio Vermelho. Povos goianos chegaram em 1902 oriundos de Palmeiras (GO), criadores de gado em busca de terras para expandirem suas atividades às margens do rio Poguba - rio Vermelho -, originando o povoado Poguba. De 1907 a 1909 foi território de apoio a Comissão Rondon para implantação da linha telegráfica, que conferiu o nome do lugar: Rondonópolis. Território marcado por sucessivos fatos no período de 1920 a 1947. Ora nefastos com severas doenças e epidemias, ora prósperos, como descoberta de diamante e ouro em Poxoréu (1924), que o transformou em via de acesso às zonas mineradoras. Em 1940 com oferta de terras devolutas para colonização atraiu novos fluxos migratórios, que perduraram em 1950/1960. Mineiros, cearenses, baianos e paulistas chegaram, demarcaram território e delinearão territorialidades. Com crescimento populacional e econômico, se emancipou em 1953. A formação social e econômica do município foi atípica em relação ao Estado, pois não se deu pela mineração ou colonização privada. Resultou da Marcha para Oeste. A incorporação de terras nos modos da produção capitalista e expansão da fronteira agrícola foram elementos que atraíram os migrantes, principalmente os sulistas. Demarcaram territórios e estabeleceram rede de relações. O POLOCENTRO consolidou a agricultura e desenvolveu a economia local. A industrialização é caracterizada pelo agronegócio da soja. Dentre as infraestruturas disponibilizadas em Rondonópolis destacam-se as rodovias 163 e 364 que formam entroncamento de mão única, sendo o principal eixo rodoviário do Estado. Aí, a cidade se estabeleceu. O município é capital nacional do Bitrem e, vislumbra a chegada da Ferronorte projeto que o transformará num eixo multimodal rodoviário/ferroviário no estado de Mato Grosso. Rondonópolis centraliza na região Sudeste de Mato Grosso, as atividades de comércio e serviços, bem como sedes administrativas de empresas privadas. Cerca de 20 municípios mantêm interação econômica e populacional com seu território. Na rede territorial do trabalho, destaca-se pela produção no campo e pelas indústrias do agronegócio aí instaladas, as quais dinamizam a economia e criam cadeias produtivas, promovendo o crescimento econômico, a expansão das frentes de trabalho. Nesse sentido, o desenvolvimento econômico do território atrai um fluxo contínuo de migrantes. A pesquisa buscou compreender o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização das classes trabalhadoras. Ou seja, revelou as tramas territoriais que se desenvolvem em Rondonópolis-MT.

Palavras-chave: Trabalho, Economia, Migrantes, Território, Rondonópolis,

## ABSTRACT

The research discusses the territorial dynamics in Rondonópolis-MT, its evolution and also its labor social organization. The production of the space had started in the regional dynamics of the State of Mato Grosso, in its borders with the State of Goiás, where there were differences, once the State performed the occupation of the Southeast region in order to assure the borders. Bridges and roads were built. The lands for the current city of Rondonópolis were occupied, being the first migrants settled by the shore of Vermelho River (Rio Vermelho). People from Goiás arrived in 1902, coming from the city of Palmeiras (GO), cattle raisers searching land to expand their activities by the shore of Poguba River - Vermelho River – leading to the Poguba Village. From 1907 to 1909 it was a territory which gave support to Rondon Commission, in order to implant the telegraph line. That fact gave the place its name: Rondonópolis. It was a territory marked by successive events in the period of 1920 to 1947, either with severe adverse diseases or prosperous diamond and gold discoveries in the town of Poxoréu, transforming it into an access road to the mining zones. In 1940, the supply of public vacant land for colonization attracted new migratory flows, which lasted until 1950/1960. People from the States of Minas Gerais, Ceará, Bahia and São Paulo have arrived at the place, limited territory and performed territorial delineation. Once the place developed population and economic growth, it got its emancipation in 1953. The social and economic formation of the city was atypical relating it to the whole State, once it hasn't occurred by the mining or private colonization. It was a result of the March to the West. The incorporation of land in the capitalist production means, and the expansion of the agriculture borders were the elements which attracted migrants, mainly people from the South regions. They limited territories and settled a relations net. The Center of the city (POLOCENTRO) consolidated the agriculture and developed the local economy. The industrialization is characterized by the soybean agribusiness. Among the offered infrastructure in Rondonópolis, it can be highlighted the roads BR163 and BR364 which form the one-way junction and represent the main road axis of the state. In this place the city has been established. The city is the national capital of the Bitrem truck, and glimpses the arrival of the Ferronorte Project, a project which will transform the area into a multimodal road/rail axis in the State of Mato Grosso. Rondonópolis has as activities, in the Southeast region of Mato Grosso, commerce and services, and administrative offices of private companies as well. Around 20 municipalities maintain economic and population interaction with its territory. In the labor territorial net, it's highlighted because of the production in the crops and because of the agribusiness industries installed, making the economy more dynamic and develop productive chains, promoting the economic growth and the expansion of labor fronts. This way, the economic development of the territory attracts a continuous migrant flow. The research has tried to comprehend the processes of territorialization, deterritorialization and repossession of working classes, that is, it unfolded the territorial issues which took place in Rondonópolis-MT.

Keywords: Labor, Economy, Migrants, Territory, Rondonópolis,

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Rondonópolis-MT _____	20
Mapa 2: Microrregião de Rondonópolis. _____	21
Mapa 3: Origem do fluxo migratório para Rondonópolis/MT (1970) _____	34
Mapa 4: Reconfiguração territorial de Rondonópolis/MT. _____	35
Mapa 5: Evolução do sistema financeiro em Mato Grosso – Rondonópolis. _____	54
Mapa 6: Localização dos distritos industriais de Rondonópolis/MT _____	62
Mapa 7. Mapa da produção de algodão no Brasil. _____	76
Mapa 8: Territórios que cederam migrantes para Rondonópolis/MT, 2011. _____	101

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Composição da população em Rondonópolis (2010)	39
Gráfico 2: Evolução da população de Rondonópolis (1960 a 2010).	42
Gráfico 3: Evolução da indústria e do emprego em Rondonópolis	55
Gráfico 4: Crescimento da frota de veículos de Rondonópolis (2004-2009)	80
Gráfico 5: Estrutura das classes sociais	82
Gráfico 6: Dinâmica da oferta de emprego 2003 a 2010.	86
Gráfico 7: Evolução do IDH-Educação e Renda	91
Gráfico 8: IDH-Índice de desenvolvimento Humano dos Municípios/MT, 2000.	92
Gráfico 9: Trabalho e gênero	96
Gráfico 10: IBGE. Contagem populacional, 2010.	97
Gráfico 11: Faixa etária dos trabalhadores.	97
Gráfico 12: Origem dos deslocamentos intraestadual.	99
Gráfico 13: Número de indústrias dos municípios de Mato Grosso que cederam	102
Gráfico 14: UF de origem dos migrantes.	103
Gráfico 15: Fluxo de migrantes intra e interestadual.	104
Gráfico 16: Tempo de residência em Rondonópolis/MT.	105
Gráfico 17: Ocupação anterior - setores da economia.	106
Gráfico 18: Salário dos trabalhadores na ocupação anterior.	107
Gráfico 19: Remuneração dos trabalhadores na ocupação atual.	108
Gráfico 20: Motivos do deslocamento dos migrantes	109
Gráfico 21: Ao mudar havia garantia de Emprego?	109
Gráfico 22: Qualificação dos trabalhadores migrantes.	110
Gráfico 23: Experiência com o território-econômico.	111
Gráfico 24: Relação cursos e emprego.	117
Gráfico 25: Cursos realizados pelos trabalhadores.	119
Gráfico 26: Inscritos no SINE de Rondonópolis (2003 a 2007).	121
Gráfico 27: Intermediação do SINE no mercado de Rondonópolis/MT. (2003 a 2007)	122
Gráfico 28: Escolaridade no trabalho anterior.	123
Gráfico 29: Escolaridade no trabalho atual.	126
Gráfico 30: Números de escolas e alunos do nível básico e superior.	127
Gráfico 31: Idade ativa e emprego.	128

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1: População urbana e rural de Rondonópolis (1950 e 1980). _____	39
Quadro 2: Distribuição da população, por gênero e faixa etária – 1960/1970. _____	39
Quadro 3: Evolução de equipamentos públicos e privados em Rondonópolis _____	47
Quadro 4: Frota de Veículos de Rondonópolis (1956) _____	47
Quadro 5: Número de agências bancárias na microrregião de _____	53
Quadro 6: Evolução da produção de soja em Rondonópolis/MT (1986-2007) _____	57
Quadro 7: Evolução da produção do algodão Herbáceo em Rondonópolis/MT (1986-2007) _____	67
Quadro 8: Estabelecimentos nas principais cidades de Mato Grosso 2008. _____	83
Quadro 9: Empresas da microregião de Rondonópolis por setor da Economia. _____	84
Quadro 10: Evolução da oferta de emprego em Rondonópolis (2003-2007). _____	85
Quadro 11: Índice de Desenvolvimento Humano do Município _____	89

## LISTA DE TABELA

Tabela 1: Moradores da Vila Operária – Rondonópolis – MT em 1986.	32
Tabela 2: População em Idade Ativa e População Ocupada por setor de atividade 1960/1970	40
Tabela 3: Evolução da frota de Veículos em Rondonópolis. (2002-2005)	79
Tabela 4: Renda média familiar por classe econômica.	81
Tabela 5: IDH dos municípios que cederam migrantes (dois ou mais)	91
Tabela 6: IDH-E dos municípios cedentes de migrantes (dois ou mais).	93
Tabela 7: SINE Indicadores Mercado de Trabalho - Rondonópolis MT	121

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 RONDONÓPOLIS-MT: DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO.....</b>	<b>19</b>
1.2 Contextualização Histórica.....	23
1.2.3 Distrito de Vila Operária: estoque de mão de obra .....	31
1.2.4 Reconfiguração Territorial de Rondonópolis .....	35
<b>2 A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA.....</b>	<b>37</b>
2.1 A Economia urbana e o mercado de trabalho .....	43
2.1.1 Concentração bancária.....	49
2.1.2 Modernização da economia e do trabalho .....	55
2.2 O Território e a produção de novos circuitos econômicos .....	63
2.2.1 Dinâmica Produtiva do Algodão .....	66
2.2.2 A formação da cadeia produtiva do algodão .....	70
2.2.3 Competitividade .....	74
2.2.4 Territorialização da indústria têxtil e a dinâmica do emprego no setor ....	77
<b>3 O MERCADO INTERNO DE RONDONÓPOLIS.....</b>	<b>79</b>
3.1 Evolução da frota de veículos em Rondonópolis (2002-2005) .....	79
3.1.2 Classe econômica de Rondonópolis.....	81
<b>4 A DINÂMICA TERRITORIAL DO TRABALHO .....</b>	<b>83</b>
4.1 Índice de Desenvolvimento Humano .....	88
<b>5 A PESQUISA E APREENSÃO DA REALIDADE .....</b>	<b>94</b>
5.1 Trabalho e gênero .....	96
5.2 Faixa etária dos trabalhadores.....	97
5.3 Origem dos deslocamentos intraestadual .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE A - Formulário para entrevista.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE B - Formulário para entrevista individual .....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de estudos sobre a dinâmica territorial de Rondonópolis/MT. Pautou-se nos pressupostos teóricos acerca da produção do espaço e da configuração do território, onde o cotidiano da sociedade se desenrola, bem como a constituição dos objetos e os movimentos, que em diferentes momentos, caracterizaram e diferenciaram este lugar, denominado Rondonópolis.

A escolha em estudar o município de Rondonópolis recai em sua importância no contexto social, político e econômico no Estado de Mato Grosso. Como as condições históricas que tornaram esse lugar distinto e singular. Em parte, se deve à geografia que o privilegiou com acesso para diferentes regiões do país, de forma a qualificá-lo para se tornar um meio favorável para a circulação de capitais e população.

Assim, o presente estudo analisou a dinâmica territorial de Rondonópolis/MT amparado na história com o objetivo de identificar os principais momentos que repercutiram em transformações socioeconômicas e, portanto, territoriais.

Compreender o atual território de Rondonópolis implicou em conhecer, primeiramente, espaço em diferentes temporalidades “Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico [...] Há uma interdependência entre objeto e as relações” (SANTOS, 1988, p. 58). E esse espaço como sistema, a princípio desconectado, simples e lento com o tempo adquiriu novos elementos e interações produzindo novas interfaces à imagem de cada período de tempo. O resgate da história do espaço como um sistema teve como finalidade captar as causas e consequências dos diferentes territórios que existiram e que cederam lugar para a atual configuração territorial. Essa abordagem holística compreende a evolução dos objetos e ações apropriados por diferentes atores que demarcaram o espaço para dele utilizar. Nessa perspectiva, consideraram as heranças espaciais (política, economia, cultura, população, paisagem, dentre outras), as quais constituem possibilidades que tornam cada espaço singular. Tendo em vista que alguns espaços são naturalmente privilegiados pela natureza e pelos recursos locais, e, por isso, se tornam atraentes aos atores hegemônicos.

Os lugares se distinguiram pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e organizacional (leis

locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral). Essa eficácia mercantil não é um dado absoluto do lugar, mas se refere a um determinado produto e não a um produto qualquer (SANTOS, 1997, p. 197).

A partir da historicidade de Rondonópolis, a pesquisa demonstrou as relações sociais criadas no tecido urbano, especificamente, aquelas resultantes dos conteúdos técnicos e econômicos que dinamizam a cidade. “O espaço urbano reúne áreas com os mais diversos conteúdos técnicos e socioeconômicos [...] Desse modo, tais cidades abrigam todos os tipos de capital e todos os tipos de trabalho. É esta, aliás, sua riqueza. (SANTOS, 1997, p.245)”. Sobre o espaço rural e as atividades econômicas, nele existentes, descobrem-se novas rupturas e continuidades, porquanto, “[...] a agricultura rural também está integrada a cidade (LOCATEL & HEPANHOL, 2009, p. 219)”. Considerou-se em toda pesquisa, que a economia urbana está integrada nos diferentes espaços econômicos aparentemente contraditórios, como o rural e urbano, os quais se encontram, economicamente, unidos pelo território. O território, assim, é capaz de unir pedaços de espaços dantes considerados contraditórios. Nesse sentido expõe Raffestin (2009, p. 19): “É evidente que os territórios são criados através de uma simbiose entre o mundo agrícola e o mundo urbano”.

Em relação ao território é pertinente indagar:

- a) Quem o controla?;
- b) Quais as relações que o dinamizam e constitui a base do seu desenvolvimento?;
- c) Quais são as principais características de Rondonópolis?;
- d) Por que Rondonópolis é polo de desenvolvimento econômico na região sudeste de Mato Grosso?

Nessa perspectiva, o território é uma região controlada e planejada para determinado tipo de crescimento.

Desta forma, também, indagou-se:

- a) Se, o crescimento é econômico, de que forma a economia local é desenvolvida e articulada no território pelo mercado de emprego e na rede territorial do trabalho no Brasil?
- b) Como os crescimentos econômicos e populacionais estão relacionados em Rondonópolis?

Essas perguntas foram respondidas mediante análise do mercado de trabalho em Rondonópolis. Especificamente, pela pesquisa de campo em diferentes indústrias instaladas no município e que constituem a economia secundária local.

A partir dos dados coletados em campo sobre o mercado de emprego no setor secundário da economia local, compreender a conexão e interação territorial que o município de Rondonópolis exerce na rede territorial do Trabalho no Brasil.

Em referência e dinâmica de Rondonópolis na rede territorial do Trabalho no Brasil, analisou-se o fenômeno da desterritorialização e territorialização da classe trabalhadora no município local.

Nesta pesquisa se priorizou como objetivo geral analisar a dinâmica territorial e o mercado de trabalho na economia em Rondonópolis, assim como o crescimento da economia e a modernização das relações de trabalho que explicaram na reestruturação produtiva local. Pois entendeu-se que as novas exigências de empregabilidade no mercado e as alterações dos perfis profissionais que se prescrevem representam as mudanças nas relações de trabalho. A partir da produção territorial no campo e a formação de novas atividades econômicas na cidade como indicadores de novos mecanismos territoriais existentes em Rondonópolis. E a competitividade dos territórios, e nesses, a mobilidade dos trabalhadores em busca de melhores oportunidades de emprego e a empregabilidade para a classe trabalhadora. Também, os investimentos necessários para aquisição de conhecimentos e competitividade na economia em Rondonópolis/MT constituem elementos fundamentais para compreender o território.

Quanto aos objetivos específicos foram definidos os que se apresentam:

- a) Compreender a mobilidade social que Rondonópolis exerce na rede territorial do trabalho no Brasil;
- b) Compreender a formação social, cultural e identitária de Rondonópolis/MT;
- c) Identificar as causas do deslocamento social de trabalhadores para Rondonópolis/MT;
- d) Identificar o período do surgimento da classe operária em Rondonópolis/MT;
- e) Identificar os processos que caracterizam as territorializações, desterritorializações e reterritorialização em Rondonópolis/MT;
- f) Compreender o desenvolvimento territorial e a expansão das atividades econômicas.

Para elaboração do presente estudo foram realizados levantamentos bibliográficos com ênfase em Santos (1985, 1998, 2005, 2006); Corrêa (2003); Singer (1988, 1998); Haesbaert (2006); os quais contribuíram para o entendimento das categorias espaciais, território, classes sociais, mobilidade, força de produção, escolaridade, qualificação profissional, competitividade e emprego.

A escolha da área de estudo é o município de Rondonópolis, em decorrência da dinâmica socioeconômica que se verifica em seu território. Os elementos analisados foram: industrialização, crescimento demográfico, classe empresarial, instituições de ensino, centros de apoio ao empreendedor SEBRAE e centros de apoio ao trabalhador como SINE (Sistema Nacional de Emprego), dentre outros.

Além dessas fontes, outras, como de periódicos e endereços eletrônicos, foram recursos também utilizados, que contribuíram para a compreensão do perfil do profissional rondonopolitano, na constituição de sua formação profissional básica, técnica, superior e específica, compreendendo o seu comportamento e a lógica do mercado local de trabalho.

Dentre os indicadores quantitativos necessários para avaliar a qualificação, competitividade e emprego, estão as informações presentes no CAGED/Ministério do Trabalho, fornecidos pelo SINE, dados do IBGE, etc.

Uma vez obtidos, os dados necessários passaram por uma análise qualitativa e representação quantitativa (por meio de Quadros e Gráficos), permitindo, assim, obter um diagnóstico real de como se apresenta o emprego, e os requisitos básicos requeridos pelo mercado de trabalho.

As metodologias utilizadas em todo trabalho preferiu-se explicitá-las em seus respectivos textos com o objetivo de expor a teoria e a pesquisa desenvolvida e as considerações pertinentes.

O trabalho foi estruturado, além da Introdução, Metodologia, Considerações Finais e Referências, em cinco (5) partes. A Parte 1 consiste na Caracterização geográfica e territorial de Rondonópolis-MT, na qual se apresenta pela configuração física do território. Assim, a posição geográfica do município de Rondonópolis em relação ao hemisfério, portanto, Brasil, e ao Estado de Mato Grosso ao qual pertence. As principais estruturas de comunicação e circulação territoriais. As políticas de planejamento e desenvolvimento que acompanham as transformações territoriais no mundo, com objetivo de responder as necessidades criadas pela economia moderna.

Na Parte 2 se apresenta a Contextualização histórica: do espaço ao território em Rondonópolis, onde se discute os primeiros fenômenos espaciais como a geografia do lugar. Destacou-se a dinâmica migratória, o adensamento populacional, as transformações sociais, políticas e econômicas. Nisso, o estabelecimento da cidade e da classe trabalhadora urbana, os quais, que por um período de aproximadamente 70 anos, se desenvolveram e se definiram no território. Definição essa, caracterizada pelo agronegócio.

O entendimento e análise da modernização da agricultura em Rondonópolis compreende a Parte 3 do trabalho, momento em que se discutiu sobre o desenvolvimento induzido do território. A partir desse momento foram identificados os principais atores territoriais. Nessa perspectiva, a economia industrial, representada pelo setor secundário, aparece como símbolo do controle sobre o território. Domínio este, caracterizado pelo capital global; por isso, o território em rede acompanha as transformações das relações de trabalho e do mercado. Nesse contexto, compreendeu-se como uma atividade econômica, a exemplo da cultura do algodão, é planejada pelos atores territoriais e artificialmente criada. Tais atividades são desenvolvidas no território e cumpre a função de fomentar e desenvolver a economia das localidades. Em geral, as localidades que artificializam suas economias, procuram exercer vantagens competitivas sobre os demais territórios econômicos.

Já na parte 4 abordou-se a potencialidade do mercado interno de Rondonópolis e a dinâmica territorial do trabalho, onde se analisou a dinâmica do mercado de trabalho local e as interações econômicas que o município de Rondonópolis exerce na rede territorial do trabalho no Brasil, especialmente, em Mato Grosso. Nisso, os processos de territorialização e desterritorialização de trabalhadores no território local são elementos que integram o processo de interação territorial e a dinâmica da economia pós-moderna. Nesse sentido, analisou-se a competitividade dos territórios e suas implicações no (re) direcionamento da população migrante, principalmente de trabalhadores em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Enquanto que na parte 5, analisou-se a apreensão da realidade no mercado de trabalho em Rondonópolis/MT. A pesquisa de campo colheu dados quanto à dinâmica dos trabalhadores no mercado do setor secundário da economia de Rondonópolis. Essa dinâmica compreende a relação trabalho e gênero nas

ocupações de empregos, isto é, a utilização de homens e mulheres nas indústrias locais. Pesquisou-se sobre a origem e os motivos de centenas de trabalhadores migrantes que se estabeleceram em Rondonópolis em busca de melhores oportunidades de emprego. Os ocupações e ganhos salariais dos trabalhadores nas diferentes ocupações de emprego, nisso, a mobilidade entre os três setores da economia local: primário, secundário e terciário. As disparidades entre as novas exigências e as qualificações requeridas no mercado de trabalho e a realidade daqueles que vivem da força do trabalho. Por fim, se discutiu a dinâmica da economia de Rondonópolis e suas repercussões no mercado de emprego local.

## 1 RONDONÓPOLIS-MT: DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO

“[...] na produção humana há a produção do espaço”  
(SANTOS, 1988, p.64).

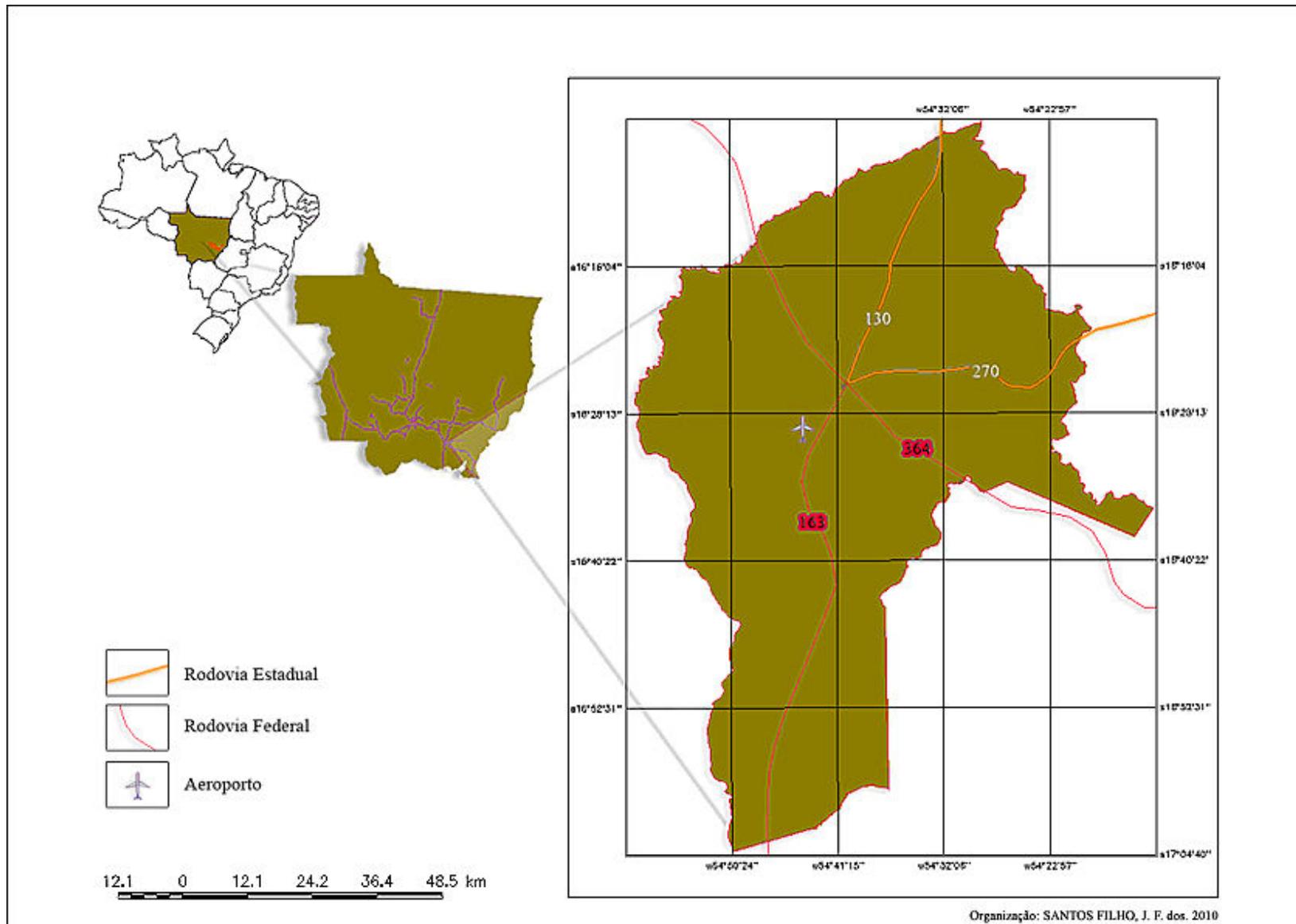
“[...] o território é a prisão que os homens constroem para si”.  
(RAFFESTIN, 1993. p.144).

Rondonópolis é um dos 141 municípios de Mato Grosso. Possui uma área de 4.165 km<sup>2</sup>, compreendida em duas zonas: urbana com 129,2km<sup>2</sup> e rural, com área de 4.035,8 km<sup>2</sup>. Situa-se entre as coordenadas: 54°44′59″W e 16° 22′38″S (Brasil Sargas, 2000). Rondonópolis, segundo o IBGE, é um Subcentro Regional. É a terceira cidade do Estado em número de habitantes com 195.550 hab, atrás de Cuiabá, com 551.350 habitantes e Várzea Grande, 252.709 habitantes. Ambas apresentam fenômenos de conurbação (IBGE, 2010).

O município é cortado por duas rodovias federais. Fazem entroncamento de mão única na BR-163, rodovia longitudinal que interliga São Paulo (SP), Campo Grande (MS), Rondonópolis (MT), Cuiabá (MT) e Santarém (PA); e BR-364, rodovia diagonal, que conecta Uberlândia (MG), Brasília (DF), Rondonópolis (MT), Cuiabá (MT) e Porto Velho (RO), como indica a Mapa 1.

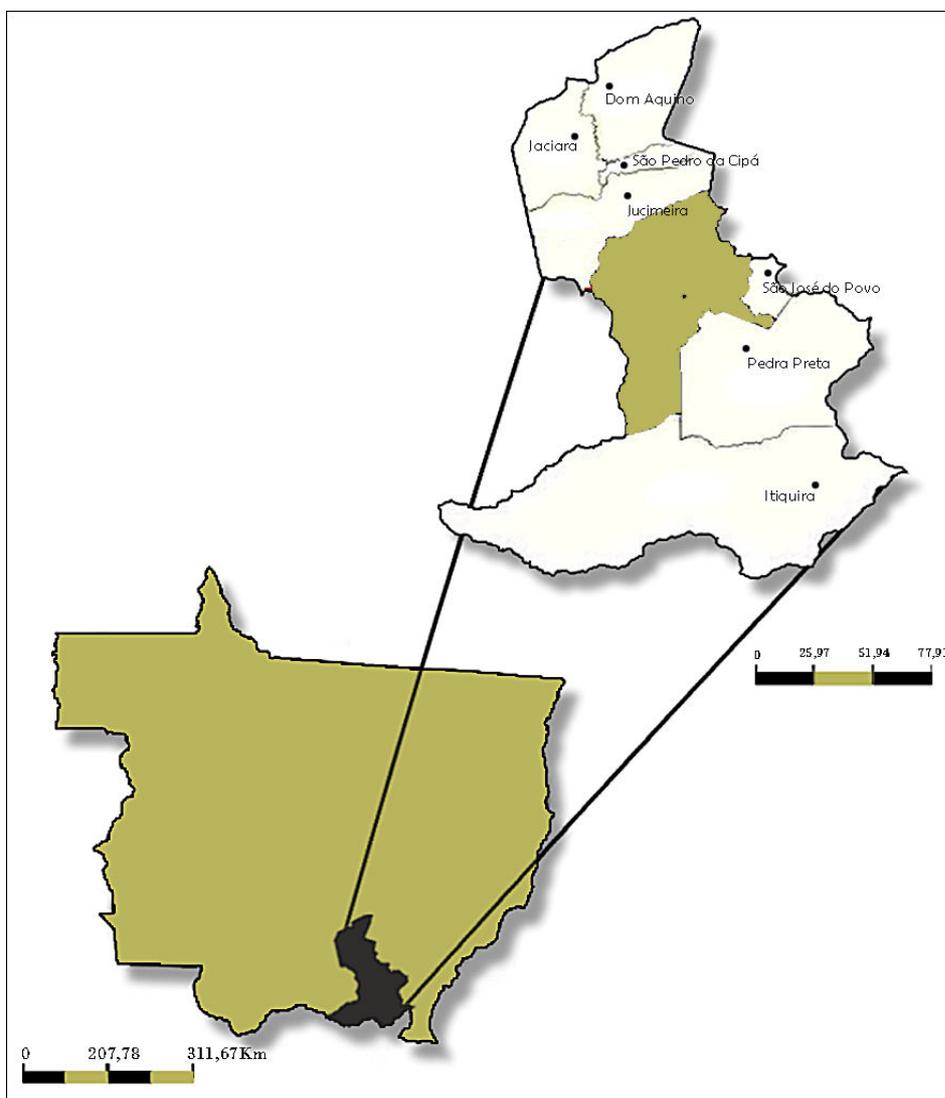
No município está o principal eixo rodoviário do Estado, ao interligar as regiões Norte e Sul, pois constitui importante nó na rede de integração nacional das fronteiras demográficas e econômicas do país.

Pela malha viária estadual de Rondonópolis, se tem acesso a importantes municípios mato-grossenses: a MT 130 – Rondonópolis, Poxoréo, Primavera do Leste e Rodovia 480; MT 270 – Rondonópolis, São José do Povo, Guiratinga (Mapa 1).



Mapa 1: Localização de Rondonópolis-MT.  
Fonte: SIRGAS, 2000.

A Microrregião de Rondonópolis é constituída por 7 (sete) municípios, como mostra o Mapa 2, que são: Jaciara, Dom Aquino, Itiquira, São Pedro da Cipa, Juscimeira, Pedra Preta, São José do Povo. Perfaz uma área de 23.854.413km<sup>2</sup> e uma população de 252.949 habitantes (DOSSIÊ de RONDONÓPOLIS, 2008, p.68).



Mapa 2: Microrregião de Rondonópolis.  
Org.: Santos Filho, 2010.

A capacidade de participar de projetos de empreendimentos impõe ao território uma contínua necessidade de modernização, absorvendo novas infraestruturas. Assim, ao ser contemplado pelo governo Federal, recebeu em 2005 do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) um investimento de R\$166 milhões para recuperação e modernização do sistema de abastecimento de água tratada e de esgotamento sanitário. De forma prioritária, os recursos do PAC foram destinados à duplicação de 450 km da BR 163/364 de Rondonópolis ao Posto do Gil

(Diamantino/MT). As obras de estruturação iniciaram em 30/12/2009 com trechos já concluídos 12/03/2010, na Serra de São Vicente, que liga Rondonópolis a Cuiabá (DNIT, 2010; SODRÉ, 2010).

Segundo o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), com o uso de tecnologia whitetopping<sup>1</sup>, foram restaurados 10Km de pista em concreto de 23 cm de espessura, tecnicamente recomendado à região de tráfego de veículos pesados. O projeto de duplicação rodoviário aumentará capacidade de escoamento<sup>2</sup> da produção. Haja vista, que Rondonópolis é conhecida como a capital nacional do *bitrem* com uma “frota municipal de 5 mil veículos, administrada por cerca de 160 transportadoras, que geram 7 mil empregos e 21 mil indiretos” (DOSSIÊ de RONDONÓPOLIS, 2010, p. 65). A velocidade e o volume de negócios e empreendimentos que são realizados no município criam necessidades de acompanhar as acelerações atuais.

Acredita-se que a instalação da Ferronorte em Rondonópolis aumentará a logística para o escoamento da produção, fazendo do município um importante eixo multimodal rodoviário/ferroviário no estado de Mato Grosso e permitindo o barateamento do frete. Em relação à rede territorial, aumentará a integração econômica e a competitividade do município.

A necessidade de transportes de rapidez é maior pela concentração de atividades, envolve diversos empreendimentos bem como a realização de eventos políticos, desportivos e de negócios. Destaca-se que na Copa de 2014, o município atenderá aos turistas e certamente abrigará seleções participantes do mundial. Há o Aeroporto Municipal Maestro Marinho Franco, localizado a 16 km do centro da cidade. A empresa responsável pela linha aérea é a TRIP (Transporte Aéreo Regional do Interior Paulista), companhia aérea brasileira. “As companhias aéreas têm sido atraídas para o Centro-Oeste, principalmente em função do desenvolvimento trazido pelo agronegócio”, explica Apostole, presidente da Abetar (Associação Brasileira das Empresas de Transporte Aéreo Regional) (SECOM-MT, 29 mar. 2002; GONÇALVES, 10 jul. 2010).

---

<sup>1</sup> Whitetopping é um pavimento de concreto de cimento Portland superposto a um pavimento flexível existente, tendo este último à função de Sub-Base. Como nos pavimentos de concreto simples usuais, as tensões solicitantes são combatidas tão somente pelo próprio concreto, não havendo nenhum tipo de armadura distribuída. Não se considera como armadura, neste caso, eventuais sistemas de ligação ou de transmissão de carga entre as placas limitadas pelas juntas longitudinais e transversais e as armaduras destinadas a combater a fissuração por retração. (DNIT, 2004, p.3).

Pelo fato de Rondonópolis ter o codinome de “Capital do Agrobusiness de Mato Grosso” (STURZA e MACHADO, 2006, p.341) e ser um município muito dinâmico no contexto mato-grossense, criam-se novas redes de informações, de interesses e de conectividade de modo seletivo qualificando os espaços. Por conseguinte, define territórios e delineiam territorialidades.

A formação territorial de Rondonópolis é recente. As redes de interações (circulação de pessoas, mercadorias e informações) desenvolveram-se e se dinamizaram com avanço das fronteiras agrícola e demográfica na década de 1970.

Os novos circuitos de integração socioeconômica colocaram o território local em uma posição subalterna com a função de suprir com matéria-prima os centros industrializados do país. Nesse sentido, busca-se a compreensão da dinâmica territorial Rondonópolis, considerando não apenas o aspecto econômico, mas os processos que o qualificaram como polo de desenvolvimento, como a dinâmica social e o papel dos fixos e fluxos espaciais, que permitem a circulação e movimento das firmas, pessoas, circulação de mercadorias, dentre outros. O povoamento de Rondonópolis é um caso especial no contexto dos municípios mato-grossenses, pois seu povoamento se deu pela migração espontânea, ao contrário de alguns, cujas riquezas auríferas atraíram fluxos de migrantes, como é o caso de Poxoréo, Diamantino e Arenópolis, ou então, pela colonização privada como ocorreu em Sinop, Sorriso, Tangará da Serra e Alta Floresta<sup>3</sup>.

## 1.2 Contextualização Histórica

Faz-se necessário resgatar o histórico da apropriação e produção do espaço para entender as temporalidades de ações e objetos que constituem a geografia de Rondonópolis. Nesse sentido, buscou-se compreender de que modo as ações e os objetos se adensaram no espaço, por conseguinte, esses elementos, nos revelam como se deu o ordenamento territorial, ou seja, as formas de apropriação e controle desse espaço revelam o desenvolvimento local, bem como a construção das identidades territoriais.

---

<sup>3</sup> Cf. sobre o projeto da IDECO e a implantação de colonização em: **Revista do Programa de Ciências Agro-ambientais**, Alta Floresta, v.2, n.1, p.71-82, 2003. Disponível em: <[http://www.unemat.br/revistas/rcaa/docs/vol2/6\\_comunicacao\\_v2.pdf](http://www.unemat.br/revistas/rcaa/docs/vol2/6_comunicacao_v2.pdf)>. Acesso em: 20. ago. 2010.

Por muito tempo a região Centro-Oeste permaneceu isolada do restante do país. O espaço que compreende o atual Estado de Mato Grosso fez parte desse confinamento espacial. À sua semelhança e imagem, a constituição do município de Rondonópolis reflete as contradições de seu tempo. Essas heranças fizeram de Rondonópolis um espaço singular no mapa sociopolítico de Mato Grosso. Santos afirmou que o estudo de uma região deve detalhar a sua composição social, por meio do reconhecimento dos fatos que preexistiram, a fim de apreender o contexto fenomenológico, como se apresenta:

Num estudo regional deve-se tentar detalhar sua composição enquanto organização política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos para reconhecer como a área se insere na ordem internacional, levando em conta o preexistente e o novo para captar o elenco de causas e conseqüências do fenômeno (SANTOS 1988, p. 48).

As temporalidades que perpassam a história do município de Rondonópolis começam a ser processadas no final do Século XIX.

Nesse período os movimentos espaciais estavam orientados para expansão dos domínios políticos e econômicos. Durante o governo de Antônio Correia da Costa, ocorreram expedições de reconhecimento do Estado de Mato Grosso, visando o estudo da potamografia<sup>4</sup> regional, incluindo as terras que compreendem o atual município de Rondonópolis.

As missões visavam descobrir rotas fluviais entre o rio Itiquira/MT (principal afluente do Rio Paraná) e o rio das Garças/MT, “fazendo conexão entre as bacias do Amazonas (sic) e do Paraguai”, para estabelecer rotas comerciais, como expressou Michael Baxter<sup>5</sup> (apud CARMO, 2005, p. 66), mas a integração não ocorreu, todavia os conhecimentos levantados contribuíram para futuras ocupações desses espaços, como foi o caso de Rondonópolis.

A expedição de reconhecimento dos rios, chefiada por Antônio Cândido, cognominado de “descobridor do rio Vermelho”, teve resultados significativos para as transformações socioespaciais que ocorreram na região, cujas atividades estão registradas nos anais da história de Rondonópolis. Em 04/07/1897 a expedição descobriu o rio Vermelho e a cidade se ergueu no seu entorno (Idem, 2005, p. 66).

---

<sup>4</sup> Potamografia é estudo dos rios compreendendo a descrição, cf. Dicionário Michaelis, 2010.

<sup>5</sup> Historiador norte-americano que escreveu sobre o garimpo em Poxoréo.

Na medida em que o homem ia desbravando aquelas terras, a história de Rondonópolis conhecia suas temporalidades e a configuração do espaço ia-se se desenhando. Naquele momento e contexto político e territorial de Mato Grosso, o Estado entrou em conflito com Goiás disputando territórios limítrofes. Sobre esse momento o historiador C. Santos (2007, p.29), argumenta:

Goiás reclamava então contra os limites estabelecidos entre seu território e Mato Grosso. Pretendia que o marco divisório fosse o rio das Mortes, afluente do Araguaia. Se o governo goiano fosse atendido pelo governo imperial, mediador e juiz desse conflito, o rio Araguaia seria de todo pertencente à Província de Goiás.

Mediante tais divergências e impasses se vislumbrou a necessidade de uma política de ocupação para região leste de Mato Grosso. Essa proposta levou o então governador de Mato Grosso, Antônio Correia da Costa a incursões, criando territorialidades por meio de implementações de obras, a fim de se manter os limites existentes, conforme se apresenta:

A importância do povoamento no leste de Mato Grosso tornou-se aparente durante a década de 1890, quando Goiás questionou a validade do Rio Araguaia como sendo a fronteira ente Mato Grosso e Goiás. Em respostas a estas reclamações, o governador de Mato Grosso (engenheiro Antônio Correia da Costa) preocupou-se em estabelecer **sinais de povoamento** na região disputada. Em 1895, José Thiago de Carvalho ganhou um contrato para construir uma rodovia desde o rio São Lourenço (**próximo a Rondonópolis**) para o Araguaia, no caminho da divisa entre o rio das Garças e o rio Itiquira (MICHEL BAXTER apud CARMO, 2005, p.66) (grifo nosso).

É preciso salientar a força dos fatos que ali convergiam. A preeminência que a porção leste passou a ocupar no contexto territorial de Mato Grosso durante o governo de Antônio Corrêa da Costa foi expressa por Mendonça apud (CARMO, 2005, p.66): “[...] defendeu largamente os direitos de Mato Grosso à região leste, pretendida por Goiás [...] pelo que caberia mais tarde, desligar. Construiu pontes e estradas”. O território encontrara seu sistema de ações (SANTOS, 1997) que possibilitou a produção do espaço geográfico na região Sudeste do estado. “Estava claro que o leste de Mato Grosso não estava mais esquecido” (Idem, p.66).

O encontro dessas temporalidades (tempo de migração, tempo de construção, tempo de fazer política) caracterizou as mudanças e o desenvolvimento embrionário desses espaços pelas diferentes territorialidades. É fundamental admitir que a atual configuração do Estado se processasse no encontro desses tempos.

Mas o que tudo representou na história de Rondonópolis? A construção do espaço geográfico no interior de Mato Grosso, pelo então governo Fernando Corrêa da Costa e a sua ocupação, consistiram em acontecimentos importantes para a compreensão da temporalidade dos diferentes territórios que se estabeleceram, a fim de compreender a sucessão de eventos e ações espaciais “As duas categorias, objeto e ação, materialidade e evento, devem ser tratadas unitariamente. Os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente” (SANTOS 1997, p.86).

Ressalte-se que a abertura de estradas foi seguida por manchas de povoamento na região fronteira entre Mato Grosso e Goiás, na área de influência do rio Araguaia. Nos anos de 1900, o território de Mato Grosso detinha uma superfície de 1.516.000km<sup>2</sup>, com uma população de 30,0 mil habitantes, o que apresenta uma densidade de 0,02 habitantes/km<sup>2</sup> distribuída entre 06 (seis) cidades e dez vilas, até então, Rondonópolis não existia. No entanto, no interior do Estado, a região sudeste do atual de Mato Grosso (desmembrado de Mato Grosso do Sul), ganhava movimento e novas feições. Aos poucos os espaços foram sendo ocupados e precariamente territorializados, e por fim chegaram os primeiros migrantes em Rondonópolis.

Depois de estabelecer uma sucessão de eventos e ações intencionais no espaço que se formou de maneira sistêmica, buscou-se avançar no sentido de se compreender a evolução territorial.

A produção territorial de Rondonópolis, das terras que compreendem o atual município, começou com a chegada dos primeiros migrantes no início do século XX.

Foram criadores de gado, os quais partiram de Palmeiras do Estado de Goiás, em busca de terras para expandir suas atividades. Estabeleceram-se às margens do rio Poguba - rio Vermelho, lugar favorável ao desenvolvimento da pecuária. Aos poucos, outras famílias foram agregadas ao lugar, atingindo um número razoável de pessoas, as quais deram origem à comunidade Povoação<sup>6</sup> do Rio Vermelho em 1902.

A criação da Vila de Rondonópolis ocorreu em 10/08/1915, pela Lei nº 395, assinada pelo presidente de Estado, Dr. Joaquim da Costa Marques. Essa lei previa a doação de uma reserva de dois mil hectares para a colonização da Povoação do Rio Vermelho. Em 1918 foi entregue pelo tenente Otávio Pitaluga, agrimensor da

---

<sup>6</sup> Conforme o historiador Carmo, A. a comunidade era reconhecida pelo nome: Povoação do Rio Vermelho, 2005.

Comissão Rondon, o primeiro Código de Posturas de Rondonópolis, considerado moderno para sua época, o qual abrangia três áreas distintas, a saber: a) zona Urbana - reservada as construções residenciais; b) zona Suburbana – perímetro que se estendia numa faixa de 1 km do entorno da área urbana; e c) zona Rural destinado ao rocio da povoação.

Ainda nesse ano, Otávio Pitaluga sugeriu a mudança do nome da Povoação do Rio Vermelho para Rondonópolis, em alusão ao amigo Marechal Rondon, que foi acatada pela população<sup>7</sup>. O nome Rondonópolis foi oficializado e aprovado pela Assembléia Legislativa sob a Resolução nº 814 em 03/10/1920, que foi reconhecida como vila. Posteriormente foi elevada à condição de Distrito de Santo Antônio do Leverger e Comarca de Cuiabá.

Entre os anos de 1920 a 1947, Rondonópolis vivenciou instabilidades com decréscimo populacional, em decorrência da introdução de atividades pré-mecânicas, pois até então dependiam da natureza para sobreviver. Esses períodos marcaram a vida local. Desprovidos de assistencialismo do governo foram vitimados por severas doenças e epidemias, como o fogo selvagem.

A pecuária em Rondonópolis no início do Século XX era a atividade predominante. A descoberta de jazidas de diamante e ouro em Poxoréo em 1924 marcou o povoamento dessa cidade. Todavia, transformou Rondonópolis em via de acesso às zonas mineradoras. Em vistas do enriquecimento que a atividade prometia, as famílias migraram para Poxoréo.

Em decorrência disso, Rondonópolis entrou em decadência populacional: “A tal ponto de não ter sido registrado nenhum nascimento no local no ano de 1930” (TESORO, 1993, p.39). A comunidade se esvaziou: “[...] a rigor, não mais existia povoado, pois foi reduzido a três ou quatro famílias” (CARMO, 2005, p.113). A inversão dos movimentos migratórios para novas frentes econômicas, como as zonas mineradoras, vão desenhando novos espaços geográficos e configurando municípios nessa região. Os territórios foram marcados por sucessões socioeconômicas e territorialidades que se cristalizaram no espaço, principalmente pela urbanidade. É oportuno lembrar se não seria esses movimentos socioeconômicos responsáveis pela atual configuração territorial de Mato Grosso – pós-divisão do Estado em 1977. Sobretudo, se pode admitir a gênese da

---

<sup>7</sup> Concordamos com Carmo (2005, p.84-93). O nome Rondonópolis não teve fins políticos e tampouco pouco foi uma imposição. O homem Marechal Rondon era admirado pela maioria da população.

configuração territorial de Rondonópolis, posto que a Rodovia MT 130, que sai de Rondonópolis e interliga Poxoréo, resultou desse processo.

Até esse momento, o território era precário e não tinha as atuais configurações. A história confirma que abandono do vilarejo enfraqueceu a organização comunitária, o que provocou o deslocamento progressivo da população para zonas mineradoras, como em Poxoréo, ao passo que a população deste, cresceu. O aumento populacional de Poxoréo centralizou a região entorno de si. Fato este, que em 26 de outubro de 1938 pelo Decreto-lei nº 208, Rondonópolis deixava de ser Distrito de Santo Antonio de Leverger e tornou-se Distrito de Poxoréo, o qual passava a decidir os assuntos da região, menos os relativos à terra, que continuavam sob jurisdição de Cuiabá (CARMO, 2005; CURY, 1973; TESORO, 1993, 1997).

Rondonópolis, durante o período da constituição de seu espaço, permaneceu numa posição subalterna na região pelo dinamismo que as demais localidades exerciam ao seu redor. A fragilidade de seu território estava relacionada à forma como a economia local era desenvolvida, cujas motivações políticas e sociais eram praticamente inexpressíveis no contexto regional.

Em 1947, o território precarizado pelo esvaziamento populacional foi dotado de funcionalidade social, mediado pela política de povoamento e de produção de alimentos. O Estado, como agente territorializador, foi indutor dos fluxos migratórios e do povoamento local. Ao lançar o programa de terras devolutas para colonização, captou fluxos de migrantes e os atraiu para a região. Nessa perspectiva Raffestin (1993, p. 79) enfatiza que:

O Estado, que visa o povoamento de uma região, de uma zona, talvez escolha a imigração se quiser realizar o seu programa num lapso de tempo dado. Nesse caso a escolha depende do tempo disponível, da dimensão do espaço e dos meios.

O surto migratório deste momento perdurou até aos anos de 1950/1960. Foram criadas colônias (Lei n.º 336 de 1949) que tinham a finalidade de povoar e aumentar a produção de alimento em Mato Grosso (MORENO; HIGA et al. 2005, p.35). Assim foram fundadas, próximas a Rondonópolis, as colônias de Mata Grande, Campo Limpo, Macaco, Naboreiro e Paulista (TESORO, 1997, p.51, 52). Já em 1950, a contagem censitária revelou um número de 2.888 habitantes em Rondonópolis. O crescimento demográfico nesse período foi decisivo na história do

município. Fato que determinou a emancipação política do distrito em 10/12/1953, pelo Decreto-Lei nº 666. Contudo, somente em 13 de junho de 1959, foi instalado o Fórum e o Cartório de Registro de Imóveis de Cuiabá, recebendo autonomia para decidir sobre “as questões do poder Judiciário e de terras do Município” (TESORO, 1997, p.69).

Conforme Sturza e Machado (2006, p. 342) o aumento do fluxo migratório em Rondonópolis destacou-se em dois períodos: nos anos de 1960 a 1970, em que o aumento populacional de Rondonópolis foi de 177,3%, acima dos 75,54% do estado de Mato Grosso e dos 32,92% do país. O crescimento populacional do município resultou então da colonização de terras devolutas. O segundo período de crescimento populacional em Rondonópolis ocorreu nos anos de 1980 a 1990. Registrando um aumento menor em relação ao primeiro, a população cresceu 75,26%, próximo ao crescimento do Estado, que foi de 77,62%, superando o nacional, que era de 25,15%.

É importante destacar, que os anos de 1960 a 1970 foram precedidos de uma série de reestruturações políticas e sociais que permitiram o crescimento populacional do município nas décadas seguintes, de acordo com Tesoro (1997, p.52):

Em 1949, a notícia de que o governador de Mato Grosso estava doando lotes de 20 a 50 hectares, em Rondonópolis, se espalhou e atraiu milhares de pessoas do país inteiro. Principalmente os paulistas, mineiros e nordestinos da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco. Também atraiu os garimpeiros fixados em Poxoréo, que na época estava em decadência... O fato é que, em pouco tempo, a população de Rondonópolis cresceu tanto que chegou a somar 2.888 habitantes em 1950.

Nesse aspecto, Veloso (apud TESORO, 1993, p.28-29), comenta:

A partir da Lei 336/49, o Estado, através do governador Arnaldo Estevão de Figueiredo, estabelece as condições legais para **aquisição das terras devolutas**, e uma avalanche de gente se projeta para aquele pouco antes desconhecido vale: “especialmente nordestinos (baianos e cearenses) que já **tinham trabalhado em São Paulo** ou no Paraná, mineiros e capixabas provenientes das **áreas de cafezais erradicados** e os naturais do próprio Estado (antigos garimpeiros de Cuiabá, alto Araguaia e Poxoréo); entraram na área também, em menor proporção descendentes de italianos, japoneses e espanhóis, antigos colonos de café da zona da Noroeste de São Paulo, além de paranaenses do noroeste do Estado (Paranavaí) e os goianos do sudeste (Jataí) constituindo forte fluxo de antigos pequenos sítiantes, assalariados rurais, parceiros ou arrendatários principalmente (grifo nosso).

Esses migrantes eram, em sua maioria, trabalhadores que pela modernização da agricultura em São Paulo e no sul do Brasil, sofreram processo de desterritorialização do trabalho. Encontraram em Rondonópolis o acesso à terra, condição inicial para territorializarem sonhos e formas de trabalho.

As terras devolutas, ao serem doadas, formaram-se lotes (glebas). Contudo, esses migrantes não conseguiram territorializar suas culturas, por não possuírem o conhecimento necessário para lidar com o tipo de solo do cerrado, pela ausência de apoio técnico, de financiamento e de incentivos fiscais. A falta de uma política voltada para o pequeno agricultor os levou ao fracasso no campo. O autor enfatiza que:

É mister considerar que, de 1947 até meados dos anos 50, os pequenos produtores que se estabelecem são, na sua maioria, de procedência nordestina ou de zonas de garimpo de Mato Grosso e se dedicam a produzir culturas tradicionais (mandioca, milho, feijão, arroz, algodão) e a cria e recria de gado para o consumo de carne e leite; contingente de mentalidade arraigada à produção familiar, com baixa produtividade e em pequena monta, mesmo porque, às vezes não conseguiam sequer o bastante para prover o sustento da própria casa (TESORO, 1993 p.85).

Sobre esse momento, o entendimento era que a existência de uma classe de migrantes desprovidos de um perfil empreendedor capitalista, logo, de suas mãos, não se esperavam o desenvolvimento econômico do município. Assim se expressa Andrade (1987, p.30) sobre essa questão: “o desenvolvimento é a combinação de mudanças mentais e sociais de uma população que a tornam apta a fazer crescer, cumulativamente e duravelmente, seu produto real global”. A esses migrantes cumpria-se a função de povoamento e de formação de reserva de mão de obra para a agricultura moderna, que haveria de se instalar na região na década de 1970.

Na verdade, o que o “sistema” esperava deles era que desmatassem as terras e abastecessem o mercado com suas roças de feijão, arroz, milho, mandioca, algodão; e isto enquanto pudessem manter seus lotes. O fato é que o processo de aglutinação das glebas pelos fazendeiros e a inexistência de uma política que favorecesse as necessidades básicas do pequeno produtor, fizeram com que estes não se fixassem por muito tempo à terra, empurrando-os para cidade ou para novas frentes de trabalho, neste ou em outros Estados (Idem, 1993, 77, 78).

A política nessa época foi utilizada como instrumento de transformação e conversão do homem migrante em trabalhador rural, e, posteriormente, utilizá-lo nas instalações industriais. Na medida em que os migrantes chegavam em grandes

levas para Rondonópolis, atraídos pela política de terras devolutas, a região que estava sendo amplamente ocupada já carecia de mão de obra na agricultura e na formação de pastagem. Em vista disso, o governo retirou o direito de acesso às terras devolutas dos migrantes que chegavam, os quais eram transformados em trabalhadores assalariados, como salientou Cury (1971, p.88):

[...] no início dos anos 50, a nova política do Governo extinguiu o sistema de doação de lotes de terras devolutas no Estado, medida que permite que a leva de migrantes que chegava em ROO<sup>8</sup> formasse um verdadeiro exército de mão de obra disponível para a lavoura [...] A grande quantidade de mato na região e a falta de mecanização da lavoura requisitava muitos braços, tanto para o desmatamento quanto para a roça e formação de pastos.

Nesse contexto, se insere o espaço, agora onde se territorializam os produtores apoiado pelo Estado, que os utiliza como reprodução da força de trabalho, como será discutido a seguir.

### **1.2.3 Distrito de Vila Operária: estoque de mão de obra**

A reorganização do território em Rondonópolis teve maior representatividade, após a emancipação política de Poxoréo. Na administração de Daniel Martins de Moura, primeiro prefeito eleito do recém-criado município de Rondonópolis (1953), deu-se início a política de industrialização. Lançavam-se os primeiros fundamentos da indústria local que era o estoque de mão de obra “porque havia expectativa de fazer de Rondonópolis uma cidade industrial, necessitando, portanto, da formação de mão de obra para a indústria” (UFMT-CPR, 1988, p. 7).

Em razão disso, foi criado o primeiro distrito municipal denominado Vila Operária São José, regulamentado pela Lei Municipal nº 01 de 25/04/1955, assinado pelo então prefeito. O referido distrito era agrupado em bairros, agrupamentos e loteamentos. Sua sede – a sede do distrito – Vila Operária tinha uma estrutura original que consistia em 6 (seis) ruas e 9 (nove) avenidas. O agrupamento tinha a função de abrigar os novos imigrantes atraídos pela política de terras devolutas, e dar solução aos pequenos proprietários, antigos posseiros de Mata Grande e

---

<sup>8</sup> ROO abreviatura de Rondonópolis

Macaco, que pressionados por fazendeiros, venderam suas terras e, ao mesmo tempo, foram deslocados para o trabalho nas áreas rurais.

Na medida em que os fluxos de migrantes chegavam em Rondonópolis, atraídos pela política de terras devolutas, a região que estava sendo amplamente ocupada já carecia de mão de obra nos cultivos e para formação de pastagem. Diante disso, o governo retirou o direito de acesso às terras devolutas dos migrantes que chegavam, os quais eram transformados em trabalhadores assalariados, como salientou Cury (1971, p.88) “[...] no início do Governo extinguiu o sistema de doação de lotes de terras devolutas no Estado, medida que permitiu que a leva de migrantes que chegava em Rondonópolis formasse um verdadeiro exército de mão de obra disponível para a lavoura [...]”

A população de Vila Operária, até a década de 1980, era formada por migrantes procedentes de diferentes regiões do país, como os nordestinos, paulistas, mineiros, goianos. Foi nesse local que os migrantes sulistas se instalaram na década de 1980. Destaca-se que a maior concentração de trabalhadores de Rondonópolis, ainda hoje encontra-se nesse local/localidade. A referida vila distava 3 km de Rondonópolis; entretanto vivenciou o fenômeno da conurbação e está integrada a cidade. Seu limite é definido pela Avenida Bandeirantes e pela MT-130, que dão acesso ao município de Poxoréo.

O local escolhido para a Vila Operária foi estratégico por estar situado a 3 km de Rondonópolis e entre os núcleos de colonização mais antigos de Mata Grande e Macaco, facilitando o acesso dos trabalhadores ao Centro de Rondonópolis e, ao mesmo tempo, o deslocamento para o trabalho nas áreas rurais (UFMT-CPR, 1988, p. 6).

Conforme pesquisa do CUR (Centro Universitário de Rondonópolis) realizada na década de 1986, revelou que a grande maioria dos moradores do distrito de Vila Operária, não era natural do lugar. Das pessoas entrevistadas, apenas 04 (quatro) nasceram em Rondonópolis, como aponta a Tabela 1.

Tabela 1: Moradores da Vila Operária – Rondonópolis – MT em 1986.

<b>Regiões de Origem</b>	<b>Migração (nº absoluto)</b>	<b>Migração (%)</b>
Centro –Oeste	11	36,7
Nordeste	8	26,6
Sudeste	11	36,7
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100,0</b>

Fonte: UFMT-CPR, 1988, p.18.

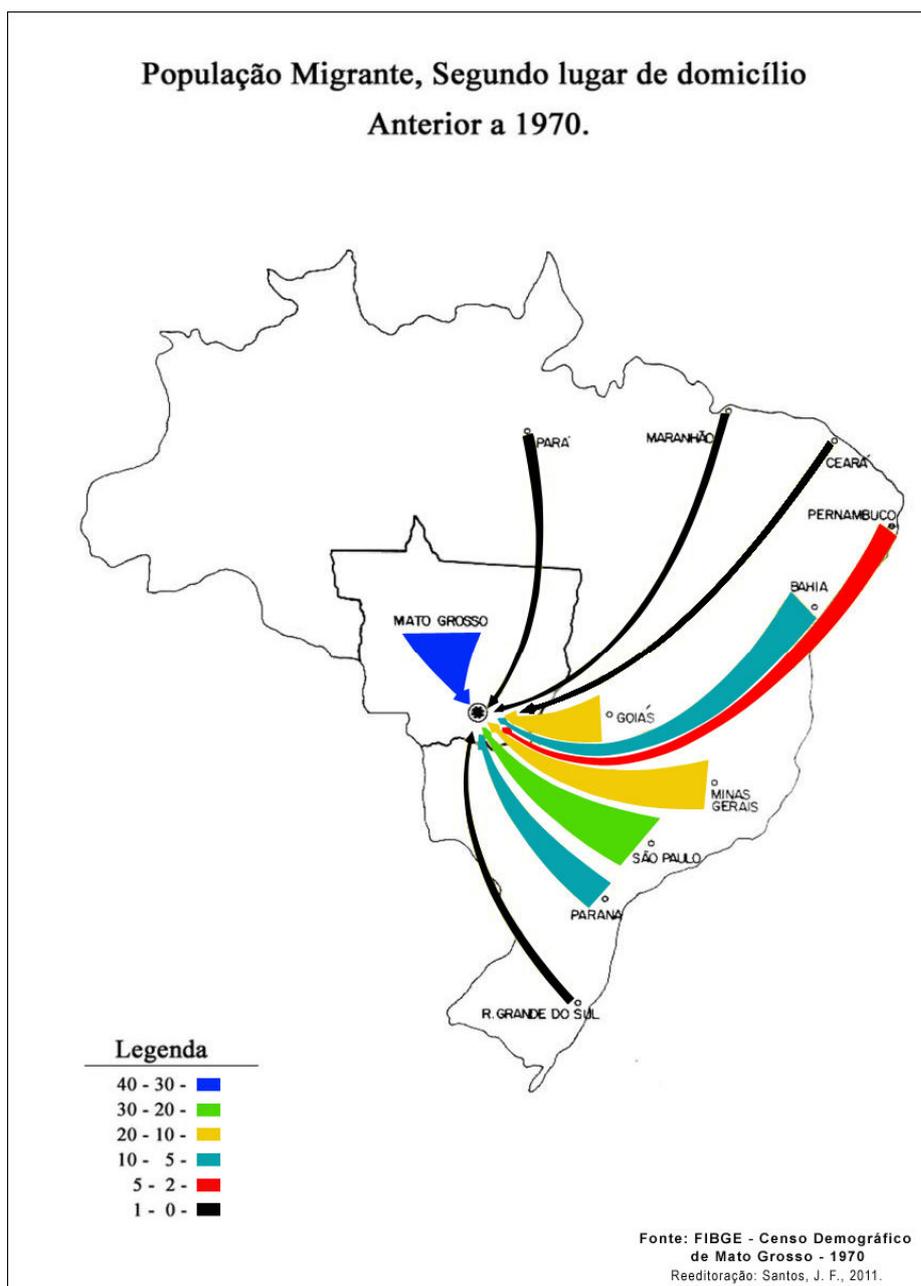
Org.: Santos, J. F., 2010.

Os dados mostram que o Sudeste contribuiu com 36,7% dos migrantes para Rondonópolis, efeito da descentralização demográfica dessa região, tendo importante participação na distribuição da população brasileira, e repartição do estoque humano no espaço (RAFFESTIN, 1993, 79). Lembrando que houve uma descentralização também econômica da região concentrada no Sudeste. Na mesma proporção, a migração intra-regional forneceu 36,7% dos moradores, sendo a região Nordeste a de menor participação, com 26,6% dos migrantes.

A pesquisa revelou que as rodovias construídas BR163 e BR364 tiveram um papel fundamental para o deslocamento migratório em Rondonópolis, “sendo que 2/3 dos migrantes chegaram à vila Operária de caminhão. Além do uso do ônibus, foram citados como meio de transporte o cavalo e o carro de boi” (UFMT-CPR, 1988, p.18).

Constatou-se que a fixação desses migrantes na Vila Operária deveu-se a possibilidades dessas famílias se tornarem proprietárias de suas respectivas habitações. A construção da casa própria era a única exigência para se morar no lugar. De 33 famílias entrevistadas, 81,2% responderem que tinham casa própria. Por isso a vila Operária foi considerada a mais organizada dentre as colônias mais próximas do Centro da cidade de Rondonópolis.

A leva de migrantes dentre os anos de 1950 a 1970 que se estabeleceu no município de Rondonópolis, considerando suas colônias e distrito, eram provenientes de diversas regiões brasileiras. Os migrantes deste período eram em sua maioria baianos, mineiros, cearenses, cuiabanos e paulistas os quais representaram uma nova diversificação social (Mapa 3).



Mapa 3: Origem do fluxo migratório para Rondonópolis/MT (1970)

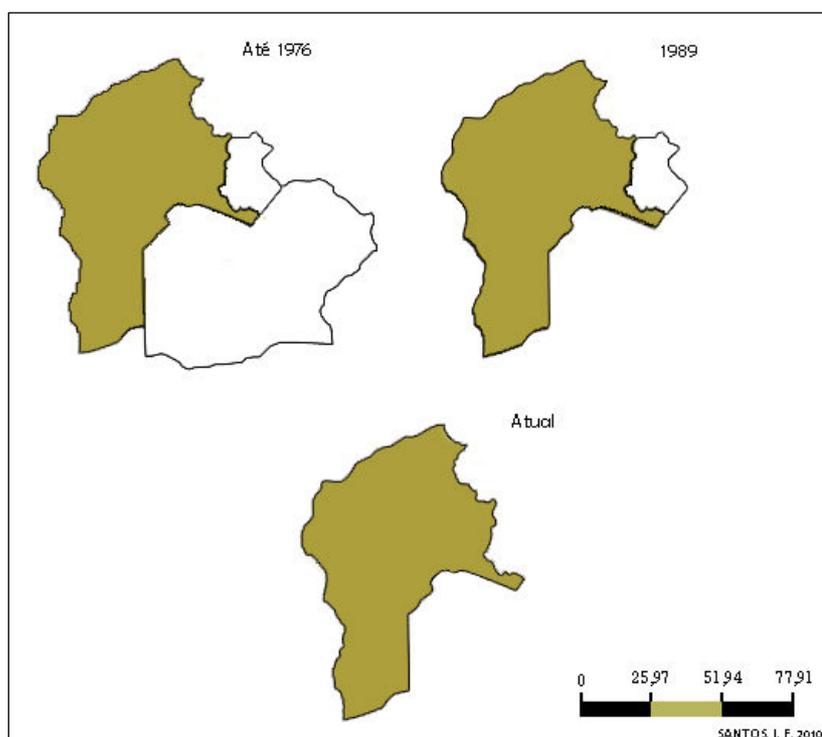
O Mapa 3, mostra a mobilidade, direção e volume do fluxo migratório para Rondonópolis. Nas décadas de 1960 a 1970 o crescimento demográfico que incidiu no município provinha de diferentes direções atraídos pela facilidade de acesso a terra. Os incentivos do Governo contribuíram para o povoamento local. Segundo dados do FIBGE apud FRG (Fundação de Pesquisa Rondon, 1980, p.37), o fluxo migratório até 1970 representou 66,7% da população total do município. Sobre as origens de tais deslocamentos, viu-se que a migração intra-regional foi maior dentro do próprio Estado, representando 39,3% dos migrantes. O Estado de São Paulo, que já vinha com dispersão populacional para as demais regiões brasileiras,

manteve sua tendência de descentralização populacional com 21,6%, seguido pelo estado de Minas Gerais 12,7% e Goiás (11,5). No contexto nacional há primazia de São Paulo na distribuição populacional brasileira.

Essa classe de produtores com a mentalidade voltada para agricultura familiar e desprovida de assistência técnica encontrou dificuldade para trabalhar com o solo do cerrado. Com o fracasso no campo e sem possibilidade de continuarem suas culturas venderam suas propriedades “lotes, glebas” para “os novos donos da terra”, que anexaram os minifúndios às suas fazendas e o desfecho foi a formação de grandes propriedades na região. Assim, aquele espaço vivenciou o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (D-T-R), caracterizado pela metamorfose dos espaços rurais e urbanos em Rondonópolis.

#### 1.2.4 Reconfiguração Territorial de Rondonópolis

A configuração territorial do município de Rondonópolis, até início da década de 1970, compreendia os municípios de Pedra Preta e São José do Povo, como aponta o Mapa 4.



Mapa 4: Reconfiguração territorial de Rondonópolis/MT.

Em 13 de maio de 1976, foi sancionada a Lei nº 3.688, que criou o município de Pedra Preta “de autoria do deputado estadual Afro Stefanini: Artigo 1º - Fica criado o município de Pedra Preta, desmembrado de área do município de Rondonópolis, com sede na localização do mesmo nome (Ferreira, 2001, p.8). Seguindo o mesmo destino de Pedra Preta, o município de São Jose do Povo, foi desmembrado de Rondonópolis pela Lei nº 5.486, de 04 de Julho de 1989, “de autoria da Bancada do PDS, PFL e PMDB: Artigo 1º - Fica criado o município de São José do Povo, desmembrado do município de Rondonópolis. Continuam como distrito de Rondonópolis Anhumas, Nova Galiléia e Vila Operária.

## 2 A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Em 1970 e início de 1980, Rondonópolis foi marcado por um processo, que Maricato (1996, p. 31) caracterizou como “desenvolvimento moderno do atraso”. Foi o período de industrialização do campo, da transição da população do meio rural para o urbano e do desenvolvimento de novas relações socioeconômicas e territoriais em Rondonópolis. Isso ocorreu de maneira seletiva no sudeste de Mato Grosso. De acordo com Arruzzo (2005, p. 100): “A modernização da agricultura não avança horizontalmente, regiões são excluídas do processo, enquanto outras, mais distantes espacialmente, **se modernizam de maneira acelerada**<sup>9</sup>.” Assim, reportando a modernidade, a configuração territorial de Rondonópolis foi imperativa e verticalizada, encaixe de novas imposições e reflexo daquilo que em todo o espaço mato-grossense estava se prescrevendo. Essa seletividade, ainda hoje, provoca rupturas e descontinuidades territoriais, a exemplo de Rondonópolis no contexto estadual. Sobre esse processo, observou Tesoro:

Também foi na década de 70 que ocorreu a presença marcante do capitalismo de Estado no campo, em que o Mato Grosso funcionou como espaço de reprodução capitalista, **e ROO, inserido nesse contexto**, representava o exemplo típico do mais rápido processo de modernização de agricultura e de economia que se teve notícia no Centro-Oeste (1993, p. 274) (grifo nosso).

Nesse aspecto, a reestruturação produtiva ocorrida em Rondonópolis consistiu em uma rápida transformação dos espaços rural e urbano, devido a substituição das atividades econômicas tradicionais pelas atividades produtivas da economia moderna. Esse tipo de desenvolvimento, Santos (2001, p.131) o caracterizou como periférico e modernizante: “É a ocupação periférica, onde o uso do território é moderno”.

O avanço da Fronteira Agrícola no Centro-Oeste processou novas transformações socioeconômicas e espaciais em Rondonópolis. De certo modo foram responsáveis pela atual configuração do território, portanto: “Há necessidade de analisarmos como processou a corrida por terras na Grande fronteira pelos grandes empresários do Centro-Sul do país, principalmente após 1964, com os militares à testa do governo brasileiro” (UFMT-CPR, 1988, p.9).

---

<sup>9</sup> (Grifo nosso). ARRUZZA, C. R. Modernização agrícola, trabalho e organização espacial na BR-163.

A modernização da agricultura e o uso intensivo de técnicas em nível organizacional, estratégico e produtivo revelavam seu caráter, implicando numa nova organização social do trabalho. A fronteira, que num primeiro momento levou a anexação de terras e concentração fundiária, evolui no sentido de viabilizar a modernização agrícola. “À medida que os proprietários de terras aliados aos políticos foram se apoderando das áreas, os colonos e posseiros instalados serviam como mão de obra” (UFMT-CPR, 1988, p.8). Assim, o território foi redefinido.

Essa redefinição significou a territorialização do trabalho morto no campo e a desterritorialização do trabalho vivo. “[...] a desterritorialização nunca aparece dissociada de sua contrapartida, a territorialização” (HAESBAERT, 2006, p. 258). A priori, o pequeno agricultor perdeu a propriedade da terra, a qual passou aos “novos donos da terra”, no caso o capitalista, que, ao adquirir as terras, anexou os minifúndios (glebas e lotes) formando as grandes fazendas, hoje existentes na região. O trabalho, ainda nesse momento, era dispendioso, pois requeria uso intensivo da mão de obra, que nos moldes capitalista visa a acumulação do capital para reinvesti-lo e se modernizar.

Os expropriados foram transformados em trabalhadores assalariados da grande propriedade. A posteriori, a modernização produtiva significou a industrialização da lavoura e o surgimento do agronegócio, como se verificou em Rondonópolis, ou seja, houve a flexibilização produtiva e a maximização dos lucros.

A mecanização no campo substituiu gradativamente o trabalho vivo. Processo sincronizado pela territorialização dos novos agentes territoriais, dos novos instrumentos de trabalho e da moderna agricultura com os quais se ergueria o império do agronegócio. A mecanização da agricultura configurou uma nova territorialidade, tendo a sua contrapartida, a desterritorialização do trabalho braçal e conseqüentemente o êxodo rural.

Os dados do IBGE nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 mostram uma nova realidade no campo e na cidade. Os censos demográficos revelam o crescimento da população urbana e a transição da população residente do meio rural, ou seja, migrou para a cidade. Nesse momento, a urbanização do município de Rondonópolis se cristalizou (Quadro 1).

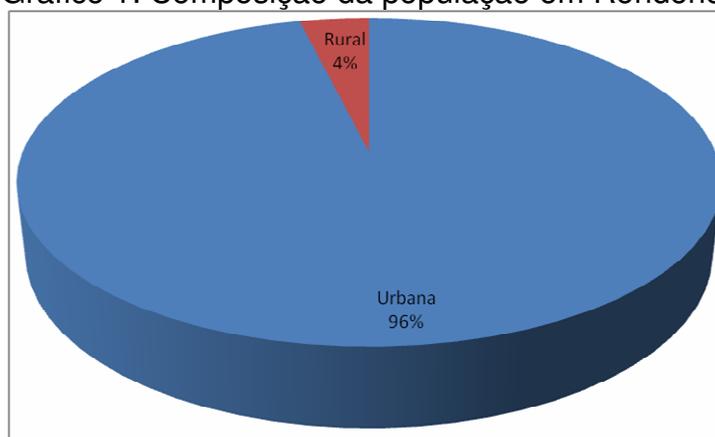
Quadro 1: População urbana e rural de Rondonópolis (1950 e 1980).

Evolução da População			Taxa de Crescimento		
Décadas	Urbana	Rural	Variação	Urbana	Rural
1950	844	2.044	1950-60	431,04	771,81
1960	4.482	17.820	1960-70	481,28	105,88
1970	26.053	37.043	1970-80	149,33	-125,77
1980	64.958	16.408			

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1950 a 1980 (TESORO, 1993, p. 177).

À medida que população aumentava na cidade as atividades de trabalho e consumos, antes dispersas foram centralizadas, permitindo criar um mercado interno. Sobre a distribuição da população em Rondonópolis, veja o Gráfico 1.

Gráfico 1: Composição da população em Rondonópolis (2010)



Fonte: IBGE, Contagem da População. 2010.  
Org. SANTOS, J. F. 2011.

Os dados preliminares do censo de 2010 do IBGE (Gráfico 1) mostram que 96% dos moradores do município de Rondonópolis vivem no meio urbano, em relação à década de 1980 o crescimento da população urbana foi de 189,6%, enquanto, que no mesmo período, a população rural encolheu 54,7%.

Quadro 2: Distribuição da população, por gênero e faixa etária – 1960/1970.

FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO TOTAL		POPULAÇÃO POR SEXO			
	1960	1970	HOMENS		MULHERES	
			1960	1970	1960	1970
0 – 4	3 848	10 646	1 892	5 338	1 957	5 038
5 – 9	3 636	9 661	1 800	4 886	1 836	4 775
10 – 14	3 004	8 416	1 493	4 232	1 511	4 184
15 – 19	2 547	7 024	1 214	3 440	1 333	3 584
20 – 24	1 929	5 653	1 038	2 900	891	2 753
25 – 29	1 565	4 651	8 69	2 549	696	2 102
30 – 39	2 495	6 914	1 387	3 798	1 108	3 116
40 – 49	2 013	4 522	1 241	2 578	772	1 944
50 – 59	742	2 649	469	1 633	273	1 016

60 – 69	400	1 200	285	736	115	465
70 e +	118	538	81	286	37	252
Ignorados	4	212	-	141	4	71
<b>TOTAL</b>	<b>22 302</b>	<b>65 217</b>	<b>11 769</b>	<b>32 517</b>	<b>10 533</b>	<b>29 569</b>

Considerou-se população em idade ativa, a população acima dos 10 anos e não economicamente ativa a população de 0 a 9 anos.

Fonte: Mato Grosso, 1980, p. 33.

Em 1970, a população em idade ativa<sup>10</sup> (PIA) era de 41.779 pessoas, o que representava 67,3% da população. A população economicamente não ativa somava 20.307 pessoas, aproximadamente 32,7% do total; enquanto que na década de 1960 a PIA somava 14.817 pessoas, ou 66,4% do contingente populacional do município e a não economicamente ativa com 7.485 indivíduos, correspondendo 33,6% do total, como aponta a Quadro 2. Observou-se que de uma década para outra a taxa de variação da população economicamente ativa e as não ativas, pouco alterou. Os números mostram uma estabilidade do mercado de trabalho em Rondonópolis. Nesse período, o uso intensivo de mão de obra na agricultura era fundamental para a produção e produtividade. (Mato Grosso, 1980, p. 33,34).

Tabela 2: População em Idade Ativa e População Ocupada por setor de atividade 1960/1970

Anos	População em idade ativa		População ocupada por setor de atividade							
			Total		Primário		Secundário		Terciário	
	Nº	Taxa de incremento %	Nº	Taxa de incremento %	Nº	Taxa de incremento %	Nº	Taxa de incremento %	Nº	Taxa de incremento %
1960	14 817		6 767		5 283		399		1 085	
		182,0		175,9		136,7		304,3		319,7
1970	41 779		18 672		12 505		1 613		4 554	

Fonte: MATO GROSSO, 1980 p. 36.

Ainda, nas décadas de 1960 e 1970, a População Economicamente Ativa (PEA) estava distribuída nos três setores da economia. No primeiro ano da década de 1960, o setor primário diversificou suas culturas. A pecuária que há anos vinha sendo desenvolvida na região, agora, com a introdução de novas lavouras de arroz

<sup>10</sup> Considerou-se população em idade ativa, a população acima dos 10 anos e não a economicamente ativa, a população de 0 a 9 anos.

e algodão, feijão e milho, exigia um contingente maior de trabalhadores em atividades agrícolas. Sendo, portanto, o setor que mais concentrou pessoas economicamente ativas, com 78,1% perfazendo um total de 5 283 pessoas da população ocupada. Por sua vez, o setor secundário absorveu 5,9% (399 trabalhadores entre homens e mulheres de 10 a 70 anos) da PEA, ou seja, pessoas que estavam ligadas a alguma atividade de trabalho na indústria com carteira assinada. Enquanto que o setor terciário absorvia 12.505, ou 67,0% da PEA (MATO GROSSO, 1980, p. 35). A setorização do trabalho nesse momento refletia a nova organização social do trabalho em Rondonópolis.

A indústria, em Rondonópolis, timidamente apareceu na década de 1960 empregando 339 trabalhadores. Conforme Cury (1973, p. 211): “A indústria ainda é primitiva, em consequência do alto custo de energia elétrica e mão de obra habilitada. O tipo de exploração realizada é ainda empírico em diversas áreas onde o processo é manual [...]”. Fica evidente nas palavras da historiadora, que nesse período a indústria era potencialmente imatura em Rondonópolis, cujo processo de transformação da matéria-prima tinha como principal força motriz o trabalho braçal. Por ser incipiente e rudimentar, a tecnologia empregada em maquinários era nula, bastava utilizar mão de obra local e não especializada. Entre as décadas de 1960 e 1970, a indústria não desenvolveu, sendo necessário aproximadamente 20 anos de operação no setor para saltar de 339 empregos diretos e gerar 1.274 novos empregos, mostrando sua pequenez na economia local.

Sobre os tipos de indústrias nesse período, Tesoro (1993, 129-130) afirma que nas décadas de 1960 a 1980 predominavam as indústrias de alimentos com o beneficiamento da produção agropecuária local. Em segundo lugar, estavam as indústrias da construção civil com materiais não-metálicos, que são as cerâmicas.

Enquanto, no campo, os agricultores mais capitalizados já haviam iniciado a anexação dos minifúndios que alterou as relações de trabalho, o que permitiu a transferência de trabalhadores das propriedades rurais para a indústria na cidade.

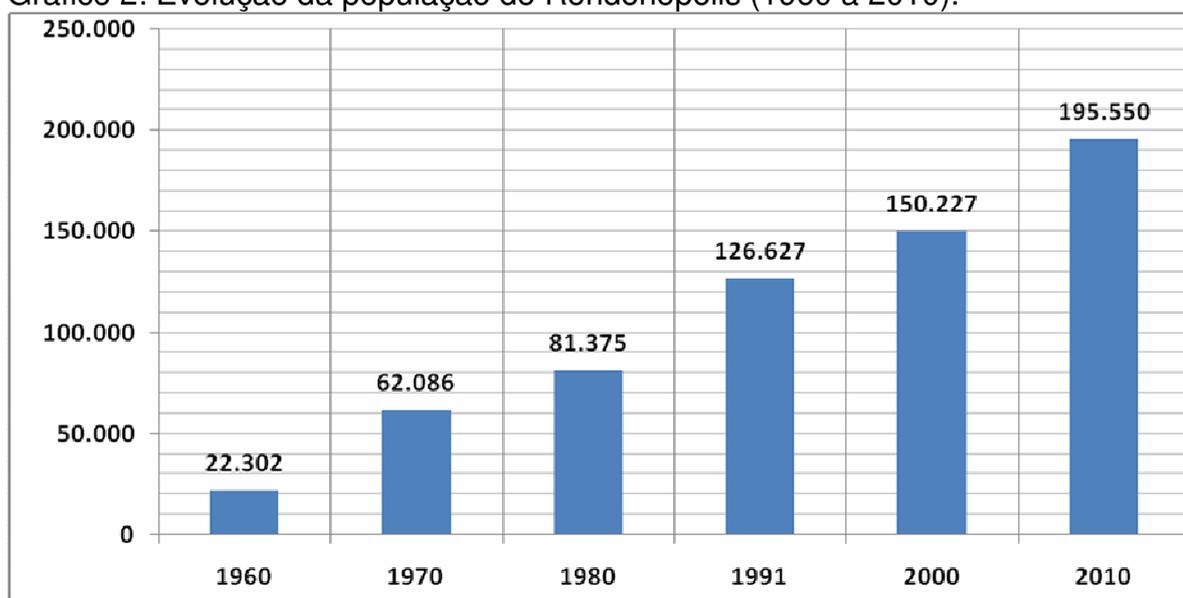
A reconfiguração das estruturas fundiárias no município modificou a paisagem rural e urbana em Rondonópolis. O crescimento da população urbana foi um fenômeno observado não apenas pela atração que a cidade exercia sobre o meio rural, mas, também, pelas novas relações de poder e de controle territorial que se estabeleciam, tendo em vista a acumulação capitalista no campo. É importante considerar três características em torno do uso e ocupação da terra nesse momento:

o uso especulativo da terra pela propaganda mercadológica no comércio, a valorização da terra como reserva de valor e a ocupação da terra para exploração do trabalho. Nesse último, em especial, as relações de trabalho foram modificadas com o surgimento do trabalho assalariado em Rondonópolis.

A década de 1970 teve um significado social distinto. As transformações no campo e na cidade encontraram um novo ponto de controle, pela redefinição da estrutura fundiária e pelo crescimento demográfico. O município que experimentava virtuoso crescimento demográfico, principalmente nos anos de 1960, o maior de sua história, processos marcado pela transição da população rural para a cidade.

O crescimento da população e sua concentração na cidade criaram necessidades básicas, sendo o emprego, um meio e uma condição para aquisição de alimentos e consumo em geral. A economia se modernizava. Os dois principais setores da economia moderna de Rondonópolis, secundário e terciário, absorvia a grande massa de trabalhadores dispensados do campo. Quando ocorreu a transição da população rural para a cidade e intensificaram as relações econômicas, o meio urbano tornou-se o lócus da produção e reprodução social mencionado por Lefebvre (1991). Evidencia-se desse modo, que na década de 1980, surgiu a classe operária em Rondonópolis.

Gráfico 2: Evolução da população de Rondonópolis (1960 a 2010).



Fonte: IBGE, 2010; Dossiê de Rondonópolis, 2010, p. 25.

Os historiadores que tratam desse período ratificaram com detalhe o processo de transição da população rural para a urbana. Como afirmou a historiadora Cury

(1973), que em 1943, Rondonópolis, contava com 30 pessoas, desde o recém-nascido ao mais velho. Seis (6) anos depois, somavam 60 pessoas. Em 1949, com a oferta de terras devolutas, atingia a marca de 500 habitantes. Na década de 1950, 700 pessoas. Em 1960, o município passava a contar com uma população de 22.368. Já nos anos 70, conforme recenseamento, 62.698 habitantes. Ocorre uma divergência sensível dos dados populacionais entre Cury e FIBGE nos anos 1960 e 1970, possivelmente os dados colhidos por Cury, ainda eram preliminares até a publicação de seu livro.

No último censo populacional do IBGE em Rondonópolis 2010, foram registrados 195.550 habitantes. Em cinco décadas, de 1960 a 2010, houve um crescimento de 886,0% (Gráfico 2).

## **2.1 A Economia urbana e o mercado de trabalho**

A dinâmica mercado de trabalho em Rondonópolis é compreendida pela teoria dos dois Circuitos da Economia moderna: superior e inferior (SANTOS, 1979a, 1979b). No circuito superior constituído pelas empresas, bancos e firmas, serviços modernos, atacadistas e transportadores, o uso do capital é intensivo. Nele se encontram as modernizações, atua no sistema-mundo, sendo denominado de Circuito rico.

Já o circuito inferior<sup>11</sup> é representado pelos segmentos não modernos da economia. Sua abrangência é local, compreende as atividades de serviços não modernos, do comércio ambulante e do varejo. Nele presidem os que vivem de atividades ocasionais, o capital é nulo e o uso da mão de obra é intensivo. É denominado circuito pobre.

A formação desses Circuitos reside na estrutura social, nas diferenciações socioeconômicas existentes. Temos maior visibilidade desses circuitos e da estrutura do mercado de trabalho quando analisamos a relação entre produção e consumo “O trabalhador se reproduz no dia a dia mediante o consumo de bens e

---

<sup>11</sup> Na teoria dos dois circuitos da economia urbana, Santos recusa denominar o circuito inferior de informal, porquanto, é uma atividade que se reproduz no interior do circuito inferior ou pobre. Isso, porque, o circuito inferior tem sua própria organização e suas próprias leis de funcionamento e de evolução. (1979b, p.38). Considera-se a existência tanto de atividades informais e formais (que não se modernizaram) nesse subsistema, as quais visam atender em especial a classe pobre. Todavia, a classe média também dele consome bens e serviços.

serviços [...]” Singer (1988, p.68). Uma sociedade estratificada com acessos diferenciados ao consumo cria uma economia urbana em dois circuitos que aliam diferentes formas de produção, de manutenção, de distribuição, e de consumo de bens e de serviço.

O trabalho no atual estágio da economia pós-moderna não deve ser analisado fora desses circuitos, pois ambos formam dois subsistemas da economia urbana, em que a força de trabalho se reproduz. A economia em curso se desenvolve em via desses dois segmentos: o Superior e o Inferior, todavia, interligados, mas o inferior depende do superior. Dessa forma, as relações de trabalho estão igualmente integradas e num processo contínuo de (re)territorialização, por isso os fluxos migratórios são expressivos.

A interface da economia em dois Circuitos insere o homem da cidade na dinâmica do trabalho da pós-modernidade, tendo em vista que, “o circuito superior emana diretamente da modernização tecnológica, mais bem representada atualmente nos monopólios” (SANTOS, 1979b, p.34). Nesse período, o tempo e espaço não são os mesmos, por isso a idéia de tempos hegemônicos, lugares hierarquizados e temporalidades hierárquicas e temporalidades subalternas (SANTOS, 2008), são características de uma nova racionalidade mundial e irracionalidade dos lugares alienados pelo capital ou monopolizador.

Os atores hegemônicos que operam nos espaços mais sofisticados do mundo encontram nas localidades nodais a conexão, aliando fluxos de diferentes espécies como de mercadorias, pessoas, informação e de capitais, os quais estão interconectados em diferentes partes do mundo e que integram a economia global. O trabalho, nesse sistema de ações e objetos, adquire uma noção de temporalidade em contínua transformação, adquirindo novos significados e novos usos. No atual estágio da economia, o homem é capital de investimento. Nesse sentido, o trabalhador é produto e mercadoria, pois suas atividades são territorializadas e socioeconomicamente hierarquizadas.

Na medida em que os espaços se tornam mundializados, o mercado de trabalho também se mundializa, e o homem igualmente se torna mundial. A instauração do capitalismo tecnológico, pós-Segunda Guerra, conduziu as economias nacionais a uma nova reestruturação econômica mundial pautada na flexibilização produtiva em vista da competitividade de mercado. As diversas regiões que formam o sistema-mundo passam a sofrer novos ritmos e acelerações e se

tornam sofisticadas. O aparato tecnológico nessas regiões encontra na estrutura urbana as condições necessárias para a reprodução do capital.

A globalização assim, não é apenas do espaço, mas trabalho que deixa de atuar localmente para universalizar-se pela unificação da técnica e da produção, como salientou Santos.

Em razão desta passagem de uma multiplicidade de técnicas locais, geradas espontaneamente, para uma só tecnologia imposta em escala mundial, também o homem muda. Ele deixa de ser homem “local” para ser “homem mundial”. A escala local não é mais a das decisões que o afetam (1979a, p.112).

“Desde o Século passado (Séc. XX), pelo menos, a formação da classe operária assume caráter cada vez mais mundial” (SINGER, 1988, p.66). O autor considera que a industrialização e internacionalização da economia aceleraram a formação da classe operária brasileira, portanto, cria-se um mercado de trabalho na medida em que a economia se moderniza. O mercado de trabalho encontra na cidade sua (re)produção, porquanto, se organiza coletivamente em função das demandas da sociedade na produção de bens e serviços.

Os Circuitos da Economia Urbana (superior e inferior) são responsáveis pelos desníveis do mercado de trabalho, como diferentes ganhos salariais, desníveis da lei da oferta e da procura de emprego, dos novos e antigos perfis profissionais. Que não escape da compreensão que essa economia, por ser moderna, é artificializada e controlada pelos atores territoriais, principalmente pelos atores hegemônicos. Os vetores da modernidade imprimem no mercado um processo contínuo de valorização e desvalorização e competitividade entre trabalhadores. Apesar de inúmeras literaturas, acerca do assunto abordarem o mercado de forma dual, como se existissem dois mercados de trabalho<sup>12</sup>, compreendemos a interdependência dos dois circuitos: “[...] o circuito inferior depende do circuito superior” (SANTOS, 1979b, p.35), e a existência de apenas um mercado. Assim, o mercado de mão de obra está integrado em dois subsistemas – Circuitos – que formam o sistema urbano da economia moderna. Portanto, o mercado de trabalho é uno.

A inserção do homem no mercado de trabalho em Rondonópolis, como em diversas cidades brasileiras, carece de uma reflexão quanto à sua dinâmica e

---

<sup>12</sup> THEODORO, M. L. **As características do mercado de trabalho e as origens do informal no Brasil.** Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/questaosocial/Cap\\_3.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/questaosocial/Cap_3.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2010.

existência na divisão territorial do trabalho no Brasil; e, quanto à mobilidade social competitiva em que os territórios exercem sobre aqueles que vivem da força de trabalho.

A formação dos dois circuitos econômicos nas cidades do Terceiro Mundo resulta das diferenciações sociais:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços (SANTOS, 1979b, p. 29).

A formação do Circuito Superior da economia em Rondonópolis ocorreu no final da década de 1970 e nos primeiros anos de 1980. Os fatos desse período fizeram surgir uma nova economia urbana. A modernização agrícola deu as condições iniciais. Os novos arranjos espaciais e institucionais requeridos por essa nova economia foram criados para dar suporte aos empreendimentos: rodovias, instituições de pesquisas como EMBRAPA, Fundação Mato Grosso, Bancos, Universidade Federal de Mato Grosso, e outros. Os novos conteúdos espaciais abriram o meio para a territorialização de novas relações de trabalho e formação do Circuito Superior na economia de Rondonópolis.

Na década de 1950, o território ganhou novas qualificações políticas, econômicas e demográficas, ao adquirir emancipação política, crescimento populacional e equipamentos públicos, como: escolas das redes pública e privada, hospital, oficinas de automotores, rede de lojas, entre outros. Esses fatores aliaram os elementos locais para um dado crescimento econômico e social de Rondonópolis. Com aumento da população local, surgiram novas demandas de trabalho e consumo na cidade. Nesse período, verificou-se um crescente número de atividades e expansão comercial, aumentava-se o consumo de bens básicos, como alimentos, saúde, vestuário, educação e transporte, como mostra o Quadro 3.

Quadro 3: Evolução de equipamentos públicos e privados em Rondonópolis

Estabelecimento	Evolução dos equipamentos	
	1956	2010
Décadas		
Escolas Estaduais	8	34
Escolas Municipais	9	48
Escolas Privadas	3	31
Repartições públicas	25	---
Prédios	442	49.036
Hospital	1	5

Fonte: Serviço de Estatística da Educação e Cultura apud Cury (1973, p.165).  
Dossiê Rondonópolis, 2010, p. 59.

A densidade de equipamentos coletivos em Rondonópolis mostra uma dada organização político-econômica interna. As funções que esses elementos passam a exercer tornam as relações econômicas intensas e aumentam as atividades relacionadas aos serviços, como vendas de peças, consertos e reparos e postos de combustíveis (Ver Quadro 4).

Quadro 4: Frota de Veículos de Rondonópolis (1956)

Tipo	Frota
Automóveis	98
Jipes	06
Ônibus (baleia)	01
Caminhonetas (passageiros)	03
Caminhões	72
Caminhonetas (cargas)	05

Fonte: Cury (1973, p.165)

Obs: Naquele ano já havia 2 oficinas em Rondonópolis.

Nessa época, a densidade veículos existente em Rondonópolis revelava as necessidades criadas pela vida na cidade o ir e vir, o tempo e o espaço modificados denotando novos tempos. Sobre a evolução da frota de veículos em Rondonópolis e seu reflexo na economia local será tratado mais adiante.

Na década de 1970, as relações socioeconômicas se tornaram mais densas, surgindo diversos estabelecimentos comerciais como lojas, farmácias, bares e lanchonetes (CURY, 1973, p. 165). Enquanto que no meio rural, os primeiros agricultores encontravam dificuldades econômicas, pela falta de infraestrutura como a de armazenamento, obrigando-os a venderem suas safras a preços não competitivos no mercado.

O arroz em Rondonópolis, nascia, crescia e produzia em grande escala, mas o preço era o primordial depois do produto colhido. O arroz estava sendo **explorado de maneira indigna pelos seus compradores**, não havia uma fixação no preço e era isto o que eles queriam, uma coisa fixa e certa. **Como o produto existia em grande quantidade, não havia onde armazenar**. Vários agricultores de condições melhores iam direto a São Paulo e Uberlândia venderem, cujos compradores vinham de carro buscar... **Rondonópolis não tinha e nem o povoado possuía meios para exporem e exploraram as suas vendas**. Tinha compradores, mas pouco adiantava, as ofertas variavam, diminuindo o preço de seus esforços. Muitos tomavam prejuízo, perdiam por não ter um preço fixo. **O estado não possuía um depósito para armazenamento, o jeito era vender conforme eles oferecessem [...]** ao verem os casebres de barotes repletos de arroz. **Havia necessidade de empacotamento e quando chovia, apodrecia, tudo perdia** (CURY, 1973, p. 138) (grifo nosso).

A ausência de infraestrutura como vias para transporte, principalmente, e locais para armazenamento, inviabilizava esperar o melhor momento para comercializar a safra, perdendo a valorização do produto e captação de melhores preços de mercado. Para não perderem a safra, vendiam toda produção colhida a preço mínimo de mercado “O arroz estava sendo explorado de maneira indigna pelos seus compradores, não havia uma fixação no preço e era isto o que eles queriam, uma coisa fixa e certa” Cury (1973, p.138). O descompasso entre produzir, armazenar e comercializar restringiu o desenvolvimento no campo. Notadamente, o Estado não estava atento a esse impasse entre produtores e compradores. A falta de preço mínimo reduzia a margem de lucro e o investimento na produção, a renda ficava para o sustento da família. O perfil empreendedor dessa classe de agricultores não representaria desenvolvimento no campo, como alude Tesoro:

[...] (de 1947 até final dos anos 60), quando há predomínio de uma população de pequenos proprietários e, no último período, a presença de arrendatários, meeiros, parceiros e assalariados, geralmente goianos, nordestinos e mato-grossenses, com mentalidade voltada para a produção familiar e sem perspectiva de trabalhar uma maior dimensão espacial. Mesmo os fazendeiros paulistas não representaram a presença de **um avanço do capital**, uma vez que as forças produtivas por eles utilizadas não corresponderam em mudanças de fato nas relações de produção (1993, p. 110) (negrito nosso).

Outrossim, a produção no campo era marcada pela deficiente logística dos produtores e ausência de infraestruturas, como de silos para armazenagem, o que impossibilitavam conquistar novos mercados consumidores no Brasil. Assim, a

comercialização era imediata. Após a colheita, o transporte ficava a cargo dos intermediadores/compradores em busca do menor preço de mercado.

Esse período ficou marcado por uma economia embrionária, não representando acumulação capitalista na economia de Rondonópolis pela ausência do capital e da mais-valia. Não obstante, as atividades de então, deram-se as condições iniciais para transformações no campo e na cidade que se processaram.

### **2.1.1 Concentração bancária**

Nesse item, analisar-se-á o desenvolvimento da economia urbana de Rondonópolis pelo sistema de financeirização do processo produtivo. Nesse sentido, o fluxo de capital e a evolução do sistema financeiro tendem a ser um termômetro do mercado.

Notadamente, até a década de 1960, não havia circulação de dinheiro em Rondonópolis. Os “bolichos”, pequenas casas de comércio, se abasteciam de mercadorias, como pinga, banha, sabão e outros produtos, sendo o pagamento efetuado em espécie. Isto é, com a produção obtida no campo (colheita), mesmo os instrumentos (plantadeiras, matracas, sementes e inseticidas) utilizados no campo, eram comprados pessoalmente nos centros mais próximos, como Campo Grande. Com a melhoria das estradas, iam para São Paulo, Uberlândia (maior comprador de arroz dos produtores local), Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Os pagamentos eram anuais; havia portanto, tempo para colher a produção e realizar a quitação da dívida pelas mercadorias produzidas nos centros regionais do país.

A princípio, a produção era financiada por terceiros, os quais recebiam a colheita e a comercializavam nos grandes centros comerciais, principalmente, Uberlândia e São Paulo. Outros, valendo-se de capital para intermediar as relações comerciais entre produtores e comerciantes, aproveitavam a falta de infraestruturas de armazenamento e de escoamento dos produtos locais, para auferir maior ganho captando a produção a preços irrisórios.

Já em 1966, no governo de Castelo Branco, foi estabelecido o Decreto Lei nº 79, que garantia o preço mínimo para os produtos agropecuários, o que tranquilizou os produtores e permitiu uma balança comercial favorável a Rondonópolis. Todavia,

o problema da falta de armazéns impossibilitava a espera de melhores preços de mercado, obrigando o produtor a vender a produção a preços não competitivos.

Dado importante, é que diversos intermediadores provenientes das regiões onde o comércio era mais desenvolvido, se tornaram os únicos financiadores da produção local. Em geral, perdiam o investimento, ora porque a produção não era suficiente para cobrir o valor do empréstimo, ora aqueles que contraíam a dívida mudavam de lugar deixando a dívida em haver (TESORO, 1993, p.89).

Nesse período, a produção em Rondonópolis passava pela fase de financeirização. Ao final da década de 1960 instalaram-se em Rondonópolis as primeiras agências bancárias: Agropecuário, Financial, Brasil, Bemat (Banco do Estado de Mato Grosso) e Bradesco (Idem, p. 112-113). Até então, as transações econômicas eram realizadas em Cuiabá ou Campo Grande (CURY, 1973, p. 165). O Banco do Brasil se instalou em Rondonópolis em 1968. Sobre os interesses que nortearam os organismos financeiros, destacou-se Hélio Garcia, articulador da ida do banco para o município, proprietário e cedente do prédio para a instalação do Banco do Brasil (TESORO, 1993, p. 109):

Com o passar dos anos, este Banco passou a ter interesses comerciais como outro qualquer; porém, no início, ele representava o Governo e fornecia os recursos para que o município pudesse progredir – plantar, colher, armazenar, vender. O banco do Brasil era o pivô dos financiamentos rurais, quando o gerente estudava a capacidade de pagamento de cada um, visando principalmente uma política para o desenvolvimento; daí a sua importância. Os estabelecimentos particulares também faziam empréstimos, porém, em menor escala.

Na década de 1970, os produtores locais contraíam financiamentos para compras de máquinas e equipamentos como tratores (CURY, 1973, p. 211).

Em 1980, Rondonópolis era polo econômico na região e tornava-se o segundo maior município em importância econômica, social e urbana em Mato Grosso. Essas características tornaram a cidade um ambiente propício para o desenvolvimento econômico do município.

Na década de 1990, período da abertura econômica brasileira, Rondonópolis já se firmara no agronegócio tendo sua economia internacionalizada, o que lhe conferiu o título de “A Capital Nacional do Agronegócio”. Conforme a análise realizada pelo estudo da Associação Comercial e Industrial de Rondonópolis – ACIR

e PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS – o município é polo regional de crescimento econômico:

A economia de Rondonópolis é movimentada por um comércio diversificado que atende à demanda de toda região sul de Mato Grosso, cerca de 22 municípios, e promove o desenvolvimento local, gerando emprego e renda para seus habitantes. Para responder a esta demanda, em dois anos, foram instaladas no município 1.693 novas empresas de comércio, indústria e serviços, representando um crescimento de 20,3% no número de empresas registradas (ACIR – Associação Comercial e Industrial de Rondonópolis e PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS, 2010, p. 65).

Em primeiro lugar, o desenvolvimento agrícola em Rondonópolis exerceu forte atração ao sistema financeiro nacional. O SFN (Sistema Financeiro Nacional), a princípio, privilegiou os donos das grandes propriedades rurais. As condições mínimas de financiamento excluía aqueles que não tinham acesso ao capital. As principais exigências era ser uma pessoa “idônea” - mas qual o parâmetro para isso? - e, que fosse correntista “que mantivesse uma média de depósito pelo prazo mínimo de noventa dias e que preenchesse a ficha cadastral devidamente aprovada pela matriz – e, para a Carteira de Crédito Rural, deveria apresentar ainda uma titulação correspondente para efetivar a hipoteca” (TESORO, 1993, p. 109). Desta forma, a financeirização ocorreu de forma seletiva e excludente.

Na década de 1970, o financiamento estava destinado à compra de insumos para a cultura de arroz. A soja não havia se infiltrado no cerrado pela falta de tecnologia para lidar com o solo da região. Também para a compra de maquinário, destaca-se Adão Salles, o principal agricultor da região e de Rondonópolis, que para modernizar a propriedade, contou com o apoio de terceiros (avalista) para interceder junto ao banco. “De outro modo eu não teria como obter a colheitadeira, uma vez que havia investido todo o meu capital na aquisição da terra (Idem, p. 125)”. Com a substituição do trabalho manual pelo trabalho mecanizado, a produção passava a responder às expectativas do capital, permitindo ao agricultor contrair novos financiamentos:

No primeiro ano, houve a necessidade de muitos braços para a colheita, pois o Sr. Adão não possuía máquinas para o serviço. Dessa maneira, durava vinte dias, dez homens chegavam a cortar de cutela (foicinha) não mais do que cinco hectares de arroz, dum total de noventa que o Sr. Salles tinha plantado (TESORO, 1993, p.124-125).

Com a introdução da máquina, houve a divisão do trabalho na propriedade e um novo modo de gerência, devido à substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. A consequência desse processo foi o êxodo rural. Momento em que o trabalhador migrou do campo para a cidade em busca de um novo mercado de emprego. Nesse processo, houve uma transferência de trabalhadores para outras atividades não mecanizadas, que passaram a ser subalternas no processo capitalista. Todavia, essenciais para acumulação. A aceleração do trabalho e tempo economizado na atividade garante a acumulação. Com a modernização da agricultura na propriedade do Sr. Adão Salles, com a própria colheita do arroz, pode financiar novos equipamentos, com pagamentos facilitados em dois anos. Em menos de 10 anos contava com 6 (seis) tratores e implementos (TESORO, 1993, p.125). Em 2003, a propriedade Agropecuária Salles, possuía 22 tratores e 10 colheitadeiras, para uma lavoura de 4.000 hectares, principalmente para a cultura da soja. Ainda na década de 1970, Adão se tornou pioneiro da soja em Rondonópolis.

Desta maneira, o sistema financeiro tornou-se insumo para as atividades econômicas que se desenvolveram em Rondonópolis. Tal processo foi o pivô do dinamismo das relações de trabalho e consumo local.

A partir da década de 70, principalmente, tem-se uma grande expansão de agências bancárias para Rondonópolis. A política do Estado de créditos subsidiados, a expansão do capital industrial e de insumos agrícolas, com seus representantes, a expansão das atividades agroindustrial, comercial e de serviços, fizeram com que se instalassem em Rondonópolis várias instituições financeiras. (GOETTERT, [S.d], p. 193.

Ao observarmos o mapa Multitemporal, a evolução do sistema financeiro em Mato Grosso, especialmente em Rondonópolis/MT (mapa 5), verificou-se que até 1961 as agências do SFN (Sistema Financeiro Nacional) inexistiam em Rondonópolis. Na década de 1970, como anteriormente mencionado, havia um número considerável de agências em funcionamento na cidade. Ao mesmo tempo que observamos a evolução do sistema SFN em Rondonópolis, compreendemos a formação do meio técnico-científico-informacional que ocorre com transição e modernização da economia urbana.

De acordo com Santos (1979b, p. 83) “[...] a atividade bancária é precedida pelas das agências financeiras de caráter público, como os Correios, as Caixas Econômicas e mesmo os bancos estatais”. Exatamente, como se deu em Rondonópolis.

Quadro 5: Número de agências bancárias na microrregião de Rondonópolis/MT – 2007.

MRH - Rondonópolis	Nome do Banco (*)	Nº de Ag.
Dom Aquino	Banco do Brasil S. A.	1
Itiquira	Banco do Brasil S. A.	2
Jaciara	Banco Bradesco S. A., Banco do Brasil S. A., Caixa Econômica Federal, HSBC Bank S. A., Banco Múltiplo	4
Juscimeira	Banco do Brasil S. A.	1
Pedra Preta	Banco do Brasil S. A.	1
Rondonópolis	Banco ABN AMRO Real S. A., Banco Bradesco S. A. (3), Banco da Amazônia S. A., Banco do Brasil S. A. (4), Banco Itaú S. A., Banco Santander Brasil S. A., Caixa Econômica Federal (2), HSBC Bank S. A. Banco Múltiplo, Unibanco-União Bancos Brasileiros S. A	15

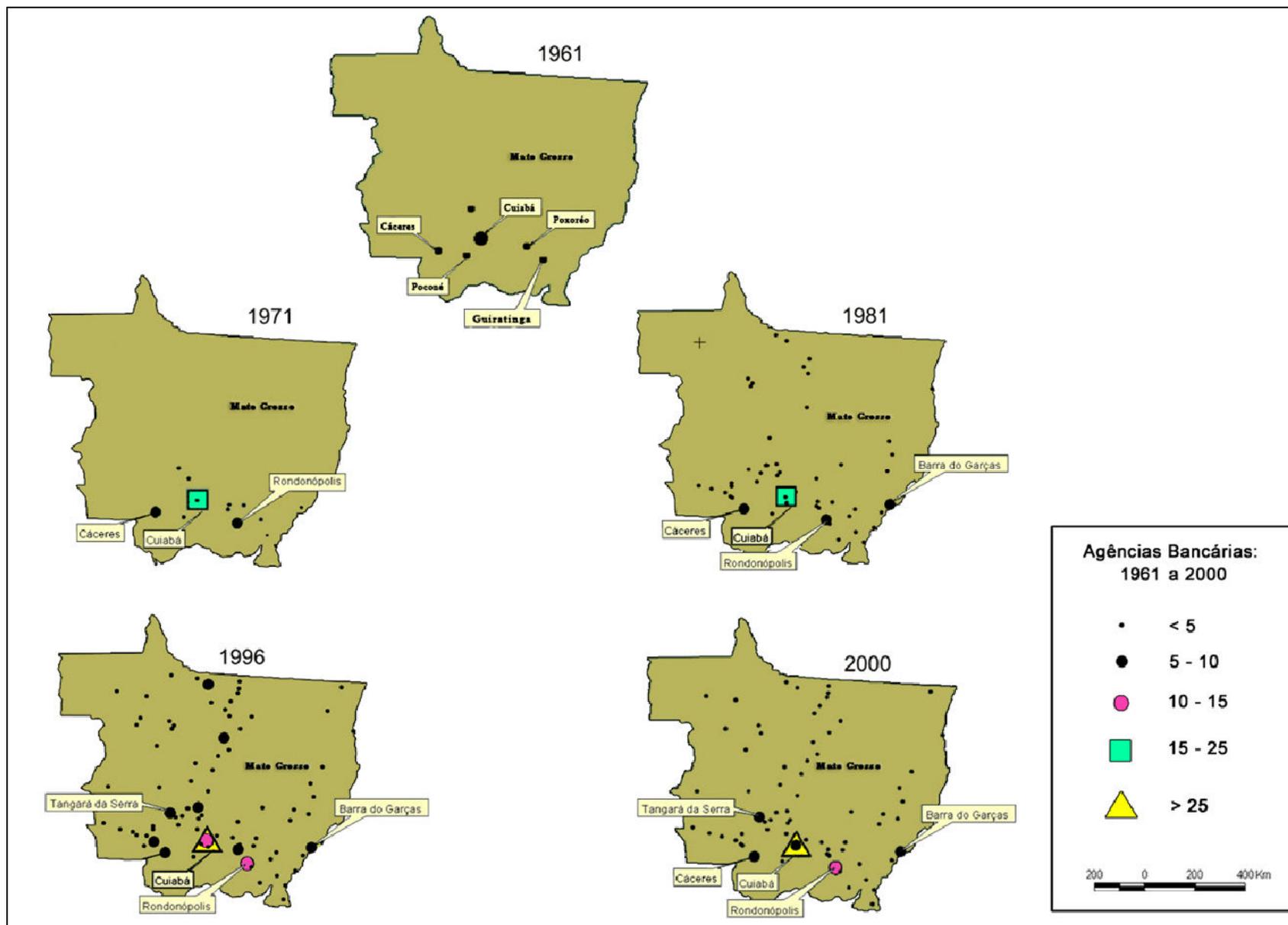
Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN. Anuário de Mato Grosso, 2008. Atualização dos dados por SANTOS, J. F. 2011.

A despeito do papel das agências na economia urbana, Santos definiu que os bancos são de traços de união da economia local e internacional. No entanto, de um modo geral, “[...] o banco prefere financiar as atividades de comércio que lhe proporcionam, num prazo curto, com uma rotatividade, (turnover) do capital mais rápida e, por conseguinte, lucros maiores e riscos menores. Ao mesmo tempo, ele assegura o controle da atividade (1979b, p.83)”.

A densidade de agências bancárias em Rondonópolis caracteriza a centralidade da urbana, que o município exerce na microrregião. Ela também centraliza as atividades econômicas ao deter o maior número de indústrias e empresas em seu território. Sobre isso, salientou Peixinho (apud SILVA, 2010, p.200):

Pode-se sintetizar que o complexo sojífero em Mato Grosso compõe a rede internacional de produção de soja, tendo como ponto nodal, no Estado, o município de Rondonópolis, polo que agrega múltiplas ações. [...] Suas palavras podem ser aproximadas à ideia de gestão territorial, cujo momento no processo de expansão da soja traz a tendência do aprofundamento do papel de Rondonópolis e sua possível extrapolação dos limites de Mato Grosso.

Não é por menos, que o município de Rondonópolis, apresenta a terceira maior concentração populacional e o segundo maior produto interno bruto do Estado de Mato Grosso.

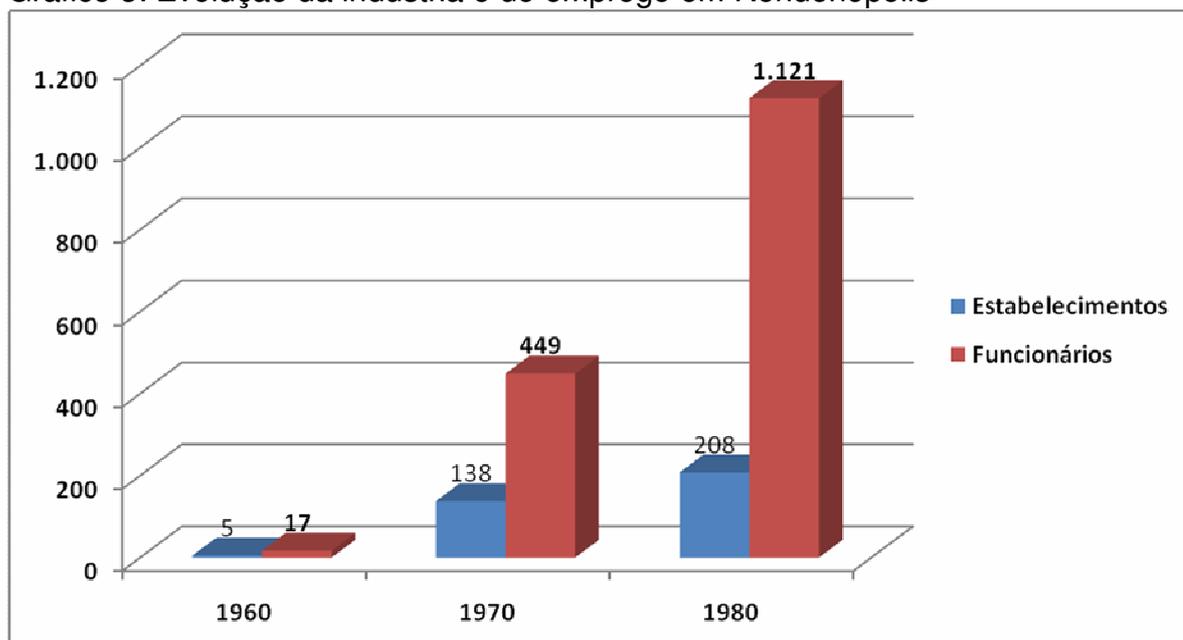


Mapa 5: Evolução do sistema financeiro em Mato Grosso – Rondonópolis.  
 Fonte Banco Central. Lia Osório Machado. Adaptado por Santos Filho, 2011.

## 2.1.2 Modernização da economia e do trabalho

As décadas de 1960, 1970 e 1980 foram marcadas pela modernização da economia em Rondonópolis, momentos de profundas transformações territoriais com destaque para o crescimento da população urbana, surgimento e expansão das atividades urbanas e do mercado de emprego na cidade.

Gráfico 3: Evolução da indústria e do emprego em Rondonópolis



Fonte. Tesoro, 1993, p. 129.  
Org.: SANTOS, J. F.

O Gráfico 3 apresenta a evolução do número de estabelecimentos industriais em Rondonópolis e de funcionários empregados. Tesoro (1993, p. 129) menciona os dados dos censos industrial do IBGE referentes às décadas de 1960, 1970, 1980. De acordo com a autora, o IBGE contou que no ano de 1960, havia em Rondonópolis o número de 5 (cinco) estabelecimentos industriais que empregavam 17 trabalhadores. Na década de 1970, o número de estabelecimentos era de 138 indústrias, o que representa um crescimento de 27,6% em relação ao período anterior, quando empregava 449 funcionários. Já em 1980 havia em Rondonópolis um total de 208 estabelecimentos, um salto de 1,5% do número de estabelecimentos em relação a 1970, apresentando um contingente de trabalhadores de 1.121 (mil cento e vinte um) em atividades no setor.

A evolução do número de estabelecimentos industriais nas décadas de

1960,1970 e 1980, mostra o desenvolvimento e a modernização da economia urbana em Rondonópolis.

O advento da industrialização em Rondonópolis ocorreu em vista das necessidades alimentícias criadas na cidade. Com a transição da população do campo para a cidade, o alimento deveria ser beneficiado pela indústria para o consumo cada vez maior.

A produção industrial, nesse período, tinha como principal energia de transformação a mão de obra. Os estabelecimentos eram de pequeno porte, e o que prevalecia era a organização família. O que revela a natureza empreendedora da economia local (Op. cit).

A economia de Rondonópolis se desenvolveu pelas atividades do agronegócio, isto é, a produzir para atender o mercado internacional com ênfase na comercialização de grãos. Foi por meio dos empreendimentos em torno do cultivo soja, que a economia ganhou seu principal impulso de crescimento e modernização.

Não por menos, como mencionamos anteriormente, que o período que compreende os meados 1970, foi histórico para Rondonópolis. Quando iniciaram os primeiros experimentos no plantio de soja na região de Itiquira e Rondonópolis, até então, a soja cobria a região no extremo sul de Mato Grosso, em áreas de Dourado (SILVA, 2005). Não por acaso, o plantio da soja em Rondonópolis coincide com a chegada do migrante gaúcho, com a modernização agrícola, a formação dos grandes latifúndios na região, e o deslocamento da população rural para a cidade.

Sobre a convergência desses acontecimentos na região, vejamos:

As primeiras lavouras foram implantadas na mesorregião Sudeste do estado, mais precisamente no entorno da **microrregião de Rondonópolis, que se apresentava como importante polo da “modernização” da agricultura mato-grossense**, com infraestrutura de transporte, armazenamento, empresas nos setores de serviços e comércio agrícola, rede bancária e forte concentração de agricultores com larga experiência no cultivo de lavouras mecanizadas na região Sul. A combinação destes fatores, com o acesso a recursos naturais (solo, clima, relevo) adequados ao cultivo de lavoura em larga escala, foi decisiva para a implantação de plantios experimentais ainda na segunda metade dos anos de 1970. Os resultados positivos estimularam o crescimento da área plantada que passou de 50 hectares em 1974 para 19.630 em 1979 (CASTRILLON FERNANDEZ, 2005) (negrito nosso).

O pioneirismo da soja no Estado ocorreu na região de Rondonópolis (Diário de Cuiabá, 2010), sendo Adão Riograndino Mariano Salles, o primeiro a cultivar soja em Mato Grosso.

A década de 1980 marcou a modernização das atividades no campo e o aumento da produtividade da soja. Em 1977, com a divisão do Estado de Mato Grosso, o PROMAT (Programa de Desenvolvimento de Mato Grosso), viabilizava a ocupação do cerrado através da pecuária extensiva, “para fins especulativos, em face da importância da renda da terra. No entanto, a produção do arroz já alcançava números expressivos devido à facilidade de obtenção de crédito e do potencial de fixação de nutrientes no solo” (SILVA, 2005). Nesse período, foi o arroz<sup>13</sup> o carro-chefe dos produtores da região, fundamental para o estabelecimento dos empreendimentos agrícolas, logo, a consolidação foi conquistada pela soja.

Bernardes (1997, p.34) compreende que o desenvolvimento agropecuário no cerrado mato-grossense foi alcançado pela inovação tecnológica; as transformações produtivas no campo decorreram da industrialização da agricultura “e na integração de capitais que forma o elo do capital financeiro com a agricultura”

A análise das atividades do complexo agroindustrial da soja revela que o processo de inovação tecnológica no espaço agrário viabilizou o desenvolvimento do mesmo, com industrialização da agricultura, que passa a depender cada vez mais da base técnica, resultando na subordinação da agricultura à dinâmica industrial (KAGAYEMA & SILVA apud BERNARDES, 1997, p.34).

Como resultado da modernização do campo, pelo uso dos novos insumos e a mudança da base técnica, houve a evolução da soja e do algodão no campo em Rondonópolis, como aponta o Quadro 6.

Quadro 6: Evolução da produção de soja em Rondonópolis/MT (1986-2007)

Safr	Soja		
	Área (ha)	Produção (Kg/ha)	Produção (kg/ano)
86/87	63.900	2.109	134.765.100
90/91	41.500	2.100	871.500.000
94/95	50.000	2.400	120.000.000
98/99	60.000	2.700	162.000.000
02/2003	65.695	3.000	197.085.000
06/2007	69.000	2.520	173.880.000

Obs: Menor índice de produtividade anual: em 89/90 =121.528.000 kg;  
 Maior índice de produtividade anual: em 90/91= 871.500.00 kg.

Fonte: Dossiê de Rondonópolis, Jan. 2010, p. 105, 106.

<sup>13</sup>O arroz de sequeiro (*Oriza Sativa*), entrou como cultura de desbravamento do cerrado, devido à sua rusticidade e relativa menor exigência comparativo às demais culturas. **Microregião de Rondonópolis-MT: características & potencialidades** – Comissão da Prefeitura de Rondonópolis. 1977. p7).

A produção do campo nas décadas de 1960/1970 em Rondonópolis passou a depender do insumo e de capital. Os novos instrumentos permitiram a racionalização do trabalho, ou seja, a ciência e a tecnologia estavam a serviço do capital.

Sobre a introdução da soja em Rondonópolis e região, conta o pioneiro dessa cultura Adão Salles (TESORO, 1993, p. 125) as primeiras experiências fracassadas e, por conseguinte, sucessos conquistados, esse, graças ao desenvolvimento da técnica voltada para a realidade do cerrado:

Foi em 1974 que nós principiamos em o soja, plantando a semente 'Santa Rita' que trouxemos do sul. Resolvemos plantar essa cultura animados com o sucesso do produto lá no Rio Grande, mas, por desconhecermos a técnica – pois o meu ramo anterior havia sido o comércio -, acabamos por ter que arrancar os pés de soja, da primeira vez que plantamos; eles ficaram muito longe uns dos outros, o soja escapou, ficou muito baixinho que não deu pra colher.

Nessa época teve contato com americanos empreendedores em busca de terras para comprar, conhecendo uma nova variedade de semente que aceitava as condições do lugar, a semente IAC-4. Todavia, foi necessária a correção da acidez do solo com aplicação de calcário. Após essas modificações, tornou possível a plantio contínuo da soja (Idem, 1993).

Foi a partir da descoberta da semente IAC-4 que investidores passaram a ter interesse pelas terras na região de Rondonópolis, em sua maioria gaúchos, catarinenses e paranaenses.

Em meados da década de 1980, pesquisas desenvolvidas pela EMATER – MT (Empresa de Assistência Técnica de Extensão Rural do Estado de Mato Grosso) em parceria com a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) resultou na obtenção de uma nova semente, a “Cristalina”, alcançando uma produtividade de 2.700 kg/ha.

Nesse período, a competição entre os agentes territoriais pela apropriação da produção de soja, para fins de comercialização no mercado nacional e internacional, compreendiam as novas territorialidades:

Entretanto, com a chegada de empresas internacionais como a CARGIL e SANBRA, CEVAL e SADIA, iniciou-se uma competição pela apropriação da produção de grãos de soja, visto que sua comercialização significava a captura de valor agregado no mercado mundial (CASTRO & FONSECA apud SILVA, 2005).

Sobre o complexo da soja em Rondonópolis, Bernardes (1997, p. 23-33) apontou singularidades:

O complexo agroindustrial da soja em Rondonópolis apresenta certa especificidade que o distingue das conceituações mais gerais de complexos agroindustriais, estando bem mais sintonizado com a nova tendência do capitalismo na **fase pós-fordista**, procurando construir novos espaços econômicos e sociais, desenvolvendo e articulando atividades simultâneas, em condições de produzir produtos competitivos nos termos de uma economia global. Atuando num espaço altamente capitalizado, onde os componentes da ciência, tecnologia e produção em grande escala constituem seus componentes, o complexo se compõe de várias atividades produtivas, interagindo em escalas variadas, através de diferentes estruturas de produção, procurando ajustar-se à perspectiva de acumulação flexível que vem caracterizando a economia nesse fim de século (**grifo nosso**).

Assim, Rondonópolis é caracterizado por uma economia controlada pelas grandes empresas do agronegócio. No ranking das exportações do Estado, o município está em primeiro lugar, com US\$ FOB<sup>14</sup> 923.852.296, responde por 10,9% de todo valor exportado do Mato Grosso (Dossiê de Rondonópolis, 2010, p74).

A década de 2000 foi marcada por novas tramas territoriais. Após a crise de 2005 foi implantada a política de diversificação industrial de Rondonópolis. O objetivo é diminuir a vulnerabilidade econômica em torno do agronegócio pela dependência da cultura de grãos “Após três anos de forte crise do agronegócio, [...] o município de Rondonópolis, no sul de Mato Grosso, aprendeu a lição do quanto é duro depender apenas dos produtos agrícolas” (<sup>15</sup>ADÃO HIPÓLITO GARAY, 2007).

Sobre a nova política de industrialização em Rondonópolis, alude a matéria da Revista Agronegócio, de agosto de 2007 (apud SILVA, 2010, p. 151) sob título: Plano B de Rondonópolis: Capital do agronegócio do Centro-Oeste, cidade atrai indústrias para fugir dos riscos de depender da cultura de grãos. O qual comenta:

Após três anos de forte crise do agronegócio, um dos maiores símbolos do setor no Brasil começa a retomar sua trajetória de crescimento. O município de Rondonópolis, no sul de Mato Grosso, aprendeu a lição do quanto é duro depender apenas dos produtos agrícolas. Com a chegada de várias novas empresas e a esperança

---

<sup>14</sup> “FOB” é a abreviatura da frase inglesa “Free On Board” que significa “Posto a Bordo”. Nas operações mercantis de compra e venda, a Cláusula FOB atribui ao vendedor o encargo de entregar a mercadoria a bordo, pelo preço estabelecido, ficando as despesas decorrentes do transporte (frete e seguro) por conta do comprador, bem como os riscos, até o porto de destino. Destaca-se que a responsabilidade do vendedor cessa no momento em que coloca a mercadoria a bordo do navio, no porto de embarque (FORTALEZA, 2010).

<sup>15</sup> Secretário de Agricultura e Pecuária de Rondonópolis.

nos biocombustíveis, a cidade busca agora diversificar suas atividades econômicas e vive momento de expectativa. “O nó da crise ainda não foi desatado. O que existem são perspectivas por causa das novas demandas do mercado internacional, que ainda não se realizaram”, afirma Adão Hipólito Garay, secretário de Agricultura e Pecuária de Rondonópolis. (...). Segundo Sereni Paludo, consultor da Agência Rural, de Cuiabá, (...) “O furacão não passou, apenas os ventos mudaram”, diz. Maior feira agrícola do Centro-Oeste, a Agrishow Cerrado, que já teve faturamento de mais de R\$ 1 bilhão, teve a edição deste ano cancelada em razão da crise do agronegócio. A chegada da onda dos biocombustíveis à região é uma esperança. O esmagamento da soja para a produção de biodiesel está próximo de se tornar realidade com a inauguração da maior fábrica de biocombustíveis do mundo este ano. A gigante americana ADM investiu US\$ 35 milhões no projeto. [...] Rondonópolis espera a chegada da Ferronorte para baratear o frete. Fonte: Revista: Dinheiro Rural, 2007.

Como resultado dessa nova política em Rondonópolis em 2008 foi inaugurado o 2º (segundo) distrito industrial de Rondonópolis Augusto Bortoli Razia:

Em plena fase de implantação, o Distrito Industrial Augusto Bortoli Razia já recebeu recentemente, como símbolo de sua pujança, a indústria de bebidas Cervejaria Petrópoles... Esta grande indústria mesmo sendo do segmento de alimentos, simboliza a diversificação do processo de industrialização que a cidade começa viver, somando-se à própria diversificação do setor da soja, no que se refere ao segmento da industrialização da agricultura, na chamada indústria à montante, cuja expressão maior local é dada também pela recente inauguração da unidade industrial da Nortox (SILVA, 2010, p.198-199).

O novo distrito tem como principal característica a diversificação industrial com uso intensivo de tecnologia e relativo uso de mão de obra.

O primeiro distrito industrial de Rondonópolis surgiu na década de 1970 (A Tribuna, 20 set. 2009). Atualmente, 30% de seus terrenos encontram-se desocupados (Idem). Nesse distrito, está a indústria ADM (Archer Daniels Midland Company) do Brasil.

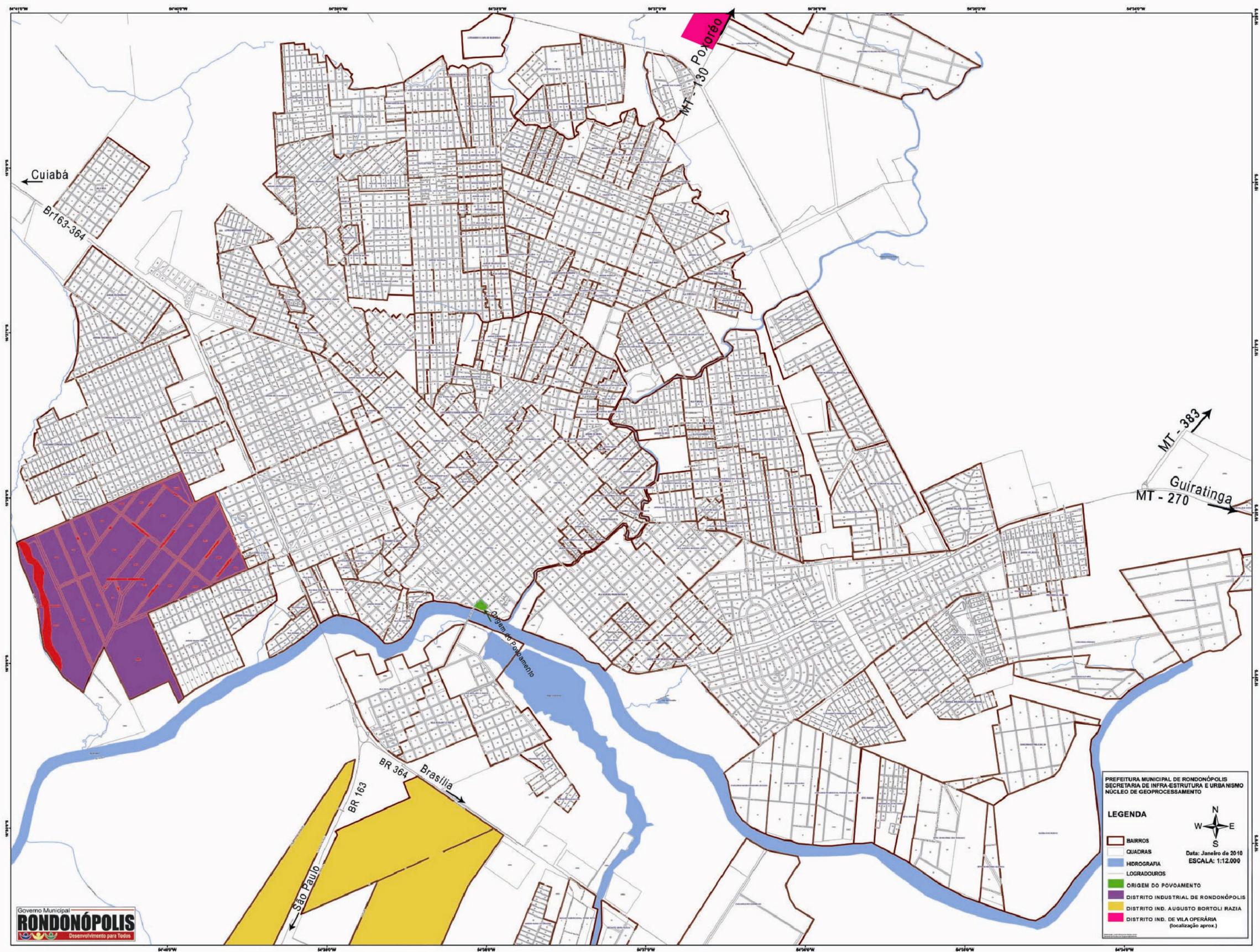
Destaca-se, também, um terceiro distrito industrial público, o distrito industrial de Vila Operária – Anésio Pereira de Oliveira (Lezinho) implantado em Rondonópolis (2010) com área de 50 hectares, próximo a Vila Operária, distando 4 km do centro da cidade; anexo a MT-130, na saída para o município de Poxoréo. O novo Distrito Industrial tem a função de receber indústrias de pequeno e médio portes (PRIMEIRA HORA, 2010).

O distrito industrial da Vila Operária vai ganhar a primeira empresa. A empresa beneficiada é a Brasil Terracota – Indústria de Cerâmica Ltda., que investirá R\$ 7 milhões no empreendimento. A indústria terá capacidade de produção de 12 milhões de telhas por ano... vai beneficiar a comunidade da região com a geração de 100 empregos diretos e outros 50 indiretos...um dos motivos pelo qual a empresa optou pela região de Vila Operária foi a disponibilidade de mão-de-obra. A cerâmica vai ocupar uma área de 29 mil metros quadrados dentro do Distrito Industrial que foi criado na atual gestão como alternativa para abrigar as empresas de pequeno e médio porte e gerar emprego na região da Vila Operária.

As indústrias que irão se instalar no distrito industrial III – Vila Operária, comparadas as que estão em implantação no distrito industrial II (Augusto Bortoli Razia), são caracterizadas pelo baixo uso de tecnologia.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico do Município de Rondonópolis, a primeira indústria a ser beneficiada pela instalação nesse parque é a Brasil Terracota – Indústria de Cerâmica Ltda., que investirá R\$ 7 milhões no empreendimento (Op. cit).

As indústrias a serem instaladas no Distrito industrial III, tendo com parâmetro a indústria pioneira (Brasil Terracota – Indústria de Cerâmica Ltda), tem como principal característica a produção de materiais pesados, com equipamentos de muito ruído, grande geração de resíduos sólidos e uso intensivo do trabalho manual em suas instalações, com baixa ou nenhuma qualificação profissional. Ver Mapa 6, com mapa de localização dos distritos industriais de Rondonópolis/MT.



Mapa 6: Planta urbana de Rondonópolis e localização dos distritos industriais - 2010.

Reeditação: SANTOS FILHO, J. F. 2011.

Uma comparação entre os dois distritos industriais, Augusto Bortoli Razia e o Distrito III (Vila Operária), nota-se um forte contraste da economia que será movimentada em cada parque. A primeira inaugurou suas atividades com a instalação da indústria de cervejaria Cristal, com um investimento na ordem dos R\$ 120.000.000,00 (cento e vinte milhões). Enquanto, a segunda terá como indústria pioneira a Brasil Terracota (Indústria de Cerâmica Ltda), com previsão de investimento de R\$ 7.000.000,00 (sete milhões) em 2011.

A seguir, identificaram-se os atores territoriais e as condições que se criam, as quais permitem o desenvolvimento territorial da economia em Rondonópolis, conseqüentemente, fomentam o mercado de emprego local. Utilizou-se como análise a cadeia produtiva do algodão em Rondonópolis ao invés do agronegócio da soja, pelo motivo, da apropriação do algodão como recurso de matéria-prima pela população, particularmente, por artesãos, empresários e empreendedores, constituindo um novo mercado e diversificação das atividades econômicas locais. Desta forma, a economia movimentada pelo algodão tem uma importante circulação interna em Rondonópolis que a soja cuja produção atende o mercado externo. Em relação às novas territorialidades, buscou-se compreender os diferentes atores que promovem a cadeia produtiva do algodão em Rondonópolis que são: governos, empresários, empreendedores e a população local.

## **2.2 O Território e a produção de novos circuitos econômicos**

A divisão tradicional do território do trabalho no Brasil deixou de existir na forma em que um Estado-nação exercia amplo controle sobre determinadas regiões no mundo, a título de exemplo, Portugal, antiga metrópole colonial do Brasil. Atualmente, a divisão territorial do trabalho é redefinida pelas organizações que repartem hierarquicamente as regiões, interligando as economias, criando e redimensionando os fluxos de capitais, mercadorias e de pessoas. O espaço é condição e meio para a (re)produção do território, e por isso, cada ator territorial visa ampliar sua capacidade de controle, criando mecanismos para assegurar e garantir os recursos necessários, como a mão de obra, as fontes de matéria prima e o mercado. Para isso, tramam estratégias e utilizam mecanismos, aprofundando as diferenças sociais pelo domínio do território.

No atual estágio da economia pós-moderna, as transformações ocorrem antes de serem processadas e, por isso, imprevisíveis. Os territórios estão ameaçados por essa imprevisibilidade, sofrendo contínua transformação evolutiva provocada pela instabilidade que o meio técnico-científico-informacional exerce.

No Brasil, as economias regionais, em busca da competitividade e devido à imprevisibilidade de cada momento em que se instala uma modernização econômica em detrimento da outra, são amplamente modificadas pelos atores territoriais, os quais influenciam e são influenciados de forma a se interagirem. Os territórios, assim competem a todo o momento, e dialeticamente se complementam. Nesse tecido, estão presentes os atores territoriais, que na rede territorial do trabalho visam aprofundar e ampliar o controle sobre o território, ao menos segurar os já existentes.

Historicamente, o desenvolvimento das regiões brasileiras segue um padrão de heranças sociais de forma a serem reproduzidas. Nesse sentido, o Centro-Oeste, especificamente Mato Grosso, de economia tradicionalmente agrária, tende a atrair para seu território novas identidades territoriais que o eleva a um nível superior de competitividade de mercado.

Rondonópolis é um território controlado pela cadeia produtiva do agronegócio. Os principais atores territoriais são governos, instituições, produtores, corporações e firmas, os quais orientam o desenvolvimento local.

Essa abordagem tende a compreender na esfera federativa a competitividade entre Mato Grosso, o maior produtor de algodão do país, e o Nordeste brasileiro, pela produtividade do algodão que, em escala nacional, tende a atrair indústrias do segmento têxtil beneficiadora da matéria-prima.

A transformação da matéria-prima em Mato Grosso tem como objetivo a verticalização da produção e a formação da cadeia produtiva do algodão no Estado, tendo como principal polo de desenvolvimento o município de Rondonópolis.

A importância que o município de Rondonópolis exerce na cultura do algodão é por ser a principal cidade da microrregião produtora com as melhores condições de logística de infraestrutura e de comunicação, além de uma numerosa população a oferecer como mercado de mão de obra e de consumo, os quais representam importantes riquezas territoriais. Destacam-se as vantagens competitivas como fornecimento de matéria prima de baixo custo e de excelente qualidade; incentivos fiscais; e, em especial, a cidade de Rondonópolis, é o principal eixo rodoviário de Mato Grosso com acesso aos principais mercados do Sudeste e Sul do país.

O projeto de transformação de Rondonópolis em cadeia produtiva do algodão no Estado envolve as tramas territoriais em diferentes níveis de competição dos territórios, que abrange a produção e a política fiscal denominada de guerra fiscal entre os estados e municípios.

Ao analisar a competitividade em torno da cultura do algodão, compreendemos o quanto os espaços tendem a oferecer aos diferentes territórios, tendo como vantagem as condições naturais existentes. A natureza, que em certos territórios impede o desenvolvimento como as irregularidades climáticas do Nordeste, em outros lugares, entra como uma condição para o desenvolvimento e competitividade, a exemplo de Mato Grosso, pela regularidade climática. No território, a natureza, a cultura de lavouras, logística de comunicação e circulação de mercadorias, informações e recursos humanos, são unificados pela artificialização da natureza e reinvenção do trabalho. As relações econômicas territoriais cumprem uma função dual: social e econômica, que traduz ora em crescimento econômico ou em desenvolvimento territorial, ambos intencionais. Na superfície dessa análise, o espaço é demarcado e tecnificado pelos atores territoriais, que influenciam e são influenciados de forma a se interagirem. Nessa interação, o entrecruzamento de poder que revelam, por um lado, descontinuidades e rupturas de territórios, senão, precarização. De outro lado, novas continuidades pontuais, que também são relacionais, encontradas nos territórios mais competitivos.

Em ambiente competitivo, os territórios se recompõem (BENKO, 2001), fenômeno dinamizado pelos atores territoriais multiescalares. Essa dinâmica existente na rede territorial de mercado denomina-se de “deslizamentos de escala”. Assim, os movimentos territoriais são dados pelo deslocamento de indústrias, da migração dos investimentos de uma para outra região, o que compreende a recomposição e/ou competitividade das economias regionais. Nessa sinergia, as tramas são tecidas, em especial, pelos atores locais; enquanto que os atores extralocais, tem como trunfo os investimentos oferecidos.

Quando um novo agente se investe no território, um novo circuito, em geral, logístico, é criado entre territórios para recebê-lo. Ao mesmo tempo, na instância econômica, subcircuitos são formados (SANTOS, 1979b) e que dinamiza a vida nas localidades; fomenta novas atividades relacionadas ao trabalho e consumo, em especial, nas cidades mais urbanizadas de uma região como Rondonópolis, Mato Grosso.

A cada novo circuito logístico, novas vantagens competitivas de mercado são retomadas. Matéria-prima, trabalho e logística são fatores que permitem o menor custo da produção e maior competitividade das empresas. Esses recursos disponíveis são fatores determinantes para atrair determinadas atividades econômicas com a que se verifica no setor têxtil.

A Microrregião de Rondonópolis (Mapa 2) é pioneira no cultivo de algodão em Mato Grosso. É constituída por 7 (sete) municípios, que são: Jaciara, Dom Aquino, Itiquira, São Pedro da Cipa, Juscimeira, Pedra Preta, São José do Povo. Perfazendo uma área de 23.854.413km<sup>2</sup> e uma população de 252.949 habitantes (ACIR & PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS, 2008). Sendo Pedra Preta o principal município produtor de algodão.

### **2.2.1 Dinâmica Produtiva do Algodão**

Em Mato Grosso, o cultivo de algodão herbáceo iniciou na década de 1933, antes da divisão territorial, no município de Três Lagoas, atual Mato Grosso do Sul, com a semente melhorada TEXAS 7111. Elias Medeiros foi quem deu os primeiros incentivos, apoiando a produção e a expansão da cultura no antigo Mato Grosso, com insumos, equipamentos e recursos (PARO, n/d, p.2). Em 1962/1963, iniciaram-se incentivos para o cultivo na microrregião de Rondonópolis (São José do Povo, Nova Galiléia, Jaciara, Pedra Preta e Juscimeira). A atual microrregião de Rondonópolis, período em que a grande cidade rondonopolitana ficou conhecida no Estado como “Rainha do Algodão”. Até então, predominavam pequenos agricultores no cultivo do algodão. Atualmente, o desenvolvimento da cotonicultura, encontra-se consolidado em três microrregiões do Estado: Parecis, Primavera do Leste e Rondonópolis que, juntos, respondem por cerca de 60% do total de fibras de algodão de Mato Grosso. INDEA (Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso); (BRASIL, 2007. 65) (O PROALMAT - Programa de Incentivo à Cultura do Algodão); (PARO, s.d, p.2).

No cerrado, o cultivo do algodão começou tímido e ganhou terreno com as primeiras pesquisas voltadas para o melhoramento genético de semente, insumos e maquinário.

Em 1980, foi criado o Primeiro Programa Nacional de Pesquisa de Algodão (PNP-Algodão). A Embrapa Algodão (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) encarregada de gerar e transferir tecnologia para redução dos custos de produção do algodoeiro cultivado. Nas safras de 1984/85, com o apoio da EMBRAPA, a EMPA (Empresa Mato-Grossense de Pesquisa Agropecuária) iniciava os primeiros trabalhos de pesquisa com 20 materiais genéticos, testando na época de plantio, competição de variedades e adubação. Em 1986, é inaugurado o primeiro laboratório de algodão, pelo INDEA-MT no bairro Carumbé, Cuiabá, como parte do programa de apoio ao algodão no Estado. O resultado da pesquisa veio em 1992. Era lançada no mercado a semente da Cultivar ITA-90. De acordo com Paro, atualmente, o emprego dessa semente ocupa mais de 80% do algodão plantado. (EMBRAPA-ALGODÃO, 2008, p 6); (PARO, s/d, p.2)

No ano de 1997, é criado o PROALMAT (Programa de Incentivo à Cultura do Algodão) que incentivou agricultores reduzindo de 75% do ICMS, além de estimular a adoção de tecnologias consideradas adequadas para produção da cotonicultura no cerrado; através do FACUAL (Fundo de Apoio à Cultura do Algodão), financiou pesquisas, fomento e assistência técnica. Ao mesmo tempo, o PROALMAT firmou parceria entre a EMBRAPA, a Fundação Mato Grosso e a EMPAER-MT, desenvolvendo novas variedades de sementes. Eram lançadas no mercado as sementes Antares e BRS-Facual.

As pesquisas desenvolvidas em Mato Grosso repercutiram satisfatoriamente no campo. O algodão colhido de 1996/1997 saltava de 55.500ha/safras para mais de 260.000ha/safras em 1999/2000. (BRASIL, 2007, p.66); (PARO, s/d, p.3).

O entre as décadas de 1996 e 2000, a produção do algodão em Rondonópolis experimentava os maiores índices de expansão da área plantada e da produção anual de sua história. (Ver Quadro 7)

Quadro 7: Evolução da produção do algodão Herbáceo em Rondonópolis/MT (1986-2007)

Safr	Algodão		
	Área (ha)	Produção (Kg/ha)	Produção (kg/ano)
86/87	3.008	984	2.959.872
90/91	2.100	1.500	3.150.000
94/95	4.000	1.800	7.200.000
98/99	17.000	2.700	45.900.000
02/2003	12.846	3.700	47.530.200
06/2007	7.900	3.534	27.926.000

**Obs.:** O menor índice de produtividade anual: em 92/93= 2.749.500 kg/ha;  
Maior índice de produtividade anual: em 99/00= 82.830.000 kg/ha.

Fonte: EMPAER MT ago/2005; IBGE Agencia Rondonópolis dez/2006; IBGE-SIDRA dez/2007 apud ACIR & PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS, 2008, p.108.

Nas décadas de 1994/1995, a produção que estava em 1.800 kg/ha saltou para 2.700 Kg/ha no município de Rondonópolis. O crescimento da produtividade do algodão Herbáceo no campo em Rondonópolis foi acompanhado pela expansão da área cultivada, indicando o ânimo dos agricultores pela cultura. Nos anos de 1994/1995, a área destinada à produção era de 4.000ha; já em 98/99 passou a ser de 17.000. Em 1999/2000, quando a produção atinge 82.830.kg, a área ocupada estava em 20.080 ha, alcançando 4.125 kg/ha.

A cultura do algodão no cerrado passou a depender cada vez mais de insumo com fertilizantes, técnica e incentivos fiscais e de capital. Elementos não isolados, pois foram os novos instrumentos que permitiram a potencialização do trabalho, incentivando o aumento da área plantada e maior autonomia do agricultor na colheita.

As lavouras tradicionais eram constituídas de pequenas áreas de até 20 hectares. Em sua maioria, os proprietários eram pequenos agricultores, com baixa aplicação de insumo, que realizavam a colheita de forma manual, tendo a comercialização em caroço. A colheita não era mecanizada, sendo necessário o uso intenso de mão de obra. Desde 1997, a região é dinamizada por audaciosos projetos de gestão empresarial. Na pioneira, a fazenda da Itamaraty e da Embrapa (empresas modernas), o cultivo do algodão passou a ocupar extensas áreas mecanizadas. (BRASIL, p. 67). Em Mato Grosso, a cultura do algodão começa um processo de “verticalização” das atividades, pois o descaroçamento, em grande medida, ainda é efetuado por terceiros, havendo até mesmo deficiência da capacidade instalada no Estado ABRAPA (apud BRASIL, 2007 p. 68). Ainda em referência as transformações territoriais quanto à estrutura fundiária em Mato Grosso, crescimento da produtividade do trabalho, o Departamento de Estudos Sócio-econômicos Rurais -DESER analisou que:

[...] migração da produção para a Região Centro-Oeste, mais especificamente para o Cerrado, está atrelada ao aumento da produtividade dessas regiões, que fatalmente trazem a queda no número de estabelecimentos que produzem algodão. As indicações são de que esteja havendo aumento da concentração da atividade, com menos agricultores produzindo mais, ou seja, aumentando apenas a produtividade do trabalho (Idem, p.18).

Na década de 1990, foi redesenhada a nova geografia do algodão no cerrado brasileiro. Mato Grosso torna-se o maior produtor de cotonicultura e polo de desenvolvimento, fato que tem levado a migração de investimentos do Nordeste (região com tradicional setor têxtil) para o Estado. A chegada de indústrias tecelãs envolve uma política de verticalização da produção com a formação de uma consistente cadeia produtiva do algodão e geração de empregos.

Essa expansão da cotonicultura, em Mato Grosso, se explica pelas condições territoriais favoráveis – a natureza com seus relevos aplainados, adequados à mecanização; e regularidade da chuva (BRASIL, 2007, p.49); política - incentivos fiscais, assistência técnica; ciência e técnica - pesquisa em genética, inovação, plantio, beneficiamento. Importante destacar que os incentivos fiscais, como redução de ICMS, permitiu aos agricultores ampliar a área para o cultivo do algodão. Também, as condições externas, como o crescimento da comercialização do algodão no mercado internacional. Os principais países consumidores do algodão de Mato Grosso são China, Indonésia, Paquistão e Tailândia (SOUZA, BONJOUR, 2008, passim).

O recente processo de desconcentração financeira e de indústrias do setor têxtil da região Nordeste para Mato Grosso, é motivado pelo impasse entre produtores de algodão e as indústrias consumidoras. Fato que repercute em desequilíbrio na cadeia produtiva de fiação regional, pelo baixo fornecimento de matéria-prima ao setor secundário. Tal situação impõe a necessidade de complementaridade ao consumo do algodão pelas industriais de fiação e tecelagem, tendo que importar de 30% a 70% do algodão produzido em Mato Grosso, a uma distância de 2.000km, o que eleva o custo final do produto e diminui a competitividade da empresa no mercado (BATISTA, 29 mar. 2010 apud FAEG, s/d).

A perda da competitividade do nordeste inicia com o declínio da produção de algodão. A crise que começa na década de 1930 esteve relacionada às sucessivas secas e à redefinição da cafeicultura paulista. A crise foi definitiva em 1980, em decorrência da praga do bicudo. A região Nordeste torna-se deprimida para o cultivo do algodão (BRASIL, 2007, p.48).

Com a crise do café, o plantio do algodão é estimulado através de incentivos públicos em São Paulo, com ênfase na produção e no desenvolvimento de pesquisas agronômicas. Em 1960, o algodão deslocou-se para o Paraná. Em 1980, São Paulo e Paraná tornam-se os maiores produtores nacionais de fibras de

algodão “Entretanto, uma série de fatores levou à completa desorganização da cotonicultura nacional em meados da década de 1980, crise que persistiu até meados da década de 1990, quando o **cultivo se estabeleceu com sucesso na região Centro-Oeste**” (idem, p. 48) (grifo nosso).

Dentre os principais fatores que implicaram na redução da área plantada do algodão no Brasil na década de 1980 foram:

- i) praga do bicudo na Região Nordeste, principalmente na safra 1986/1987; ii) os altos custos de produção; iii) a redução dos preços internacionais; iv) as facilidades nas importações nacionais; v) as dificuldades de crédito para plantio e colheita, uma vez que os maiores produtores eram arrendatários e pequenos produtores; e vi) instabilidade macroeconômica (Idem, p.48).

A busca por melhores condições de competitividade se evidencia quando as indústrias do setor começam a realizar novos investimentos e expande suas atividades em outras regiões produtoras como em Mato Grosso.

A tendência é que Mato Grosso se transforma em um importante polo têxtil e de fiação do país, conforme salienta FIEMT. “Depois de quase dez anos sendo o principal produtor de algodão do Brasil, Mato Grosso começa a se fortalecer como um importante polo têxtil e de fiação”. As indústrias são atraídas para o Estado pela matéria-prima de qualidade e em grande escala. Os investimentos estão na ordem de R\$ 550 milhões. As empresas investidoras são as maiores no setor no Brasil, na fabricação de índigo e jeans, destacam-se a indústria Santana Textiles e Vicunha Têxtil<sup>16</sup> e pela de fiação Têxtil Bezerra de Menezes (TBM) (Op. cit).

### **2.2.2 A formação da cadeia produtiva do algodão**

Mato Grosso nos últimos 10 anos tornou-se o maior produtor de algodão do país. Fato que tem despertado interesse de indústrias do setor têxtil no Brasil. Indústrias tradicionalmente estabelecidas na região Nordeste. Além do incremento da produção que o Estado, em decorrência, conquistou nos últimos anos na expansão da área cultivada e na produtividade. De acordo com Batista, “por isso, os planos de expansão dessas fábricas tradicionalmente instaladas no Nordeste não estão ocorrendo nessa região e sim, migrando para terras mato-grossenses. Mais

---

<sup>16</sup> Líder na produção de índigos e brins na América Latina.

próximas da matéria-prima, as indústrias conseguem elevadas economias com frete” (FAEG, 29 mar. 2010).

De acordo com a AGROCIM (Centro de Estudos em Agropecuária e Inteligência em Mercados), Mato Grosso conta com 60 indústrias ligadas ao setor têxtil e não possui nenhuma tecelagem. “O fio de fio de algodão cru, produzido artesanalmente em Rondonópolis, tece uma cadeia que, aos poucos, vem sendo construída em Mato Grosso: a do vestuário”.

As cooperativas existentes em Rondonópolis são estimuladas pela Prefeitura que promove feira de arte e cultura ao ar livre para mais de 65 artesãos exporem seus produtos artesanais. “[...] incentivadas pelos programas do Sebrae, elas não dão conta de atender a demanda de cachecóis, tapetes, almofadas e mantas encomendadas por outros Estados”. Internamente, a dinâmica da cadeia se fortalece com “às fábricas de jeans e ateliês de alta-costura, o segmento vem se fortalecendo e mudando a realidade do Estado”.

A economia do algodão em Mato Grosso movimenta, “em média, 195 empresas formais e 900 informais atuantes no segmento, nas regiões de Cuiabá, Várzea Grande e Rondonópolis. Na capital, são cerca de 150 formais e 720 informais. “Está crescendo muito” (BAZANI, 2009). Fato que mostra o comportamento do Circuito superior e inferior da economia urbana e a proliferação de atividades diferenciadas em torno de uma mercadoria (SANTOS, 1979a, 1979b).

O SEBRAE-MT está desenvolvendo trabalhos de oficinas de tecelagem, fiação e transferindo técnicas de desenvolvimento de produtos artesanais, nos municípios de Pedra Preta e Rondonópolis, “numa tentativa de formar diferentes elos da cadeia dentro do Estado” (SERAFIM et. al. s/d, p.13).

Dentre os objetivos do Governo do Estado é a verticalização da produção. Para precisa atrair, por meio de incentivos fiscais as industriais do segmento têxtil.

Para a presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Mato Grosso (SINVEST), Cláudia Fagotti, o Mato Grosso tem ao seu favor maiores vantagens competitivas para se consolidar como um dos pólos da indústria têxtil do país. “Para a indústria, a lógica é se instalar próximo à matéria-prima ou próximo ao consumidor final. Aqui nós temos a matéria-prima em produção abundante e já temos também a formação de mercado consumidor expressivo” (AGROCIM, 2010).

Dentre os requisitos para a constituição de um polo têxtil, Rondonópolis tem condições socioeconômicas e espaciais para os projetos que estão em andamento

por parte do governo do Estado e diretrizes traçadas pelo Sinvest em fazer do município um importante polo têxtil de Mato Grosso. É importante salientar, a centralidade que a cidade rondonopolitana exerce em toda região Sudeste de Mato Grosso, é fundamental nesse processo.

A economia urbana do município dispõe de um comércio diversificado, que atende à demanda de toda região Sul de Mato Grosso. São 22 municípios, o que tornou o meio circundante especializado para a circulação do capital, técnica e informação. Nessa condição, Rondonópolis concentra em seu território, além do maior número de população, a centralidade do trabalho e do consumo. Fato esse, que em dois anos, foram instaladas no município 1.693 novas empresas de comércio, indústria e serviços, representando um crescimento de 20,3% no número de empresas registradas (ACIR & PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS, 2010, p.65).

Com a cadeia do algodão em Rondonópolis, os compradores e sacoleiros terão fácil acesso ao comércio atacadista e de serviços pelas rodovias federais (BR 163 e 364) e as estaduais (MT130 e 270). Por ser a terceira cidade em número de habitantes, tem a oferecer ao segmento um importante mercado interno, que de acordo com as estimativas do Índice de Potencial de Consumo (IPC Target 2010) para este ano de 2010, somente em confecção, o gasto de população de Rondonópolis estará em R\$ 90,3 milhões (SILVA, J, 2010). Ao se confirmar um mercado interno promissor em Rondonópolis, a perspectiva é que se estabeleça um importante arranjo produtivo local (APL) de confecção com geração de emprego e renda, que na base da cadeia estimula agricultores a continuarem o plantio do algodão. Ainda que o grande mercado seja o exterior.

A execução do projeto de transformação de Rondonópolis em polo têxtil no estado de Mato Grosso, dentre os objetivos, destacam-se algumas etapas:

- 1 – conclusão da incubadora, onde, principalmente, mulheres passarão um ano recebendo consultoria e cursos voltados para o chão-de-fábrica, para administrar e para comercializar, pensando na sua vida profissional ou empresarial.
- 2 – criação de um centro atacadista para que todas as atuais 150 confecções e as futuras possam comercializar em comum, fortalecendo a produção e o pólo têxtil.
- 3 – trazer para Rondonópolis uma indústria-âncora para o centro atacadista e criar um mercado competitivo para as confecções locais.
- 4 – continuidade dos cursos de chão-de-fábrica para as confecções, para fortalecer o espírito de indústria.
- 5 – levar para Rondonópolis eventos de moda e, também, apurar o conhecimento de outros mercados regionais compradores, como os do Chile e da Bolívia, por exemplo, falou Cláudia Fagotti presidente do Sinvest (A TRIBUNA 2008).

A iniciativa visa desenvolver em Rondonópolis e microrregião uma eficiente cadeia produtiva de atividades relacionadas à cultura do algodão, que vão desde a tecelagem manual à mecânica, mediante oficinas de aprendizado e aprimoramento de técnicas de fiação e confecção de produtos artesanais, construindo um meio sustentável no segmento de fiação e tecelagem, fecundo para o nascimento de novas empresas. Ao mesmo tempo, formar um mercado competitivo no segmento de confecção em Rondonópolis, competindo com os importados de Goiânia, atendendo os consumidores locais com um produto de qualidade.

Em relação à pressão dos vestuários importados em Mato Grosso, o governo concede 17% de isenção de impostos aos empreendedores do setor que permitir diminuir custos e competir com os de fora. Principalmente, com Goiás, onde a cadeia produtiva do algodão está consolidada e conta ao seu favor com incentivos fiscais de seu governo, como explica a presidente do Sindvest: “Goiânia está bem aí. Lá tudo o que vender para fora é isento de imposto” (BAZANI, 2009).

O Sinroupas-Agicon<sup>17</sup> conseguiu junto ao **Governo de Goiás a isenção de ICMS para confecções goianas. Isto trouxe grande benefício para toda a cadeia produtiva, já que a lei beneficiou também as fábricas e lavanderias**”, explica. Ainda dentro desta questão, Sousa afirmou que o governo do Estado de Goiás mostrou-se sensível ao tema. **“O governo de Goiás se sensibilizou pela possível demissão de mais ou menos 15 mil empregos na área,** e como o mundo estava em uma recessão, o governo para evitar uma crise maior, resolveu dar este incentivo, que foi de suma importância para a Indústria de Confecção Goiana, pois além de não demitir ninguém, **conseguiu manter seu volume de vendas sem qualquer queda de produção** (grifo nosso).

Nessas condições, os territórios estão em uma acirrada competitividade deflagrada pela guerra fiscal. A isenção de ICMS é um instrumento dos governos estaduais que se tornou importante mecanismo de controle sobre a produção e o fluxo de mercadoria entre os territórios. Ao mesmo tempo, torna o ambiente fecundo para o surgimento de empresas e de atividades.

---

<sup>17</sup> Sindicato das indústrias de confecções de roupas em geral de Goiânia.

### 2.2.3 Competitividade

De acordo com Souza e Bonjour, (2008, *passim*), “o conceito da competitividade está associado a diferenciais de preços, problemas tecnológicos, salários e produtividade, em que a medida mais usual é a produtividade do trabalho”, ainda, segundo as autoras:

Há estudos como o de GOPINATH et. all (1997) que mostram que a competitividade é um conceito relativo com duas dimensões: a doméstica e a internacional. Se em um país, o crescimento real da agricultura for maior que o crescimento da economia, então se conclui que a agricultura do país está ganhando competitividade em relação ao resto da economia. E se o crescimento da agricultura de um país é maior que o de outro, então, segundo esses autores, diz-se que o primeiro está ganhando competitividade bilateral sobre o segundo.

De acordo com Santos, a produtividade regional está identificada pelo trabalho que é desenvolvido (1997, p. 198). “Assim, como se fala de produtividade de uma máquina, de uma plantação, de uma empresa, podemos, também, falar de produtividade espacial ou produtividade geográfica... Essa categoria se refere mais ao espaço produtivo, isto é, ao “trabalho” do espaço.”

Nessa perspectiva, a competitividade de Mato Grosso, em relação ao Nordeste, e demais regiões do país, encontra-se no crescimento da produção do algodão, o que envolve a verticalização da produção no território pela atração de indústrias, tendo como recurso a isenção de impostos como ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e ISSQN (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza).

Outra forma de competitividade, ocorre na esfera política dos estados e municípios denominada de guerra fiscal. O imposto incide na localização das indústrias e favorece o surgimento de pequenos segmentos de indústrias, como é o caso das confecções de roupas que se proliferam em Rondonópolis. Sobre essa política, lemos: “Mas os governos estaduais possuem suas próprias estruturas de impostos e, no âmbito do Estado, as áreas municipais ainda aplicam impostos ou taxas municipais’ (ESTALL & OLIVIE, 1976, p.153).

Santos e Silveira (2001) destacaram o peso que as políticas de atração industrial exercem na implantação ou transferência de uma nova indústria para seu território. “As mudanças de localização de atividades industriais são, às vezes,

precedidas de uma acirrada competição entre estados e municípios pela instalação de novas fábricas e, mesmo, pela transferência das já existentes” (Idem, p. 112).

Todavia, a proximidade de Mato Grosso em relação às regiões mais desenvolvidas do país, o Sudeste e o Sul, principais clientes das indústrias têxteis no país, o Estado tende a ser fator exponencial da competitividade em detrimento a região Nordeste. Importante compreender que quando uma indústria sinaliza a instalação de uma planta industrial no Estado mais competitivo, uma nova guerra fiscal entre os municípios acontece para influenciar a localização da indústria. Pesa aí, além dos impostos municipais (ISSQN), as infraestruturas urbanas como as vias de comunicação e circulação de acesso aos mercados (logística), mão de obra, mercado interno.

São níveis diferenciados de competitividade. Além da produtividade, destacaram-se outros fatores presente no território.

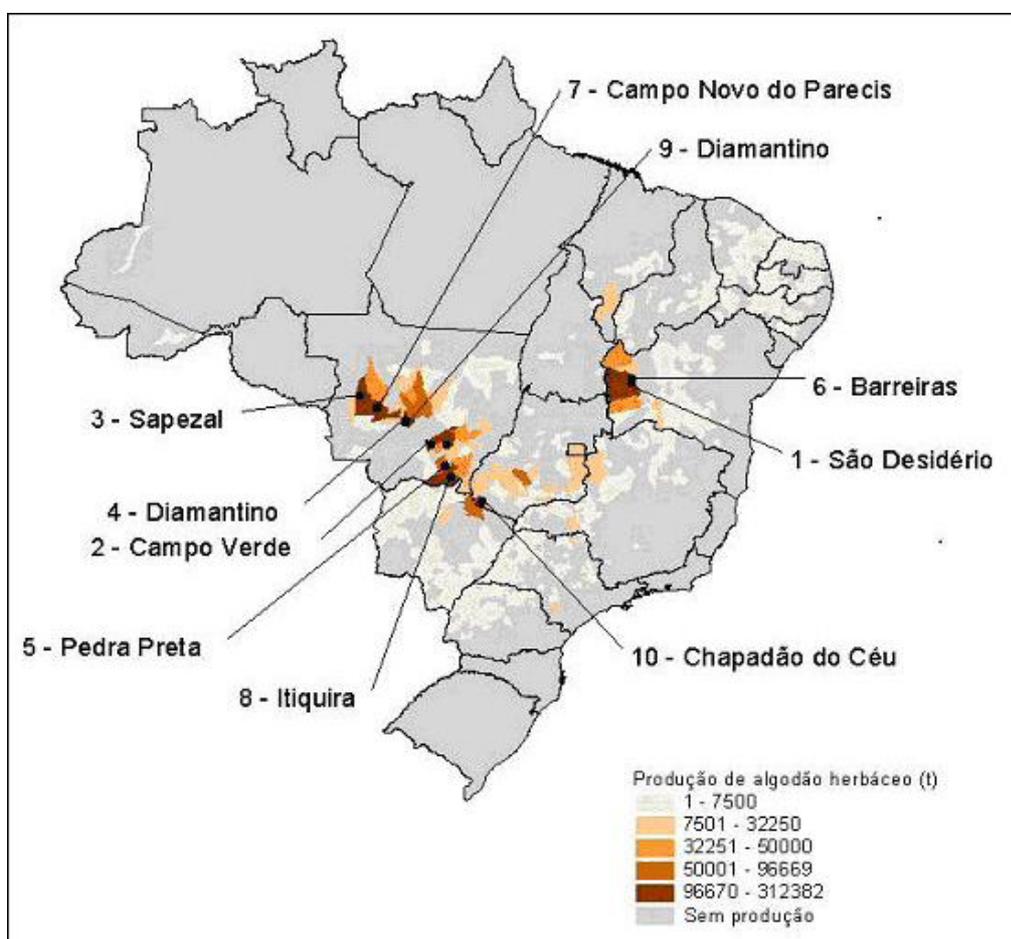
Sobre a qualificação da mão de obra – em 2001, Mato Grosso recebeu do SENAI-MT a primeira a Escola de Beneficiamento de Algodão, primeira do gênero na América Latina. A unidade, em apenas três anos de funcionamento “... qualificou mais de 500 profissionais. Agora, está em estudo a implantação dos cursos na área têxtil, além do primeiro Curso Técnico de Beneficiamento de Algodão do Brasil”, afirma o gerente do SENAI de Rondonópolis, Cláudio Hessel (SENAI-BRASIL, 2004, p.15) (grifo nosso). Os cursos são gratuitos e se destinam a qualificação e aperfeiçoamento profissional no setor algodoeiro, nas seguintes funções: 1- Operação e manutenção de máquinas de beneficiamento de algodão; 2- Utilização da máquina a campo e a correta manutenção da colheitadeira de algodão 9970 da John Deere; 3 - Capacitar os participantes no uso da nova legislação fiscal para a classificação do algodão em pluma; a classificação visual do algodão em pluma e classificação tecnológica.

É importante compreender que competitividade do algodão de Mato Grosso, além das condições naturais, se deve também, ao emprego de diferentes técnicas de manejo e beneficiamento, que permitem adquirir um grau de pureza maior da matéria prima. Portanto, a qualidade do algodão tem relação direta à forma como é beneficiado. “Os produtores perceberam que a qualidade da fibra do algodão estava sendo prejudicada por conta da mão de obra desqualificada na colheita” (SENAI-MT, 2004, p.1). Nesse sentido, a capacitação do recurso humano, tem como estratégia conquistar a confiança das indústrias investidoras, quanto ao fornecimento de uma

matéria prima de menor custo e maior qualidade, altamente, competitiva no mercado.

Conforme anteriormente mencionado, há 10 anos Mato Grosso lidera como principal estado produtor no país. De acordo com DESER (2007, p.15) entre 1996 e 2005, a oferta de algodão no Brasil aumentou de forma significativa apenas no Mato Grosso (2.188%), Bahia (1.489%) e Maranhão (1.488%), como aponta a Mapa 7.

Em relação às microrregiões da produtora do algodão em Mato Grosso, “na atualidade destacam-se três microrregiões (Parecis, Primavera do Leste e Rondonópolis), que respondem por cerca de 60% do total de fibras de algodão produzidas no Estado” (BRASIL, 2007, p.65).



Mapa 7. Mapa da produção de algodão no Brasil.

Fonte: IBGE, 2004.

Erro: duas vezes o nome diamantino. Chapadão do Céu localização errada.

Na microrregião de Rondonópolis, destacam-se os seguintes municípios produtores de algodão: Pedra Preta, Itiquira e Rondonópolis. Sendo a cidade rondonopolitana o grande mercado e pólo do algodão

## **2.2.4 Territorialização da indústria têxtil e a dinâmica do emprego no setor**

O setor de têxtil é altamente competitivo no mercado, não somente, pelo uso intensivo de tecnologia no chão da fábrica, mas, por demandar um grande número de trabalhadores no processo de produção.

A territorialização da indústria Santana têxtil em Rondonópolis é parte de um conjunto de novas estratégias competitivas de reprodução e expansão dentro e fora do país, encontrando em Mato Grosso recursos para si. Por outro lado, a sua presença no território é fundamental para as pretensões dos atores locais como Estado, empresários e empreendedores e trabalhadores. Suas atividades tornam o meio fecundo para a formação de um arranjo produtivo local consistente no setor de tecelagem e fiação e confecção.

Após a construção da fábrica em Rondonópolis em 2006, iniciou-se a internacionalização do grupo, que instalou a unidade V na Provincia del Chaco – Argentina. Com o objetivo de acompanhar as ações de expansão internacional, o grupo passou a chamar-se Santana Textiles.

Em pesquisa realizada na referida indústria, buscou-se compreender os novos usos dos recursos humanos empregados e perfis profissionais exigidos na organização, como os processos necessários na capacitação e adequação da mão de obra.

Conforme pesquisa, a idade mínima exigida é de 18 anos e máxima de 60. O que revela novos tempos e novos usos da força de trabalho em Rondonópolis, quando na década de 1960, a idade mínima da população ativa era de 10 anos e máxima 70 anos. Também, importante mencionar, que nos cursos de capacitação profissional oferecidos pelo SENAI-MT, a exigência é que o aluno tenha a idade mínima de 16 anos. Dado importante, pois, no setor de produção da Indústria Textiles, aos 18 anos o profissional capacitado é empregado em suas atividades. Essas diferenciações ocorrem quando o recurso humano passa a requerer, na atual economia de mercado, um período maior de estudo para ser utilizado no mercado de trabalho.

No ano de 2008, a indústria empregava 250 funcionários na produção, dentre os quais se constatou não haver trabalhador analfabeto. As exigências para se

trabalhar na produção em geral eram “apenas estar cursando ensino médio, aprovação nos testes psicológicos”, afirmou Ramos, A. C.<sup>18</sup>.

Perguntado sobre a contratação e importação de trabalhadores de outras regiões, Ramos disse que a dificuldade que a empresa enfrentou, por ser a única têxtil na região, teve que importar o quadro completo de técnicos, candidatos com experiência no segmento. Os setores mais carentes de profissionais era a supervisão técnica de mecânica e elétrica.

Ao todo são 250 funcionários envolvidos nas atividades de produção. Perguntados sobre o recrutamento dos trabalhadores, 70% da mão de obra foram qualificadas para atuar no interior da fábrica, nos setores de mecânica, elétrica, têxtil e caldeira. Os cursos foram ministrados de forma articulada com instituições profissionalizantes como o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e também na matriz do grupo, em Fortaleza-CE. Confirmando essa informação, contatou-se que o SENAI-MT, após um ano de no ensino e capacitação para as atividades do setor, “já capacitou mais de cem alunos, alguns oriundos de outros estados produtores de algodão como Bahia, Mato Grosso do Sul e Goiás” (SENAI-MT, 2004, p.2). Fato que comprova um movimento migratório diferenciado para Rondonópolis, na cultura do algodão.

A empresa emprega 293 funcionários distribuídos em diferentes setores, dos quais 250 são homens e 43 mulheres. Fato importante quando perguntado sobre a origem dos trabalhadores migrantes. Constatou-se que 20% dos trabalhadores são migrantes, ou seja, 50 homens migraram para trabalhar na unidade IV, enquanto que das 43 mulheres empregadas na indústria, 50% são trabalhadoras que migraram para Rondonópolis. Em geral, são mulheres qualificadas para trabalhar com experiência em costura industrial. Tais trabalhadores, a maioria, são provenientes de Fortaleza-CE e Natal-RN, regiões consolidadas no segmento de tecelagem, daí o motivo de ser a região fornecedora de mão de obra técnica para as atividades da indústria têxtil que se estabelecem.

---

<sup>18</sup> Coordenadoria do RH. Industrial Santana Têxtil, Rondonópolis-MT.

### 3 O MERCADO INTERNO DE RONDONÓPOLIS

A análise da economia urbana de Rondonópolis compreende a potencialidade do mercado interno. Sendo fundamentais os indicadores socioeconômicos das atividades de consumo e produção.

#### 3.1 Evolução da frota de veículos em Rondonópolis (2002-2005)

Constatou-se que em 2005 havia em Rondonópolis 97.044 veículos, sendo 30.477 automóveis. A evolução na frota de veículos nos últimos 6 anos foi de 57,0%, ou seja, a frota cresceu, em média, 9,5% ao ano no município, como se observou na Tabela 3.

Tabela 3: Evolução da frota de Veículos em Rondonópolis. (2002-2005)

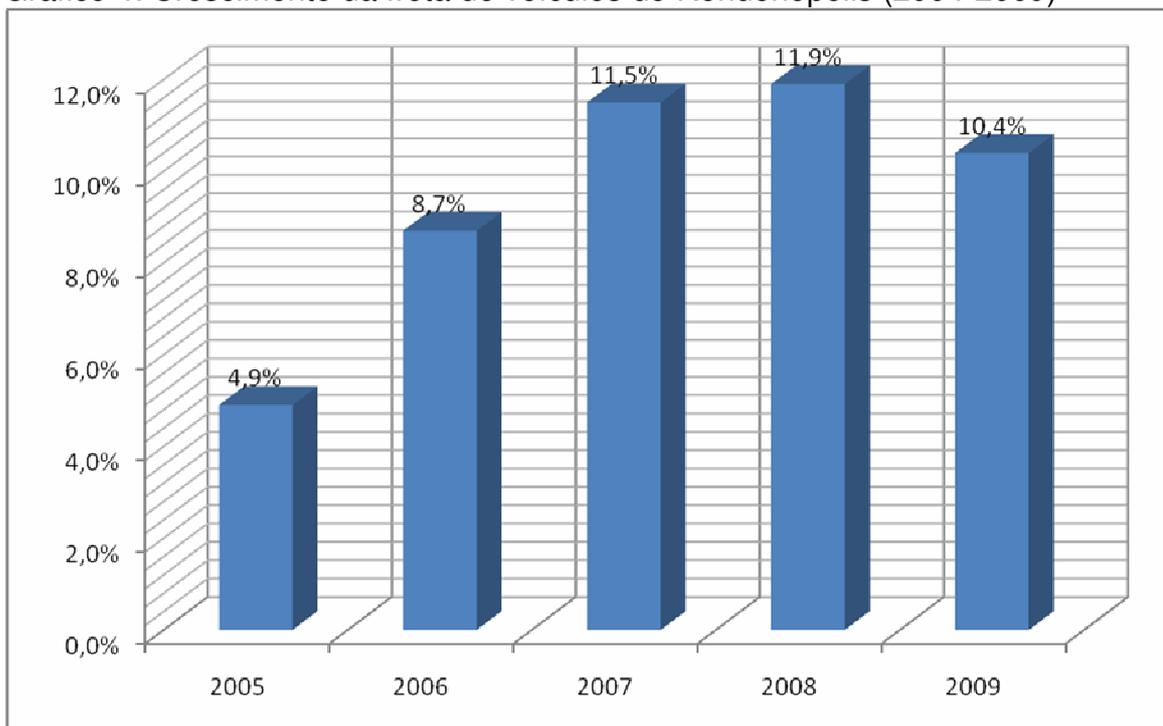
Tipologia	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Automóveis	20.382	21.052	22.813	24.926	27.345	30.477
Caminhão	2.870	2.933	3.033	3.210	3.305	3.441
Caminhão trator	2.360	2.448	2.435	2.605	2.924	3.129
Caminhonete	5.959	6.210	6.616	6.801	7.384	7.987
Camioneta	1.283	1.287	1.346	1.454	1.520	1.622
Motocicleta/motoneta/ciclomotor/triciclo	24.463	26.164	29.402	34.148	39.048	43.265
Ônibus/Microônibus	293	318	396	417	447	473
Reboque/Semi-reboque	4.167	4.314	4.407	4.811	5.629	6.295
Outros	30	116	12	207	292	355
Total de Veículos cadastrados	61.807	64.842	70.460	78.579	87.894	97.044

Fonte: Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN (Dossiê de Rondonópolis/MT, 2010, p.60).

A evolução da frota de veículos em Rondonópolis está ligada à capacidade de compra da população e mostra o desempenho da economia local. Tomemos como exemplo, o crescimento do consumo no ano de 2005 de automóveis, ano da crise da agricultura em Rondonópolis. Havia em 2005, 21.054 automóveis, uma diferença de 670 carros em relação a 2004, que era de 20.382 automóveis, representando um crescimento de 3,3%, enquanto, que em 2006, ano pós-crise, o consumo de automóveis quase que triplicou, registrando um crescimento de 8,4% do consumo de automóveis. Assim, a elevação do consumo indica a expansão da economia.

O crescimento da frota de veículos nos períodos que compreende 2004 a 2009, está representado no Gráfico 4.

Gráfico 4: Crescimento da frota de veículos de Rondonópolis (2004-2009)



Fonte: Dados Dossiê de Rondonópolis, 2010, p. 60. Edição: SANTOS, F. S. 2001.

O crescimento da frota de veículos em Rondonópolis nos anos de 2004 a 2009, mostra uma importante recuperação da economia no município, a partir de 2005, momento da crise do agronegócio.

O aumento do consumo de veículos foi contínuo nos anos seguintes, com algumas oscilações que se verificou em 2009 provocadas pelas incertezas do mercado imobiliário nos Estados Unidos. A expansão do comércio interno mostrou o retorno ao crédito financeiro, geralmente restrito em época de crise.

Para Santos, “o crédito intervém como uma variável essencial do consumo em ambos os circuitos (1979b, p. 206)”. Sobre o consumo entre as camadas sociais pobres e médias e as altas denominadas por Santos de “abastardas”, ele as distingue quanto ao consumo: “A população pobre recorre ao crédito bancário para os bens de consumo duráveis e as despesas de luxo. Idem” (Idem, p. 206). O autor discrimina os tipos de consumo designando por “A” as despesas de alimentação, “B” as de bens de consumo corrente e “D” as de carros e viagens. E nessas modalidades de consumo, as classes altas e médias têm à disposição créditos bancários para o consumo de bens de consumo corrente (roupas, alimentação, bebidas, medicamentos, higiene), duráveis (das máquinas de lavar roupa, geladeiras, televisão) e, ainda, para a compra de carros e lazer. Enquanto que as

“classes inferiores têm crédito pessoal generalizado para “A” e um crédito pessoal menos generalizado para “B”, que conduz ao circuito de crédito usuário (SANTOS, 1979b, p. 207)”.

### 3.1.2 Classe econômica de Rondonópolis

O crescimento da classe C no Brasil é um importante indicador do poder de compra da população. Dado fundamental que explica o aumento do consumo em todo país, como aponta a Tabela 4.

Tabela 4: Renda média familiar por classe econômica.

	Renda média Familiar	Total Brasil
<b>A1</b>	R\$ 14.250,00	0,72%
<b>A2</b>	R\$ 7.557,0	3,86%
<b>B1</b>	R\$ 3.944,0	8,99%
<b>B2</b>	R\$ 2.256,00	19,3%
<b>C1</b>	R\$ 1.318,00	22,96%
<b>C2</b>	R\$ 861,00	22,82%
<b>D</b>	R\$ 573,00	19,51%
<b>E</b>	R\$ 329,00	1,84%

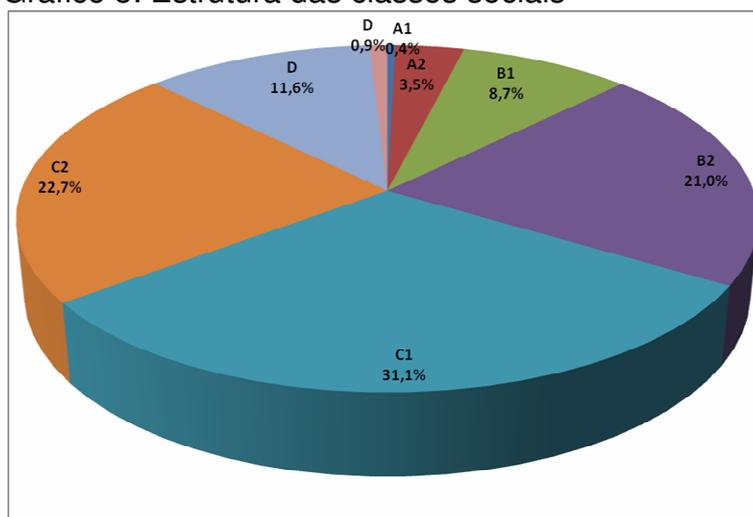
Fonte: ACIR e PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS, 2010, p.42.

De acordo com O Globo (2010):

Pela primeira vez na história, a classe C do Brasil, cujos lares recebem de R\$ 1.115 a R\$ 4.807 por mês, passou a representar a maior fatia da renda nacional... Segundo a Fundação Getulio Vargas, o segmento detém 46% dos rendimentos das pessoas físicas. Já as classes A e B correspondem a 44%. Entre 2003, quando a classe C tinha 37% da renda, e 2008, 26,9 milhões chegaram a este grupo, que soma 91 milhões de brasileiros.

Em relação à população de Rondonópolis, a classe C representa a principal parcela da população de Rondonópolis, apresentando uma renda média familiar de R\$ 861,00 a R\$ 2.255,00, aproximadamente (DOSSIÊ de Rondonópolis, 2010, p. 42).

Gráfico 5: Estrutura das classes sociais



Fonte: Dossiê de Rondonópolis, 2010.

O crescimento econômico da classe C em Rondonópolis movimenta a economia por ser a maioria da população responsável pelos gastos em consumo corrente, sendo os principais consumidores do comércio e varejo. Sobre o consumo dessa classe, tem a seguinte observação:

Classe C é o grupo que ganha menos de 10 salários mínimos por mês. Representa 90% da população brasileira, é responsável por 79% do consumo, atinge 69% do mercado de cartões de créditos, são 86% do total de internautas e movimentam R\$ 760 bilhões por ano (O POVO, 2011).

Assim, a classe C, na modalidade C1 e C 2, representa 53,8% da população rondonopolitana. Depreende que o crescimento populacional aliado ao crescimento da renda das classes C em Rondonópolis configurar-se-á um poderoso comércio interno de trabalho e consumo.

## 4 A DINÂMICA TERRITORIAL DO TRABALHO

Rondonópolis, dentre os municípios mais industrializados de Mato Grosso, ocupa a segunda posição com 425 estabelecimentos industriais, atrás da capital cuiabana com 514 indústrias. Na terceira colocação aparece Várzea Grande, com 383 estabelecimentos industriais.

Quadro 8: Estabelecimentos nas principais cidades de Mato Grosso 2008.

<b>Município</b>	<b>Indústria</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviço</b>	<b>Total</b>
Cuiabá	514	7.894	6.402	<b>14.810</b>
Rondonópolis	425	3.356	2.919	6.700
Várzea Grande	383	3.569	2.680	<b>6.632</b>

Fonte: Mato Grosso, 2008, p.4.

Em relação ao setor terciário, Rondonópolis conta com 3.356 estabelecimentos comerciais, ocupando o terceiro lugar. Em segundo, aparece Várzea Grande com 3.569 empresas de comércio no atacado e a varejo. E em primeiro lugar está a capital Cuiabá com 7.894.

Sobre as atividades comerciais, a terceira colocação de Rondonópolis se explica pelo fenômeno da conurbação de Várzea Grande com Cuiabá, aumentando o fluxo de pessoas entre as duas cidades, favorecendo o crescimento populacional e a proliferação do comércio em Várzea Grande. Um dado importante, é que o grande comércio no atacado e a varejo estar concentrado na capital e não em Várzea Grande, permite, neste, o surgimento de pequenos estabelecimentos. Assim como em Rondonópolis, a presença de grandes empresas do atacado reduz a demanda por estabelecimentos de menor porte. Fato, que possivelmente refletiu nos números de estabelecimentos comerciais. Já nas atividades de serviço, Rondonópolis ocupa a segunda posição.

A capital, por deter maior contingente populacional do Estado, deveria presenciar uma demanda maior da população por atividades de serviços, que somam 6.402 estabelecimentos do setor. Rondonópolis, que detém a segunda posição com 2.919 estabelecimentos de serviços, mesmo sendo a terceira maior cidade em números de habitantes (195.550 hab.), atrás de Várzea Grande (252.709 hab.), tende a requerer um elevado número de atividades de serviços para atender, não apenas a sua população local, mas um grande número de cidades,

aproximadamente 22 municípios, localizados na região sudeste de Mato Grosso. Em terceiro lugar, em número de estabelecimentos comerciais, está a cidade de Várzea Grande, que ostenta 2.680 pontos comerciais.

Na microregião de Rondonópolis estão localizados 8 municípios, que somam uma população de 275.710 habitantes (IBGE, 2010). Número que representa um importante mercado consumidor na região.

Quadro 9: Empresas da microregião de Rondonópolis por setor da Economia.

<b>Município</b>	<b>Indústria</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviço</b>	<b>Total</b>
Dom Aquino	9	119	104	232
Itiquira	11	184	178	373
Jaciara	37	459	448	944
Juscimeira	6	164	155	325
Pedra Preta	9	218	178	405
Rondonópolis	425	3.356	2.919	6.700
São José do Povo	2	29	38	69
São Pedro da Cipa	2	55	32	89
Consórcio da microregião	501	4.548	4.052	9.136

Fonte. Mato Grosso, 2008, p.4.

A centralidade econômica em Rondonópolis, especialmente em sua microregião, é compreendida pelo adensamento das atividades econômicas e pela concentração do número de estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços em seu território (Ver Quadro 9).

Sobre a implicação dessa centralidade no mercado de trabalho local, vide a seguir, onde se analisou o desempenho do mercado de trabalho em Rondonópolis na década de 2000, precisamente entre os anos de 2003 a 2010. O desempenho do mercado de trabalho é um reflexo da economia local. Sendo assim, a queda da produção, comercialização e as instabilidades do comércio internacional repercutem na taxa de emprego. Desta forma, não se analisa o mercado de trabalho separadamente da economia que movimenta suas atividades e fomenta o trabalho local. Essa economia torna-se cada vez mais moderna e integrada ao mundo, sofrendo as oscilações do mercado global.

Quadro 10: Evolução da oferta de emprego em Rondonópolis (2003-2007).

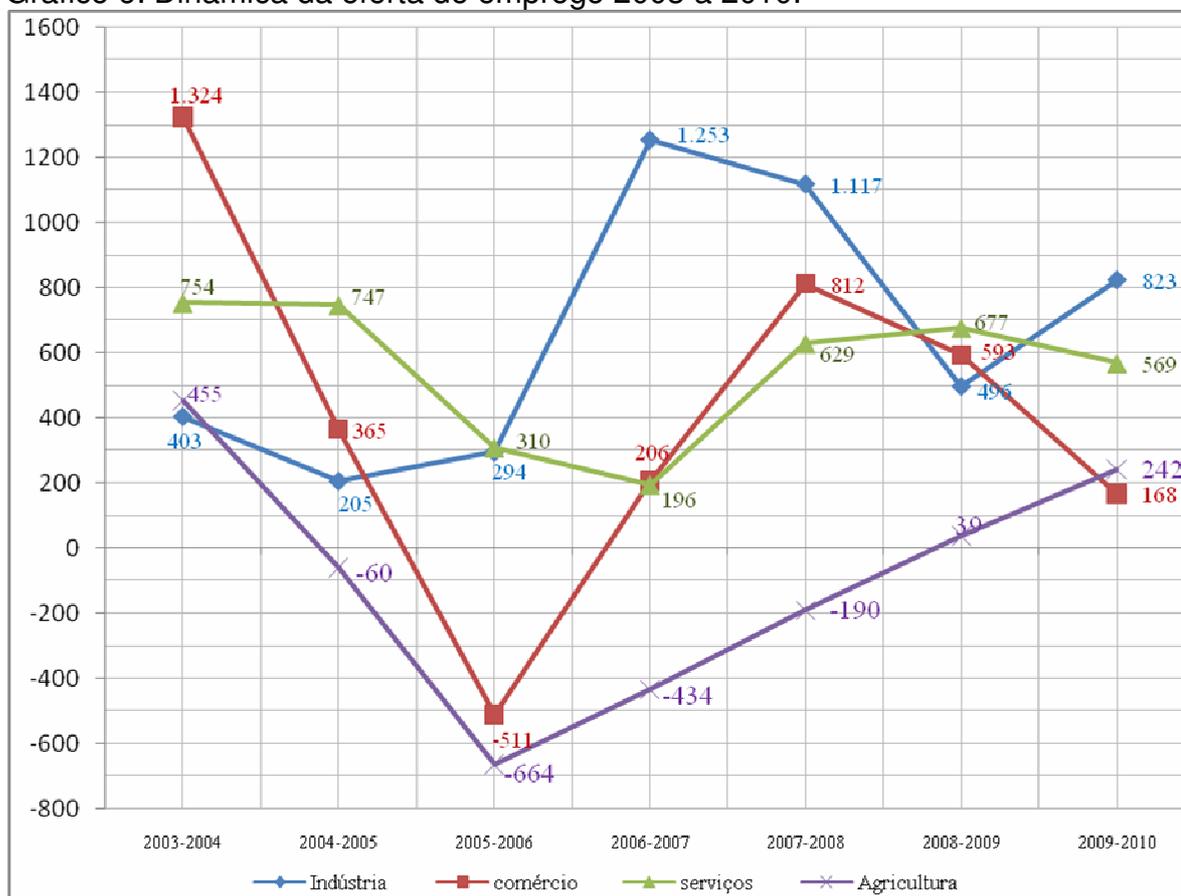
2003-2004					2004-2005			
Setor	Admissão	demissão	saldo	Var. Absoluta do emprego	Admissão	Demissão	Saldo	Var. Absoluta do emprego
Indústria	3,598	3,195	403	Adm-Dem	4.340	4.135	205	Adm-Dem
Construção civil	3,764	3,476	288		5.056	4.795	261	
Comércio	9,43	8,106	1,324		10.489	10.124	365	
Serviços	7,507	6,753	754		8.646	7.899	747	
Agricultura	6,92	6,465	455		6.101	6.161	-60	
<b>TOTAL</b>	<b>31,219</b>	<b>27,995</b>		<b>3,224</b>	<b>34.632</b>	<b>33.114</b>		<b>1518</b>
2005-2006					2006-2007			
Setor	Admissão	demissão	saldo	Var. Absoluta do emprego	Admissão	Demissão	Saldo	Var. Absoluta do emprego
Indústria	4.657	4.363	294	Adm-Dem	6.059	4.806	1.253	Adm-Dem
Construção civil	5.144	6.107	-963		5.581	6.265	-684	
Comércio	9.916	10.427	-511		10.105	9.899	206	
Serviços	8.542	8.232	310		8.851	8.655	196	
Agricultura	4.101	4.765	-664		3.022	3.456	-434	
<b>TOTAL</b>	<b>32.360</b>	<b>33.894</b>		<b>-1.534</b>	<b>33.618</b>	<b>33.081</b>		<b>537</b>
2007-2008					2008-2009			
Setor	Admissão	demissão	saldo	Var. Absoluta do emprego	Admissão	Demissão	Saldo	Var. Absoluta do emprego
Indústria	7.317	6.200	1.117	Adm-Dem	8.418	7.922	496	Adm-Dem
Construção civil	5.968	6.177	-209		5.645	6.445	-800	
Comércio	12.200	11.388	812		13.663	13.070	593	
Serviços	10.449	9.820	629		12.112	11.435	677	
Agricultura	3.343	3.533	-190		3.408	3.369	39	
<b>TOTAL</b>	<b>39.277</b>	<b>37.118</b>		<b>2.15</b>	<b>43.246</b>	<b>42.241</b>		<b>1.005</b>
009-2010								
Setor	Admissão	demissão	saldo	Var. Absoluta do emprego				
Indústria	9.571	8.748	823	Adm-Dem				
Construção civil	5.884	6.182	-298					
Comércio	14.562	14.394	168					
Serviços	13.315	12.746	569					
Agricultura	3.525	3.283	242					
<b>TOTAL</b>	<b>46.857</b>	<b>45.353</b>		<b>1.504</b>				

Fonte: CAGED, 2003 (31/12/2010)

Org.: SANTOS, J. F. 2011.

A seguir no gráfico, Gráfico 6: Dinâmica da oferta de emprego 2003 a 2010. Foi analisado o desempenho do mercado de emprego em Rondonópolis entre os anos 2003 à 2010.

Gráfico 6: Dinâmica da oferta de emprego 2003 a 2010.



Fonte. Dados CAGED, 2003-31/12/2010.

Org.: SANTOS, J. F. 2011.

A economia de Rondonópolis é baseada no agronegócio, na comercialização e beneficiamento de grãos para o mercado exterior. Por esse motivo, vale entender as dificuldades encontradas na década de 2000, que refletiram no desempenho do mercado de trabalho local. Em 2005, a agricultura sofreu com a crise da desvalorização cambial do dólar ante o real, o que levou a uma colheita desvalorizada em relação à condição anterior a crise (por ser comercializada em dólar). A maior parte dos custos do cultivo da soja, encontra-se nos insumos de fertilizantes comprados em dólar no mercado exterior. A depreciação da moeda americana, frente ao real, fez com que o mercado de investimentos abandonasse a comercialização de grãos, e, ao se interessar pelos juros da moeda brasileira, “As tradings – empresas que costumeiramente compram parte da lavoura

antecipadamente – deixaram de atuar no mercado. As traidings financiam cerca de 45% da safra e este ano esse número não chega a 15%”. (REVISTA RURAL, 2008). A queda do valor da safra de soja (Commodity) duplicou os custos ao produtor pela falta de liquidez da Commodity<sup>19</sup> no comércio internacional (MATO GROSSO, 2008). Essa realidade está exemplificada nas palavras do presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), que afirmou: “Nós plantamos a safra mais cara da história” (REVISTA RURAL, 2008).

As dificuldades no campo aumentaram no momento que os produtores sem capital para realizarem novos investimentos encontraram-se sem crédito junto aos bancos para financiar a próxima lavoura.

Com a instalação da crise do agronegócio em Rondonópolis, gerou um efeito dominó na economia, que atingiu os demais setores produtivos. Conseqüentemente, o mercado de trabalho teve desempenho negativo em todo tempo da crise, havendo aumento do número de demissões em todo mercado.

Sobre o efeito dominó causado pelo desempenho da economia no mercado de trabalho, foi descrita pelo agricultor em Rondonópolis:

Com os custos em alta e os preços em baixa, a diminuição dos custos é a primeira alternativa que os produtores procuram. **“Tivemos uma redução no pessoal para tornar a companhia viável.** Neste momento a criatividade entra forte, temos que cortar custos, mas com responsabilidade”, afirma o vice-presidente da Vanguarda do Brasil. E a prática não é exclusiva de grandes corporações. João Diel, de Rondonópolis, também teve que diminuir a folha de pagamento. **“Fui obrigado a reduzir o número de funcionários fixos. De 13 para oito** (REVISTA RURAL, 2008).

Assim, nos anos de 2003 e 2004, o mercado de trabalho em Rondonópolis foi impactado pela crise que se instalou na agricultura, fechando o ano com um saldo positivo no número de carteiras assinadas de 455 contratações. Registrava-se uma redução no número de contratações do setor primário no período citado. Nos anos 2004-2005, quando a crise atinge seu auge, o número de demissões aumentou, fechando o ano de 2005 com saldo negativo de menos 60 (sessenta) empregos em seu estoque. No período seguinte, de 2005-2006, ocorreram as demissões em massa, sendo demitidas 664 (seiscentos e sessenta e quatro) pessoas com carteira de trabalho. Trata-se do maior número de rescisão de carteira assinada da década.

---

<sup>19</sup> Commodity é um termo de língua inglesa (plural commodities), que significa mercadoria. É utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias (BRASIL, 2011).

Já em 2006-2007, o número de demissões volta a ser maior que o das contratações, havendo um saldo negativo de menos 434 demissões. Em 2007-2008, as demissões foram em número menor, mas com saldo negativo de menos 190 (cento e noventa) pessoas que tiveram suas carteiras desligadas. Nos anos seguintes, com a saída da crise e a recuperação da agricultura, houve recuperação do mercado de trabalho, tendo um número de contratações maior que de demissões.

Conforme se observou nos períodos analisados, durante a crise o desempenho do setor primário (agronegócio) refletiu negativamente nos demais setores da economia em Rondonópolis. As atividades de comércio (atacado e varejo), depois da agricultura, foram as que mais sofreram com a crise. No período de 2005-2006, foram menos 555 (quinhentos e cinquenta e cinco) pessoas demitidas. Somando com o aumento do número de demissões na agricultura, consequentemente houve retração do número de pessoas comprando no comércio, o que resultou em mais demissões.

A indústria iniciou o período 2003-2004 com 403 pessoas admitidas. Em relação ao período anterior, o período seguinte de 2004-2005 sofreu uma queda no número de pessoas que tiveram suas carteiras assinadas quase que pela metade. Foram 205 contratações no período. Todavia, em toda a década, os números permaneceram positivos. A explicação para o regular desempenho do mercado de trabalho do setor secundário da economia, em Rondonópolis, se dá devido a indústria ter uma economia mais rígida e uma logística diferenciada. Se, por um lado, houve redução das exportações dos produtos primários, por outro houve aumento do consumo no mercado interno. Assim, no período de 2006-2007, o recorde de carteira assinada pertence à indústria, pois 1.253 pessoas tiveram suas carteiras assinadas.

#### **4.1 Índice de Desenvolvimento Humano**

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano em Rondonópolis, verificou-se que o município possui um IDH – Índice de Desenvolvimento Humano - Médio. Nos últimos 30 anos (1970/2000) o IDH passou de 0,389 (numa escala que vai 0,000 a 1,000) para 0,791 (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2008). O

índice evoluiu 103,3%, representando avanços positivos no desenvolvimento social e econômico da população, como apresentam o Quadro 11 e o Gráfico 7.

Segundo o censo de Mato Grosso (2008, p.10), o maior avanço foi sentido no aspecto renda que evoluiu: “192,3% no período, o subíndice que mede a educação evoluiu 84,6% nos últimos 30 e é o mais alto dos três subíndices calculados e o subíndice que trata da longevidade evoluiu 74,5%” (Op. cit.).

Quadro 11: Índice de Desenvolvimento Humano do Município

Ano	Educação	Longevidade	Renda	IDH Médio
1970	0,482	0,436	0,247	0,389
1980	0,566	0,524	0,812	0,634
1991	0,793	0,669	0,681	0,714
2000	0,890	0,761	0,722	0,791
Evolução no período 1970/2000	84,6%	74,5%	192,3%	103,3%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento apud Mato Grosso, 2008, p.10.

Em relação à evolução do índice de desenvolvimento de educação e renda em Rondonópolis, verificou-se que na década de 1970, quando a formação educacional adquiria importância social como requisito para a empregabilidade no meio urbano, a educação estava abaixo da média, que é 0,500 pontos. A renda per capita do momento (0,247), significava que a renda estava concentrada na minoria da população. Sobre isso, Tesoro comentou:

[...] dos anos 60, até meados daquela década, **embora houvesse diferenças sociais, estas não saltavam aos olhos nem atingiam níveis tão desproporcionais**. Estas não saltavam aos olhos nem atingiam níveis tão desproporcionais. Este fato se altera a partir do processo de modernização do campo, quando a economia local, através da soja, passou a se voltar para as exportações, fazendo com que o enriquecimento se projetasse **em favor de uma minoria que se tora poderosa e diferenciada do resto da população** (TESORO, 1993, p. 263).

Ainda sobre as diferenciações territoriais da população em Rondonópolis, salientou Tesoro (1993, p.263), quanto à configuração da paisagem entre as diferentes classe sociais: “Quando cheguei em ROO, em 1964, a cidade era pequena e não havia uma diferença social acentuada – a população rica com palácios de um lado e a massa de pobres de outro. Claro que existiam pobres sim, mas não tantos como hoje!”.

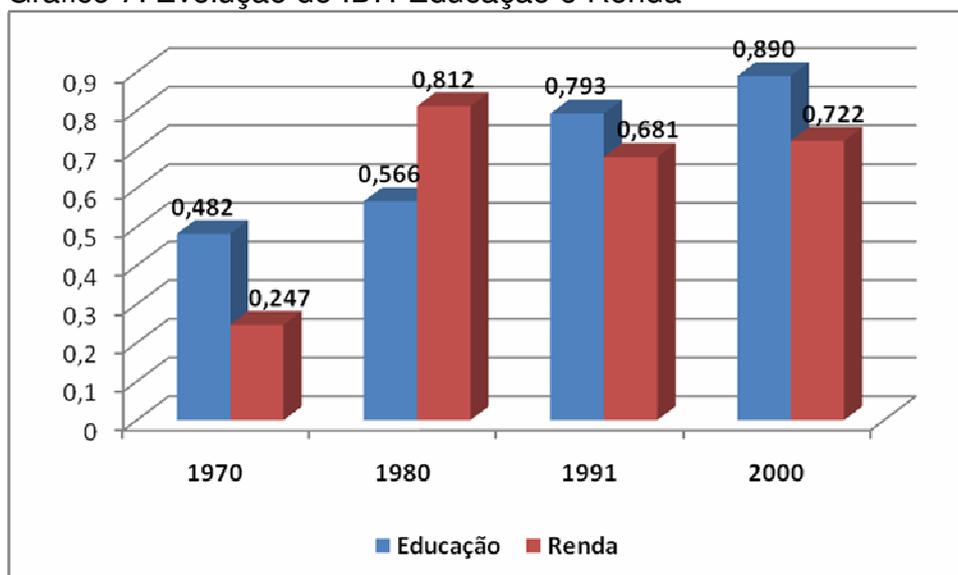
A concentração de renda é problemática pelo fato de que a população carece de renda para investir em saúde, educação, segurança e lazer. A concentração do dinheiro com a minoria aumenta as diferenciações entre as pessoas e promove a segregação socioterritorial.

Já na década de 1980, com o desenvolvimento da agricultura, mecanização do processo produtivo, houve elevação da renda, havendo uma relativa melhoria do nível de escolaridade da população. Considerando que houve o aumento em 100% da escolaridade da população no período de em 10 anos. Devem-se fazer algumas considerações, se essa elevação do nível de instrução se aplica aos naturais de Rondonópolis? Se admitirmos a presença da população migrante nesse momento, especialmente os migrantes das regiões Sul e Sudeste, os que detêm maior nível de escolaridade, seria uma distorção dos dados referentes à elevação da escolaridade da população natural do município de Rondonópolis. Provavelmente pelo elevado número de migrantes que se estabeleceu nas décadas de 1960 e início de 1980, em Rondonópolis, pode-se admitir um equívoco considerar ao menos a elevação do nível de instrução da população natural desta cidade mato-grossense. A confirmação pode estar explícita ao analisarmos os censos de 1991 e 2000, em que os dados da educação e renda não são contraditórios, pois eles se equivalem.

É importante mencionar que na década de 1980, a economia de Rondonópolis cresceu pelo desenvolvimento do agronegócio, pela aceleração da produção do campo e pelo aumento do volume de grãos comercializados com o exterior. Por esse motivo, dos 24 municípios de Mato Grosso, Rondonópolis ostenta o segundo maior PIB (Produto Interno Bruto) no Estado com R\$3.428,724, representando 8% de tudo que é produzido lá, ficando atrás apenas da capital Cuiabá com R\$7.901,160.

O IDH de educação nas décadas de 1991 e 2000 mostra uma evolução contínua no aumento do nível de escolaridade da população, enquanto a renda per capita da população oscila. Depois dos anos 1980, houve uma considerável queda da renda em 1991, continuando nos anos 2000, mas apresentando uma regularidade entre 1991 e 2000, com uma diferença de 0,041 pontos. O maior índice da renda está registrado na década de 1980, período marcado pela revolução verde em Rondonópolis (Ver Gráfico 7).

Gráfico 7: Evolução do IDH-Educação e Renda



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento apud Mato Grosso, 2008, p.10.  
Org: SANTOS, F. J., 2011.

Na pesquisa de campo realizada no setor secundário da economia em Rondonópolis, destacaram-se 11 municípios que cederam dois ou mais migrantes para Rondonópolis. Esses, aparecem na Tabela 5 e estão relacionados de acordo com o índice de desenvolvimento Humano:

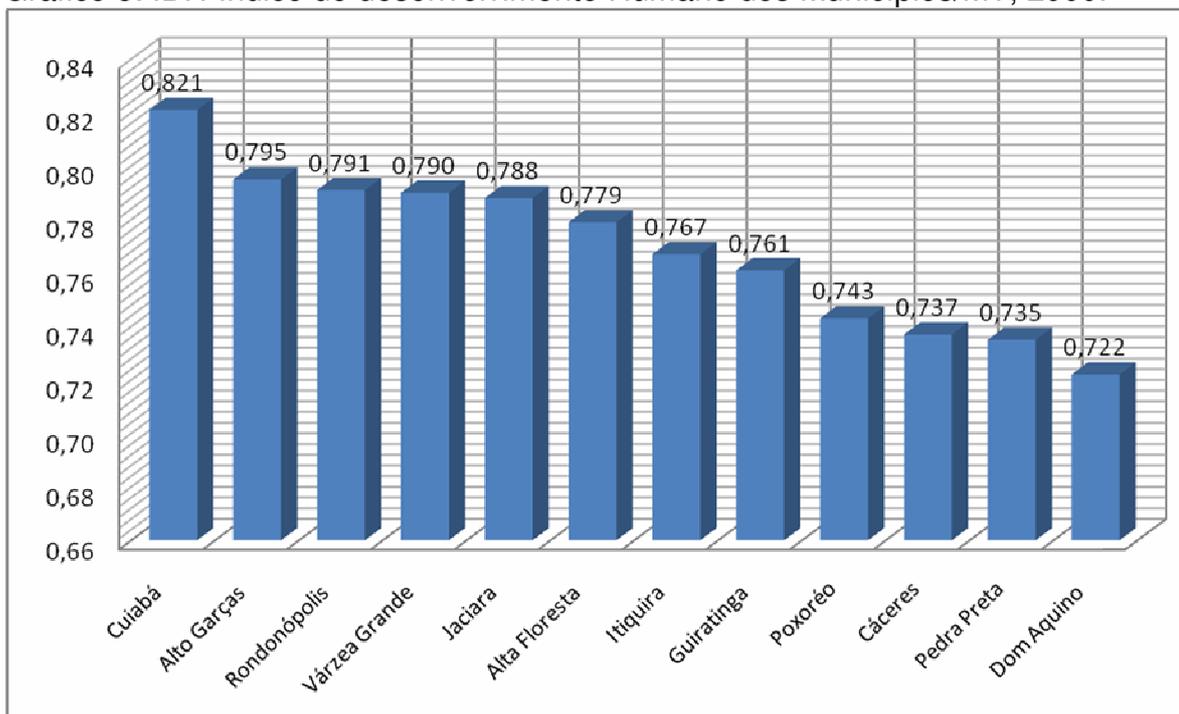
Tabela 5: IDH dos municípios que cederam migrantes (dois ou mais)

1º	Cuiabá	0,821
2º	Alto Garças	0,795
3º	Rondonópolis	0,791
4º	Jaciara	0,788
5º	Alta Floresta	0,779
6º	Itiquira	0,767
7º	Guiratinga	0,761
8º	Poxoréo	0,743
9º	Cáceres	0,737
10º	Pedra Preta	0,735
11º	Dom Aquino	0,722

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2000.  
Org. SANTOS, J. F., 2011.

A seguir, analisou-se a competitividade dos trabalhadores de Rondonópolis em relação aos demais municípios que cederam migrantes (dois ou mais) tendo como parâmetro o nível de escolaridade.

Gráfico 8: IDH-Índice de desenvolvimento Humano dos Municípios/MT, 2000.



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2000.  
Org. SANTOS, J. F., 2011.

Em relação ao IDH, restrito aos municípios que mais cederam migrantes para Rondonópolis, este registrou 0,791 pontos, ficando na terceira posição de maior IDH, dentre outros que mais cederam migrantes trabalhadores em atividade no setor secundário da economia local. Em primeiro lugar está a Capital Cuiabá e, em segundo, o município de Alto Garça. O município de Guiratinga 7º lugar, cedeu 10 (dez) migrantes, enquanto Poxoréu em 8º lugar cedeu 13 migrantes. Dentre os municípios que mais cederam população para Rondonópolis, juntos somaram 23 migrantes. Pedra Preta com 8 (oito) migrantes cedidos ficou na 10ª colocação.

É importante lembrar que o município de Sorriso é o que lidera o ranking de maior IDH no estado de Mato Grosso, com 0,824 pontos. A sua exclusão na pesquisa deve-se ao motivo de não ter apresentado nenhum migrante nos pontos onde houve entrevistas.

A Tabela 6 mostra os municípios que mais cederam migrantes para Rondonópolis, em relação ao IDH-E (Índice de Desenvolvimento de Educação) da população.

Tabela 6: IDH-E dos municípios cedentes de migrantes (dois ou mais).

1º	Cuiabá	0,938
2º	Rondonópolis	0,890
3º	Alta Floresta	0,879
4º	Jaciara	0,875
5º	Alto Garças	0,855
6º	Cáceres	0,851
7º	Guiratinga	0,851
8º	Itiquira	0,826
9º	Dom Aquino	0,822
10º	Poxoréo	0,812
11º	Pedra Preta	0,806

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2000.

Org. SANTOS, J. F., 2011.

Ainda na lista dos municípios que mais cederam migrantes, de acordo com a relação do IDH-E, o município de Rondonópolis está em segundo lugar com 0,890 pontos, ficando atrás apenas da capital Cuiabá, com 0,938 pontos; Guiratinga que havia cedido 10 migrantes permaneceu na sétima colocação com 0,851; Poxoréo que havia cedido 13 migrantes está na antepenúltima posição com 0,812 pontos e Pedra preta em último com 0,806 pontos.

Observou-se que os municípios que mais cederam migrantes, com exceção da capital, possuem o pior IDH e IDH-E dentre os municípios que cederam acima de dois migrantes na referida pesquisa. O que mostra pouca competitividade desses territórios em relação a Rondonópolis.

A seguir apresentam-se os resultados de pesquisa de campo sobre o mercado de emprego em Rondonópolis/MT e a dinâmica que o território local exerce na rede territorial do trabalho no Brasil. Trataremos de compreender como os diferentes atores territoriais controlam o território, atraindo novos elementos que irão se somar para desenvolverem atividades econômicas, intensificando a competitividade territorial.

## 5 A PESQUISA E APREENSÃO DA REALIDADE

A pesquisa de campo objetivou coletar dados, cujas variáveis e fatos apontassem a dinâmica dos trabalhadores no mercado de trabalho em Rondonópolis/MT. Para a aplicação dos questionários foi necessário visitar as indústrias e expor a finalidade do trabalho.

De acordo com a disponibilidade de cada indústria, os formulários eram distribuídos aos funcionários, os quais preenchiam no local, ou, pela ininterrupção das atividades de produção, os formulários eram levados para serem preenchidos em casa. Nesse caso, em acordo com a gerência ou RH (Recursos Humanos) da empresa, os formulários de pesquisa eram recolhidos no dia seguinte ou em data posterior. Outras vezes, o preenchimento era imediato. Nesse último caso, o agente de pesquisa auxiliava no preenchimento dos respectivos formulários. O número de aplicadores era de apenas uma pessoa, o próprio pesquisador.

A pesquisa foi realizada em 30 (trinta) indústrias de Rondonópolis/MT. Somando 302 (trezentos e dois) formulários aplicados em diferentes segmentos de indústrias. Para não comprometer a aquisição dos dados in loco, pelos motivos posteriormente mencionados, os nomes das indústrias e dos funcionários foram mantidos em sigilo.

A pesquisa de campo revelou o perfil profissional dos trabalhadores no setor secundário da economia do município e não a tipologia das indústrias instaladas em Rondonópolis. Portanto, a amostra colhida não se relaciona ao perfil das indústrias, mas ao mercado de trabalho local.

Todavia, para que se obtivesse uma amostra que representasse fielmente os empregados do setor industrial, os questionários foram aplicados de maneira diversificada, isto é, em diferentes setores fabris, como construção civil, móveis, plásticos, metalúrgicas, marmorarias, laticínio, processamento de soja, suprimentos agrícolas e têxteis, dentre outras.

Num primeiro momento, utilizou-se a classificação de empresas do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às micros e Pequenas Empresas) para obter informações de micros, pequenas, médias e grandes indústrias. Mas as dificuldades de acesso às grandes e médias indústrias inviabilizaram obter amostras

estratificadas. Todavia, entendeu-se que o propósito foi alcançado, pois se obteve amostragem de diferentes ramos de indústrias.

A aplicação da pesquisa dentro das indústrias ocorreu, grosso modo, em diferentes setores, porém considerou-se insatisfatório pela falta de colaboração com a pesquisa. A amostragem dos setores de gerência e administrativo representou apenas alguns funcionários. Essa distribuição restritiva dos formulários comprometeu a análise do perfil profissional dos setores internos das indústrias.

Dentre as principais dificuldades encontradas na pesquisa de campo, a primeira foi a de ordem política das indústrias, ou seja, não repassam informações a terceiros, por considerarem sigilosas. A motivação é o temor da exposição pública e de serem alvo de especulação política, pois no último pleito político para prefeito em Rondonópolis, as grandes indústrias foram acusadas de empregar mão de obra migrante, em detrimento dos trabalhadores locais.

Destacam-se ainda, que era período de férias dos responsáveis ou gerentes, indisponibilidade dos funcionários (por serem indústrias não podiam interromper a produção), extravio dos formulários por parte dos responsáveis, falta de autonomia das filiais em permitir a aplicação dos questionários, e ainda, o aumento da produção no final e no início do ano impediu o acesso, comprometendo a pesquisa de campo.

Em relação ao formulário de pesquisa, um dado importante que pode gerar distorções interpretativas, é desconsiderar os campos não preenchidos - não informados pelos trabalhadores no questionário - dados não informados - (NI), o que pode distorcer a realidade do mercado de trabalho. Por esse motivo, ao analisar os dados, considerou-se as possíveis distorções pela falta de informações.

Em relação à tabulação e interpretação dos dados da pesquisa de campo, a variável origem dos trabalhadores migrantes, se considerou o local de nascimento.

Quanto à compreensão da temporalidade e estratificação dos contingentes migratórios dos trabalhadores do setor secundário da economia em Rondonópolis, essa temporalidade ficou explícita ao responderem a pergunta: Há quantos anos mora em Rondonópolis? Quanto à variável tempo de estadia organizou-se em 6 intervalos temporais, que são: 1 a 5 anos de residência no município, 6 a 10 anos, 11 a 15 anos, 16 a 20 anos, 21 a 25 anos e 26 a 30 anos. Considerou-se como imobilidade dos trabalhadores naturais de Rondonópolis e empregados no setor secundário, aqueles que sempre residiram no município de nascimento e que em

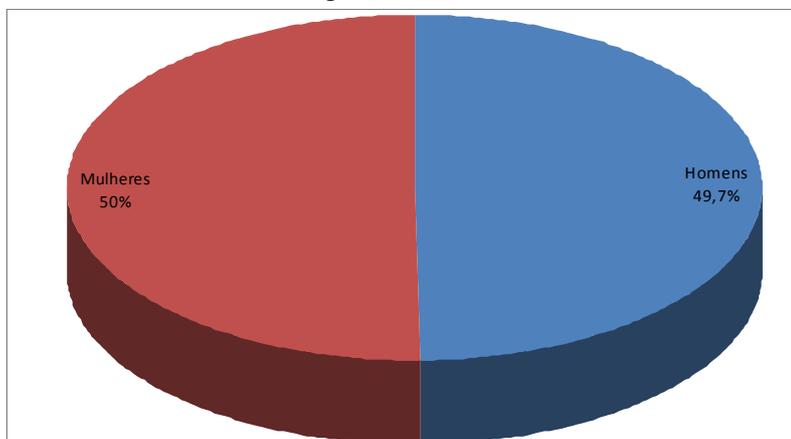
nenhum momento migraram para outras localidades. Também se enquadraram nesse grupo, aqueles que nasceram em outras regiões, que ainda crianças, por motivos familiares foram para Rondonópolis e permaneceram imóveis.

As demais variáveis representadas por perguntas objetivas aparecem em gráficos ao longo do texto, com as respectivas análises.

## 5.1 Trabalho e gênero

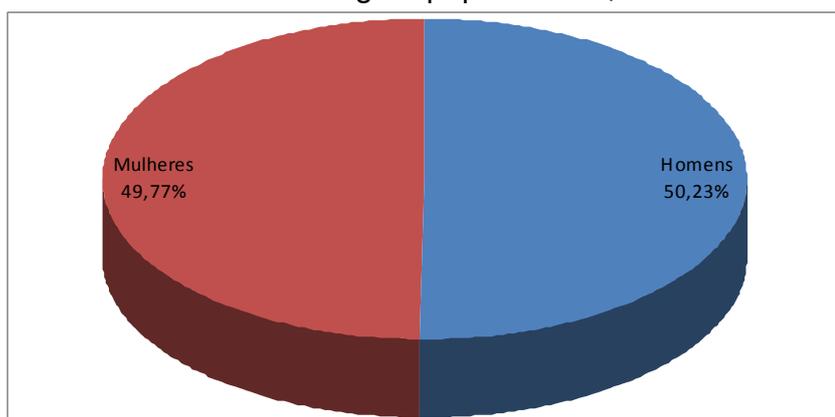
A pesquisa de campo identificou quantitativamente a relação de gênero, isto é, o número de homens e de mulheres empregados no setor secundário em Rondonópolis. De acordo com os dados há um equilíbrio de gênero, ou seja, total de homens e mulheres empregados no setor, sendo 49,7% de homens e 50% de mulheres que exercem alguma atividade nas indústrias. O recente processo de industrialização e as transformações socioeconômicas repercutiram num novo perfil profissional dos trabalhadores e modificaram a sua composição, como se verifica no Gráfico 9.

Gráfico 9: Trabalho e gênero



Os dados coletados sobre gênero nas indústrias do município de Rondonópolis apresentaram um equilíbrio de sexo nas atividades do setor. Esse resultado reflete a realidade do município, que é a igualdade de gênero fenômeno tecnicamente identificado na contagem populacional do IBGE 2010, o qual mostra que a população residente por sexo de Rondonópolis é de 50,23% de homens (98.217) e 49,77% de mulheres (97.333) com um percentual de 1,5% de não informantes.

Gráfico 10: IBGE. Contagem populacional, 2010.

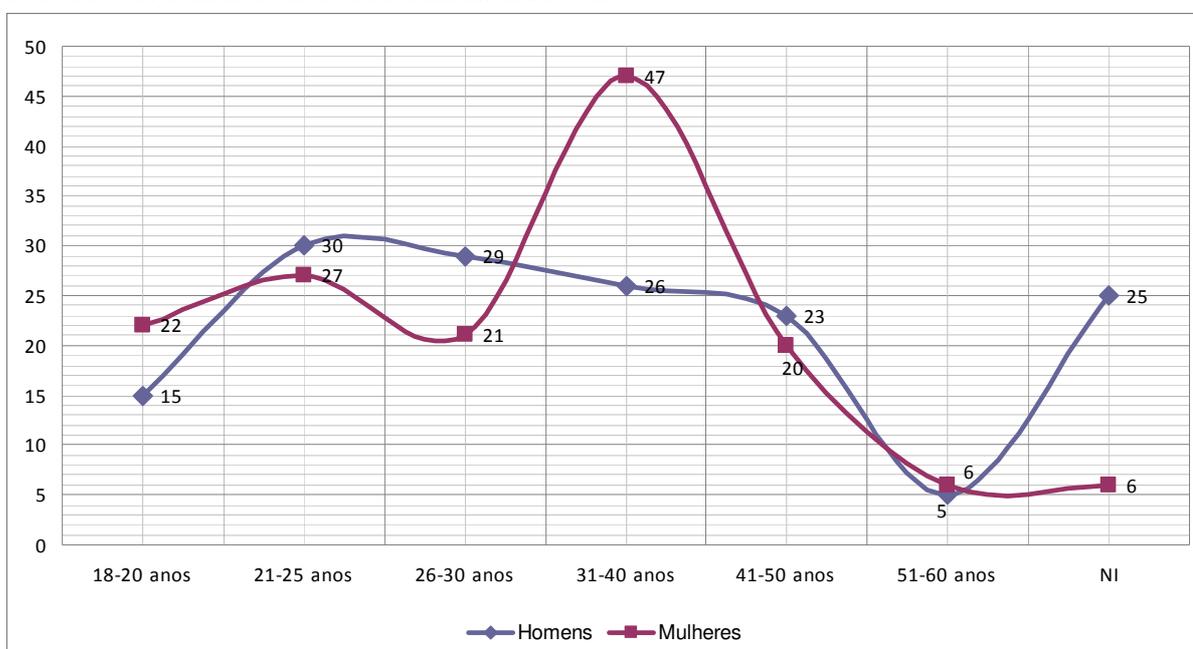


Fonte. IBGE. Contagem populacional do IBGE 2010. Primeiros resultados. Org.: SANTOS, J. S., 2011.

A presença da mulher no mercado de trabalho reporta novos tempos em que o gênero feminino participa da renda familiar, e em outros casos, ela se tornou chefe de família com as mesmas obrigações, que antes eram exclusivamente dos homens.

## 5.2 Faixa etária dos trabalhadores

Gráfico 11: Faixa etária dos trabalhadores.



O Gráfico 11, apresenta a faixa etária dos trabalhadores do setor secundário em Rodondonópolis, dividido em 6 intervalos de idades: 18 a 20 anos; 25 a 25 anos, e os grupos seguintes de 26 a 30 anos, 31 a 40 anos e 51 a 60 anos de idade.

No primeiro grupo de 18 a 20 anos, a presença do gênero feminino é superior ao masculino. Isso revela uma nova tendência no mercado de trabalho, cujo ingresso e a participação de mulheres na economia vêm superando quantitativamente o gênero masculino. O grupo de 21 a 25 anos, não contradiz o grupo anterior, mas o reforça, ao mostrar a aproximação do total de mulheres em relação aos homens, que estão desempenhando alguma função na indústria, isto é, para cada 3 homens empregados nesse setor há 2,7 mulheres também exercendo alguma atividade. Como a entrada da mulher no mercado é tardia, mas contínua e crescente, acredita-se que se prosseguir tal tendência, com o passar dos anos o total de mulheres empregadas no setor irá superar ao dos homens nas demais faixas etárias, como aponta a seguir. No grupo de 26 a 30 anos de idade, o total de homens trabalhando na indústria supera, mas inexpressivo, o de mulheres empregadas, pois a cada 2,9 homens atuando na indústria, há 2,1 mulheres exercendo alguma atividade. No entanto, a presença do número de mulheres na indústria local supera a dos homens no grupo com idade de 31 a 40 anos, pois a cada 2,6 homens que ocupam alguma atividade, há 4,7 mulheres que trabalha no setor. Esses dados, se comparados aos dois primeiros grupos (18 a 20 anos e 21 a 25 anos) mostram uma realidade do mercado de trabalho que se confirma na pesquisa de campo que é o aumento do número de mulheres trabalhando com carteira assinada. As profissões antes exclusivas dos homens, agora começam a ser exercidas por um número crescente de mulheres.

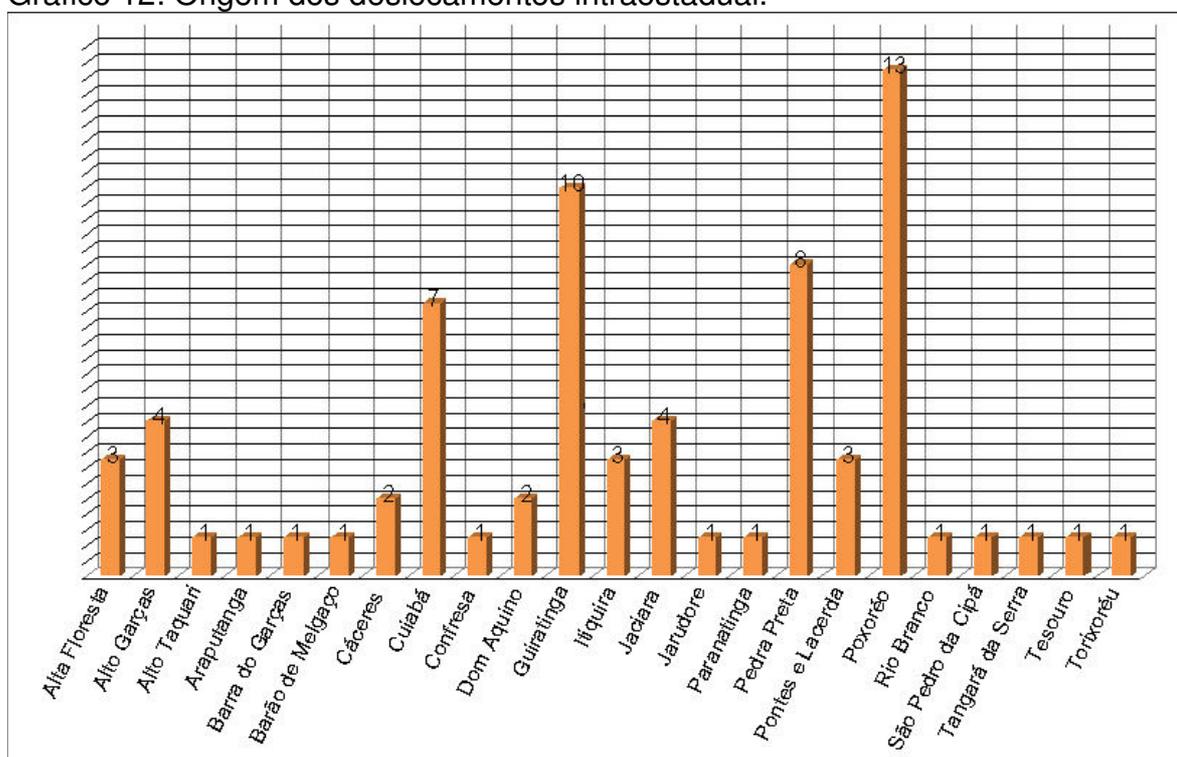
Como anteriormente mencionamos, a presença da mulheres em áreas de profissões masculinas tende, com o tempo, a equiparar-se no setor e com perspectiva de superar o total de homens. Atualmente, o mercado de trabalho local é um reflexo do mercado global, cuja tendência é o total de mulheres empregadas na indústria ser maior do que dos homens, tomando como exemplo as atividades do setor terciário, cujo número de mulheres é maior. Enquanto que o grupo de 41 a 50 anos e 51 a 60 anos de idade, há redução do total de trabalhadores nessas faixas etárias, o que revela a realidade atual do mercado de trabalho em muitas profissões, que é a redução do trabalhador mais idoso. Essa situação se deve pelo fato de que no setor secundário, especificamente nas atividades relacionadas a produção, requerer o uso da força e capacidade físicas. O grupo dos que não informaram suas idades (NI) somam 31 pessoas, isto é, 25 homens e 6 mulheres. Provalmente, a ausencia desse dado no grupo de 31 a 41 anos refletiu na disparidade do número de mulheres e de

homens empregados no setor. Assim, ao considerar o número de homens que não informaram suas respectivas idades como pertencentes ao grupo de 31 a 40 anos teríamos um empate técnico entre gênero no setor, ou seja, um equilíbrio entre o número de homens e mulheres que trabalham nas indústria em Rondonópolis.

### 5.3 Origem dos deslocamentos intraestadual

A pesquisa foi dirigida no sentido de identificar a origem e o motivo de centenas de trabalhadores migrarem para o município de Rondonópolis, como aponta o Gráfico 12.

Gráfico 12: Origem dos deslocamentos intraestadual.

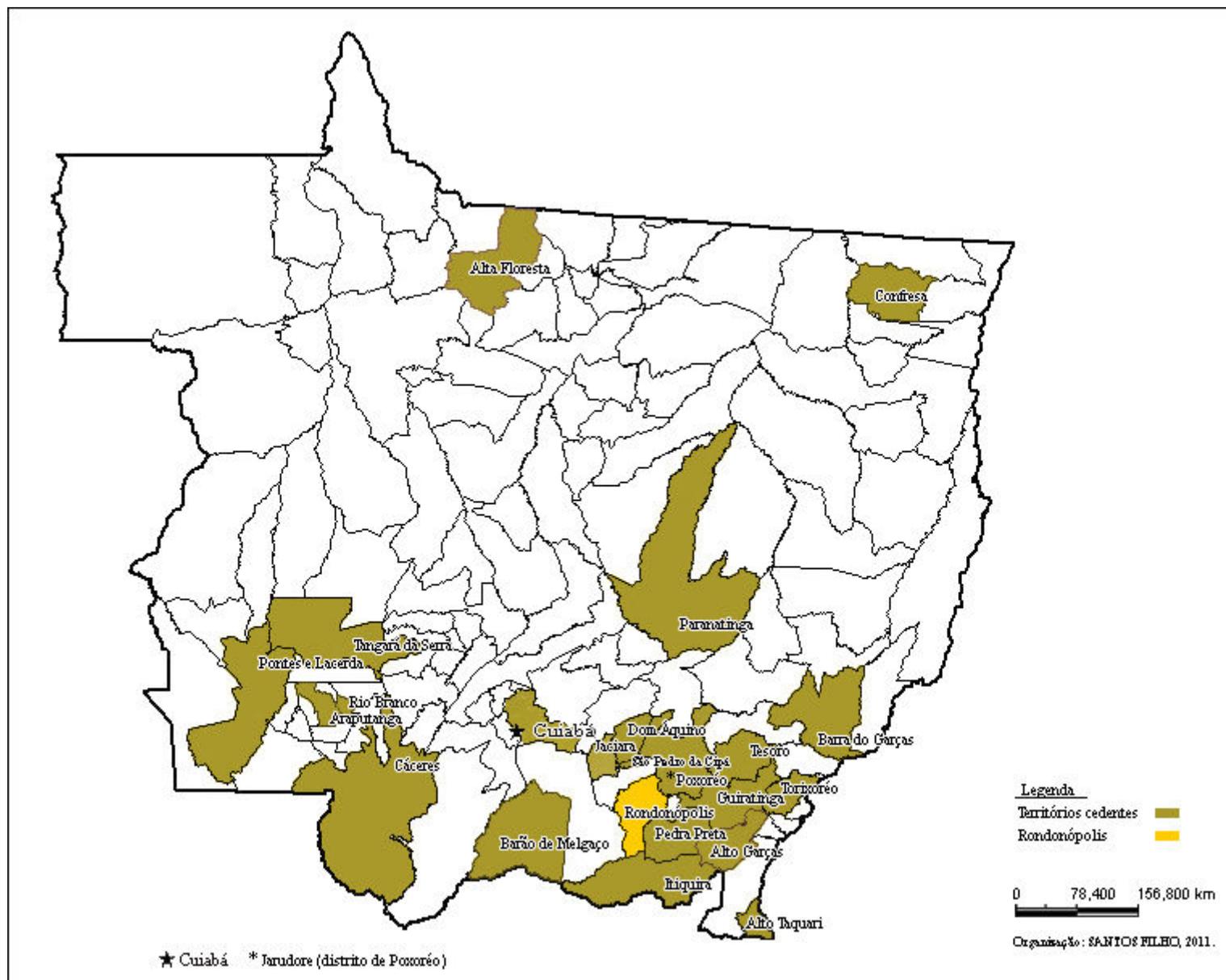


Em um primeiro momento quantificou-se o total de migrantes, em seguida, a identificação das localidades/regiões cedentes. Dentre as perguntas dirigidas destacam-se os motivos levaram, na qualidade de indivíduo, a mudar para Rondonópolis – (Por que se mudou para Rondonópolis). Por meio dessa informação e entrecruzamento de outras informações levantadas em campo, que identificam o nível de desterritorialização e (re)territorialização que se delineiam entre as localidades de origem e o destino dos migrantes, isto é, entre Rondonópolis e os diferentes territórios.

Os municípios mato-grossenses que mais cederam migrantes foram, em primeiro lugar, Poxoréo com 13 migrantes; Guiratinga com 10 migrantes; Pedra Preta com 8 migrantes; Cuiabá com 7 migrantes; Alta Garças com 4 migrantes; Pontes e Lacerda e Alta Florresta, com 3 migrantes, seguido por Cáceres e Itiquira com dois migrantes. Os demais municípios figuram no gráfico com apenas um migrante cada.

O deslocamento migratório dentro do estado de Mato Grosso mostra uma perceptível polarização regional de Rondonópolis. Em cidades de pequeno porte como Guiratinga, Pedra Preta e Poxoréo, em que prevalecem atividades econômicas não modernas, se constituem espaços opacos e de tempo lento. Os territórios com menos densidade tecnológica, ficam desinteressantes aos novos investimentos, o que resulta em um contínuo processo de perda de população economicamente ativa. Desta forma, alguns territórios se tornam deprimidos em relação aos demais que os circundam, como Guiratinga, que vivencia sucessivos anos de estagnação econômica e de refluxo populacional, ou seja, é um território desindustrializado. Todavia, o volume do fluxo migratório intraestudal para Rondonópolis é maior que o fluxo interestadual, o que prova a polarização regional.

Em relação a essa polarização de Rondonópolis, principalmente na região sudeste de Mato Grosso, ela ocorre pela modernização da economia local e pela diversificação do seu comércio e de suas infraestruturas. Conforme os dados divulgados pela Prefeitura Municipal, o número de empresas cadastradas em 2005 era de 6.648, em 2006 de 7.493 e em 2007 estavam cadastradas 8.325 empresas, o que equivale a um aumento de 25,2% em dois anos, o número de empresas ativas no comércio, indústria e prestação de serviços de Rondonópolis (RONDONÓPOLIS, apud DOSSIÊ de RONDONÓPOLIS, 2010, p. 61). A capacidade de atrair novas atividades econômicas, como também população, se deve à vias de acesso como as BRs 163 e 364, as quais permitem a mobilidade espacial de trabalhadores mato-grossenses e migrantes de diferentes localidades do país, que buscam em Rondonópolis melhores oportunidades de trabalho e de vida.



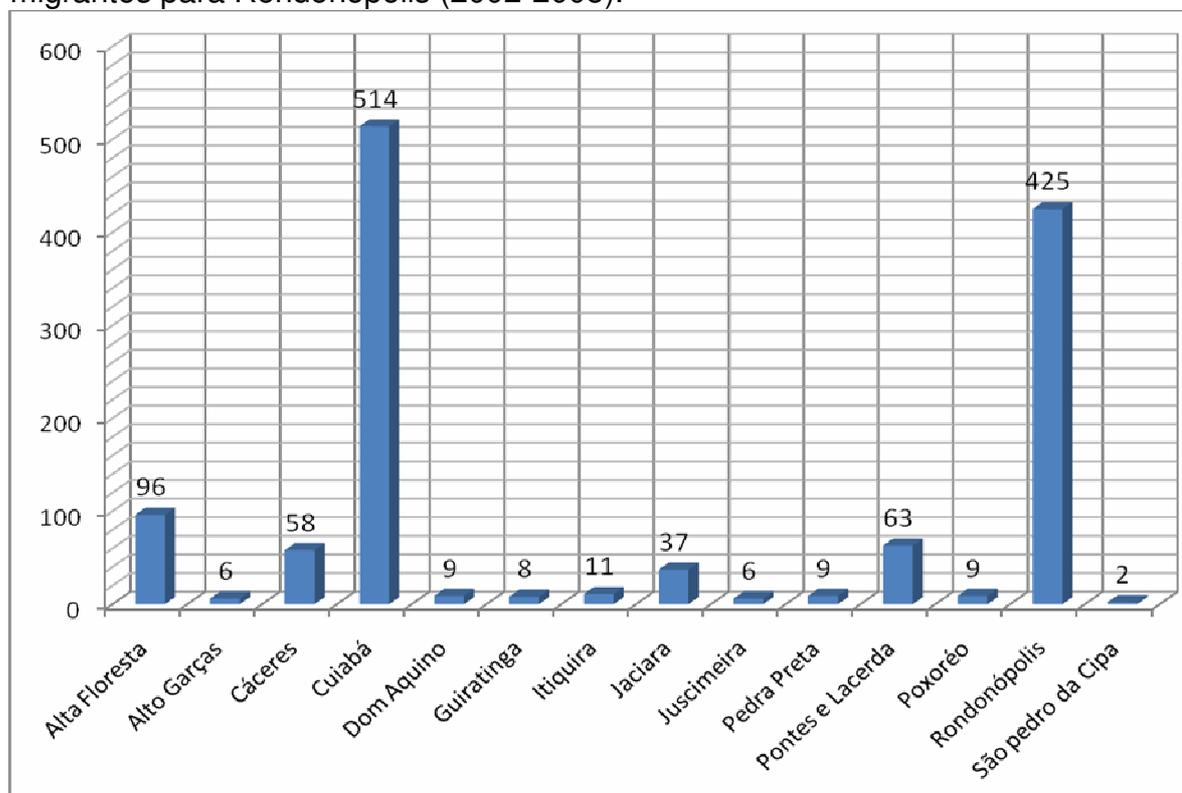
Mapa 8: Territórios que cederam migrantes para Rondonópolis/MT, 2011.

De acordo com o mapa dos territórios que cederam migrantes para Rondonópolis, gerado com base nos dados coletados dentre as indústrias locais. O mapa 8 mostra uma consistente polarização migratória de Rondonópolis na porção sudeste do estado de Mato Grosso.

As evidências mostraram que o tamanho do território não representa maior competitividade territorial. De fato, Rondonópolis, comparado aos diversos municípios cedentes, tem menor território, no entanto, detém a segunda maior economia e a terceira maior população no estado. Assim, a polarização é também econômica.

Por certo, o que torna Rondonópolis um pólo de atração de migrantes na região sudeste de Mato Grosso é o dinamismo e o desenvolvimento econômico do município. A expansão das atividades econômicas tende a atrair novos trabalhadores na expectativa de melhores oportunidades de emprego.

Gráfico 13: Número de indústrias dos municípios de Mato Grosso que cederam migrantes para Rondonópolis (2002-2005).

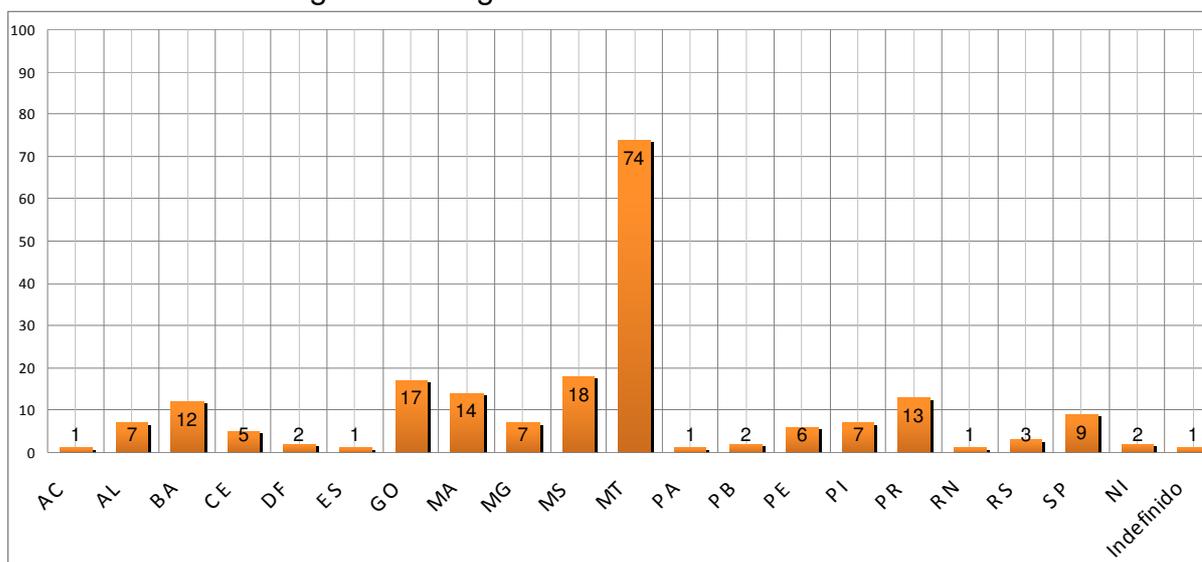


O Gráfico 13, mostra a relação dos municípios mais industrializados que cederam mais de um migrante para Rondonópolis. Assim, o município de Cuiabá encabeça a lista dos mais industrializados de Mato Grosso, com 514 estabelecimentos industriais; em segundo lugar, Rondonópolis com um total de 425

indústrias, uma diferença de 89 estabelecimentos industriais em relação a Cuiabá. Em terceiro lugar, Alta Floresta com 96 indústrias; em quarto lugar Pontes e Lacerda com 63 indústrias; em quinto lugar Cáceres com 58 estabelecimentos; Jaciara em sétimo com 37 indústrias; Itiquira com 11 estabelecimentos industriais em oitavo; em nono lugar, são três municípios com o mesmo número de indústrias, que são Dom Aquino, Pedra Preta e Poxoréo, cada um com 9 estabelecimentos. Em décimo lugar, Guiratinga com 8 indústrias; em décimo primeiro lugar, Alto Garças e Juscimeira, cada uma com 6 estabelecimentos; e em último lugar, na décima segunda posição, aparece o município de São Pedro da Cipa.

Rondonópolis, em relação aos demais territórios no estado de Mato Grosso, destaca-se com importante parque industrial. Ao todo são 425 estabelecimentos, número bem próximo da capital cuiabana com 514 indústrias. Diante da concentração do número de indústrias em Rondonópolis, entende-se a forte atração da corrente migratória que o município exerce sobre os territórios menos desenvolvidos, mas com relativa população urbana como Poxoréo, Guiratinga, Pedra Preta, Jaciara, Alto Garças. Há uma nítida polarização de Rondonópolis entre esses municípios no Estado, o que reforça que a migração em Rondonópolis tem como principal fator o emprego. Rondonópolis oferece um importante mercado de trabalho na região sul-mato-grossense, o que atrai a chegada de trabalhadores migrantes.

Gráfico 14: UF de origem dos migrantes.

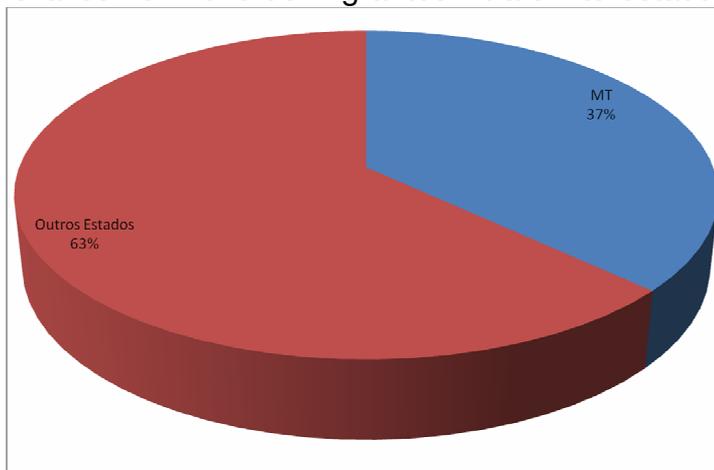


Legenda: NI (Não Informado); Indefinido (Informações confusas).

Rondonópolis, na dinâmica da rede territorial do trabalho no Brasil, conecta e interage com diferentes formas de consumo e de produção, bem como de população, o que revela tipos diferenciados de interações socioeconômicas. O fluxo populacional intra/extra-estadual comprova tal afirmação. O número considerável de migrantes oriundos de diferentes estados para o município local constitui um importante nó na rede social do trabalho.

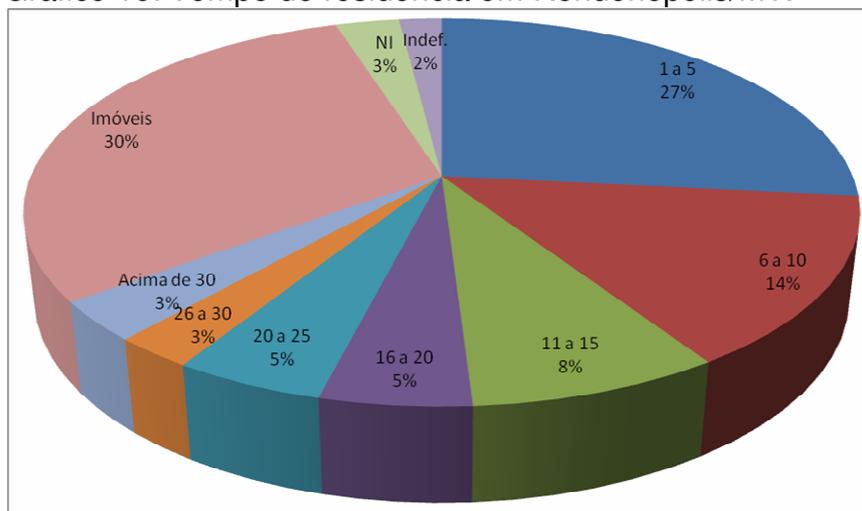
O Gráfico 14, mostra que os estados que mais cederam população foram, em primeiro lugar, o estado de Mato Grosso do Sul com 18 migrantes; seguido por Goiás com 17 migrantes; Maranhão com 18 migrantes; Paraná com 13; o estado da Bahia com 12 migrantes; São Paulo com 9 migrantes; Alagoas e Piauí foram 7; Pernambuco 6; Ceará totalizam 5 migrantes; seguidos por Rio Grande do Sul com 3; Distrito Federal e Pernambuco com 2; Acre, Espírito Santos, Paraíba e Rio Grande do Norte cederam apenas um migrante. Duas pessoas não informaram o local de origem e uma informação ficou confusa (indefinido).

Gráfico 15: Fluxo de migrantes intra e interestadual.



O total de migrantes em Rondonópolis provenientes de outros estados é maior que o de pessoas oriundas do próprio estado de Mato Grosso. O Gráfico 15 mostra que 63% dos migrantes ocupados na indústria no município não são mato-grossenses, apenas 37% dos migrantes são naturais do estado de Mato Grosso. Importa informar que os naturais de Rondonópolis não foram contabilizados. Essa dinâmica migratória caracteriza Rondonópolis como um território de atração ao fluxo migratório.

Gráfico 16: Tempo de residência em Rondonópolis/MT.

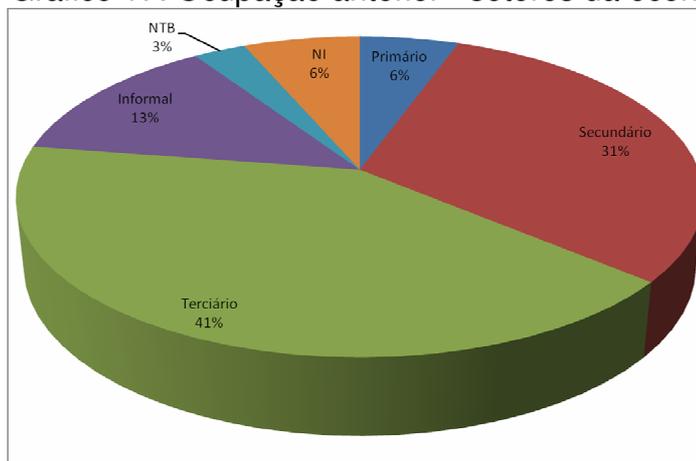


Legenda: NI (Não Informado); Indefinido (Informações confusas).

O Gráfico 16 mostra o tempo de residência dos trabalhadores migrantes em Rondonópolis. Considerou-se o tempo de estadia, com intervalos de 1 a 5 anos de residência, de 6 a 10 anos, 11 a 15 anos, 16 a 20 anos, 21 a 25 anos, 26 a 30, e aqueles que moram no município por mais de 30 anos.

Por outro lado, a pesquisa estendeu-se aos trabalhadores naturais de Rondonópolis, visando compreender se, em algum momento, houve deslocamento do município para outras localidades, e se os que permaneceram sem mobilidades foram classificados como trabalhadores imobilizados. Nesse último grupo enquadraram-se aqueles que nasceram em outras regiões, que em idade infantil e não responsáveis pelos seus atos, geralmente pelo deslocamento do núcleo familiar, foram criados em Rondonópolis e permaneceram imóveis no território. Outrossim, casos esses, em algum momento, se deslocaram de Rondonópolis receberam as demais classificações de grupos, anteriormente citados. Assim, 30% dos trabalhadores que migraram residem em Rondonópolis num período de 1 a 5 anos, perfazendo um total de 81 pessoas, o que mostra um número considerável de recém-chegados ao município. Enquanto que 14% (43 trabalhadores dentre homens e mulheres) passaram a residir num período entre 6 a 10 anos. No grupo de 11 a 15 anos de moradia, apenas 8% migraram nesse espaço de tempo, representando 25 indivíduos. Entre 16 a 20 anos de residência e o grupo de 20 a 25 anos, cada um contam 15 migrantes. Os grupos de 26 a 30 anos com 3% (8 oito migrantes) e aqueles que residem em Rondonópolis há mais de 30 anos apontam um percentual de 3%, perfazendo um total de 10 trabalhadores.

Gráfico 17: Ocupação anterior - setores da economia.



Legenda: NI (Não Informado); NTB (Não trabalhava); Indefinido (Informações confusas).

Em relação aos setores da economia interna de Rondonópolis analisou-se a mobilidade dos trabalhadores segundo as ocupações anteriores. Assim, o setor que mais cedeu trabalhadores para a indústria foi o terciário, com 41% dos trabalhadores que migraram para indústria, perfazendo 128 pessoas que abandonaram as atividades de comércio e serviço para exercerem alguma atividade no setor secundário.

O setor primário foi o que menos cedeu trabalhadores. Em parte, isso se deve ao êxodo rural em Rondonópolis entre as décadas de 1960 e 1980, provocado pela anexação de lotes para formação das grandes propriedades rurais, pela substituição de culturas tradicionais como arroz, feijão, mandioca dentre outras culturas consideradas modernas, como a soja e o algodão, para os quais são necessárias extensas áreas agricultáveis e pela mecanização das atividades com ênfase na redução do número de trabalhadores. Atualmente, o setor primário do agronegócio em Rondonópolis encontra-se com suas atividades modernizadas e estabelecidas operando com baixo utilização da força de trabalho.

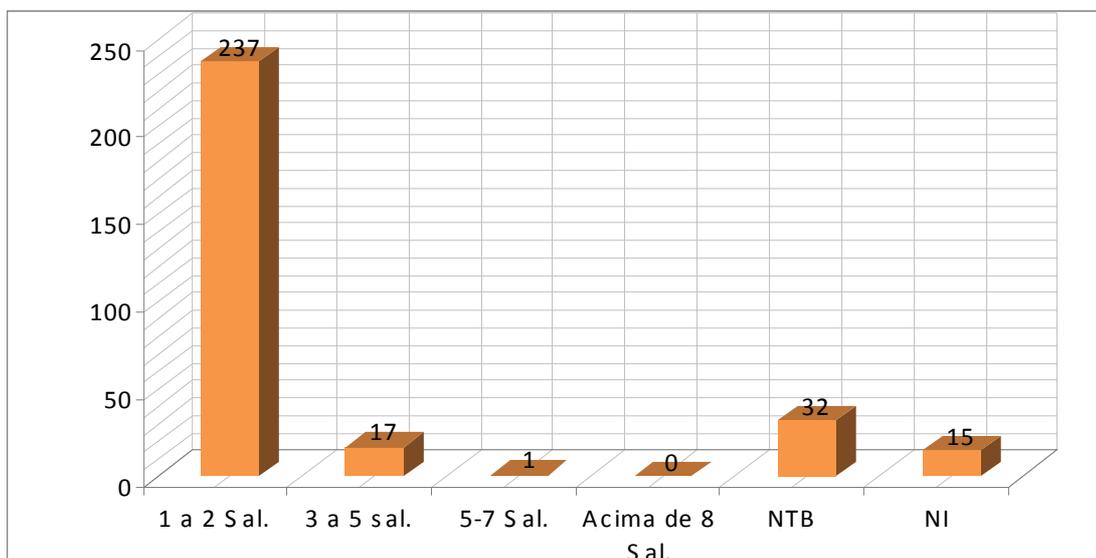
Na agricultura, a mecanização consumada diminui a possibilidade da migração de trabalhadores para os setores terciários e secundários. De outra forma, a mecanização da agricultura provocou modificações estruturais. O emprego contínuo da mecanização no campo fez surgir uma nova modalidade de emprego denominado temporário, em detrimento do emprego permanente. Nas grandes propriedades rurais de Rondonópolis é comum a importação de trabalhadores de outras regiões, principalmente nordestinos. Esse procedimento, segundo os

produtores, é uma forma de evitar que haja trabalhadores ociosos nas entressafras no município, e também é tido como medida cautelar, para minimizar a proliferação roubos e crimes na cidade.

Também analisou-se a variável aumento da renda dos trabalhadores em intervalos de 1 a 2 salários, 3 a 5 salários, 5 a 7 salários e acima de 8 salários, acrescentou-se mais um grupo, aqueles que não tinham nenhuma ocupação anterior.

Constatou-se que dos 30 trabalhadores, um total de 237 trabalhadores estavam recebendo de 1 a 2 salários, representando um percentual de 83% do contingente, enquanto 16 trabalhadores recebiam na ocupação anterior de 3 a 5 salários. O grupo de 5 a 7 salários, apenas um trabalhador estava nessa faixa salarial. Em relação ao grupo dos que recebem acima de 8 salários ficou com saldo zero de trabalhadores, e 32 empregados estão em seu primeiro emprego na indústria, um percentual de 11% dos trabalhadores.

Gráfico 18: Salário dos trabalhadores na ocupação anterior.

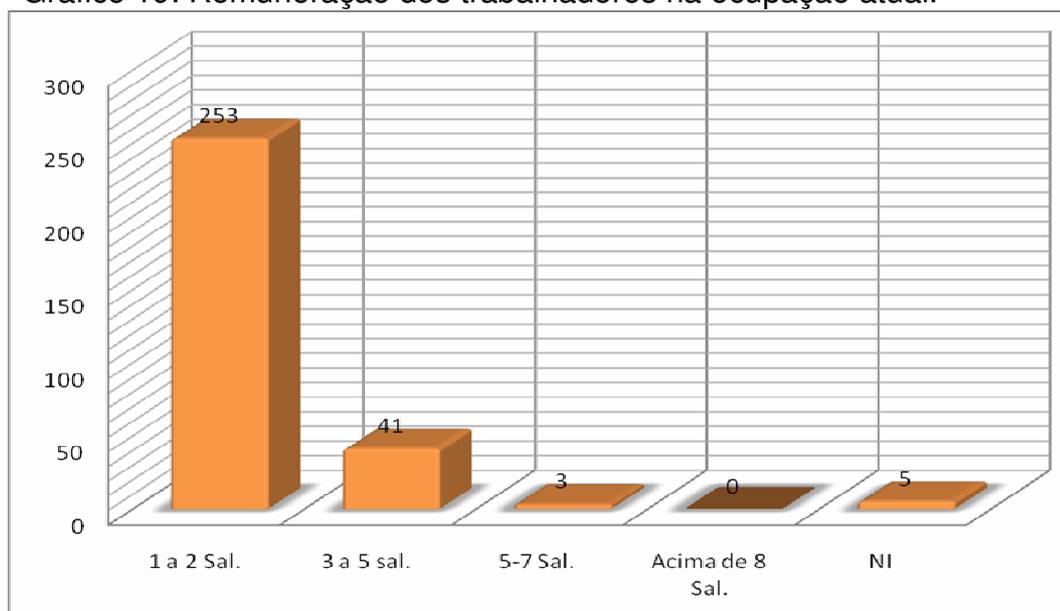


Legenda: NI (Não Informado); NTB (Não trabalhava).

Obs: Não entraram na contagem os que deixaram de informar os ganhos salariais, num total de 5%.

A seguir, analisou-se a remuneração em relação ao emprego atual dos trabalhadores do setor secundário da economia em Rondonópolis.

Gráfico 19: Remuneração dos trabalhadores na ocupação atual.



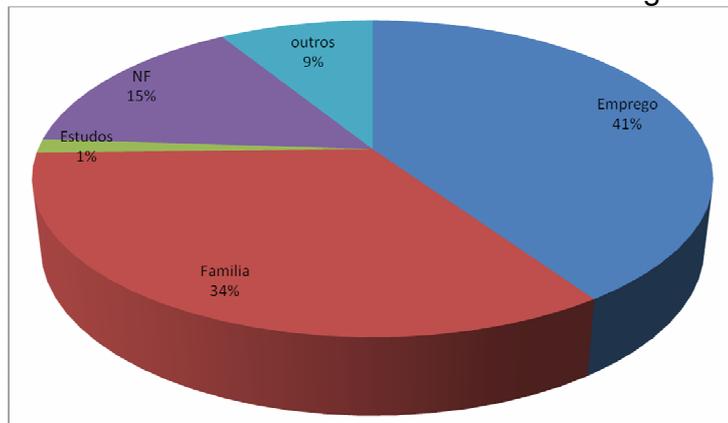
Legenda: NF (Não Informado)

Os mesmos 302 trabalhadores responderam em relação a remuneração atual. Dos quais, 254 informaram que recebem de 1 a 2 salários no emprego atual. Em relação a remuneração anterior o grupo teve um crescimento de 7,2% do número de trabalhadores que declararam receber essa faixa salarial. Provavelmente, esse aumento se deve a entrada de novos trabalhadores com o primeiro emprego de carteira assinada. No segundo grupo, os que recebem de 3 a 5 salários, houve um aumento expressivo de 141,1% trabalhadores que passaram a receber essa remuneração, representando 41 funcionários da indústria. Os que recebem de 5 a 7 salários passou de 1 (um) para 3 (três) trabalhadores, um aumento de 200% em relação ao estado anterior. O grupo que recebe acima de 8 salários permaneceu com saldo zero de trabalhadores. Dentre os entrevistados, 5 trabalhadores, representando 2% dos trabalhadores da indústria não responderam a questão.

Perguntado sobre os motivos que os levaram ao deslocamento da terra de origem para o lugar de destino (Gráfico 20: Motivos dos deslocamento dos migrantes Trabalhadores). Constatou-se que dentre os 222 trabalhadores que migraram para Rondonópolis, excluídos os nascidos no município, 41% (88 trabalhadores) responderam que o fator emprego foi o motivo do seu deslocamento; 34% responderam que a família foi o motivo do deslocamento, isto é, pessoas que quando criança ou na condição de dependente acompanharam os pais, há aqueles que mudaram para acompanhamento do cônjuge; 9% responderam motivos

diversos, perfazendo 19 trabalhadores, enquanto que 1% responderam que foi pelos estudos e 15%, ou seja 33 pessoas não informaram os motivos.

Gráfico 20: Motivos do deslocamento dos migrantes.

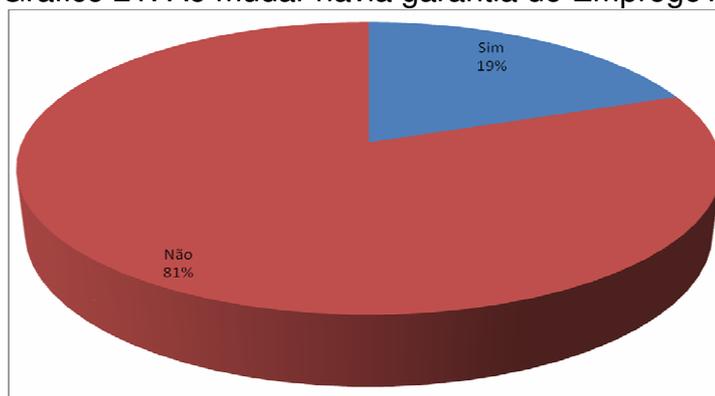


Legenda: NF (Não Informado).

Obs. Foram excluídos da tabulação os naturais de Rondonópolis.

Em relação à seguridade dos deslocamentos migratórios dos trabalhadores foi analisado as garantias de emprego, como fator de estabilidade ante a decisão de migrar. Verificou-se que apenas 19% dos trabalhadores deslocaram para Rondonópolis com emprego garantido. Enquanto que 81% dos migrantes não tinham nenhuma garantia de emprego. Portanto, se infere que o nível de confiabilidade do crescimento da economia local foi o principal fator de atração dos fluxos migratórios para Rondonópolis.

Gráfico 21: Ao mudar havia garantia de Emprego?



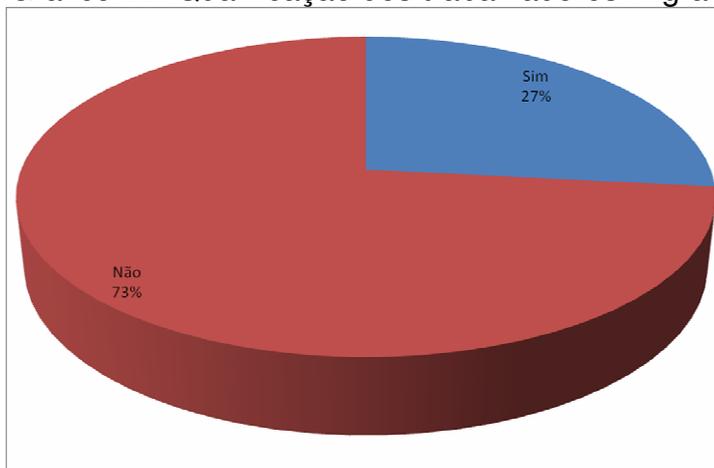
Obs. As variáveis não relacionadas são mudança por Família, lugar de origem, dentre outras.

Em relação ao mercado de trabalho e qualificação profissional dos trabalhadores migrantes, constatou-se que além da ausência de garantias de emprego ao migrante, a grande maioria não tinha uma qualificação profissional para

concorrer no mercado de trabalho local. Se considerarmos as ocupações setorializadas do emprego anterior, compreende que o setor terciário é o que inclui os migrantes recém-chegados no mercado de trabalho (Ver Gráfico 17). As atividades no terciário são mais dinâmicas do que as dos setores primário e secundário. A expansão das atividades de serviços e comércio demanda um número elevado de trabalhadores, fenômeno que quase sempre traduz em emprego temporário com carteira assinada, especialmente em períodos em que aumento do consumo com aproximação do Natal e início de ano. Portanto, no setor terciário talvez seja a maneira mais simples para o migrante desqualificado adquirir um currículo profissional e ascender a uma carreira profissional.

Acredita-se que o fator de repulsão do migrante seja maior que o fator de atração, no momento que o lugar de origem deixa de oferecer oportunidades de trabalho e condições mínimas para sua sobrevivência e da sua família. Entende que a repulsão é um fator imprescindível e a ser considerado neste estudo, posto que, constatou-se que o desemprego e/ou as condições econômicas no lugar de origem do migrante trabalhador são os principais fatores.

Gráfico 22: Qualificação dos trabalhadores migrantes.

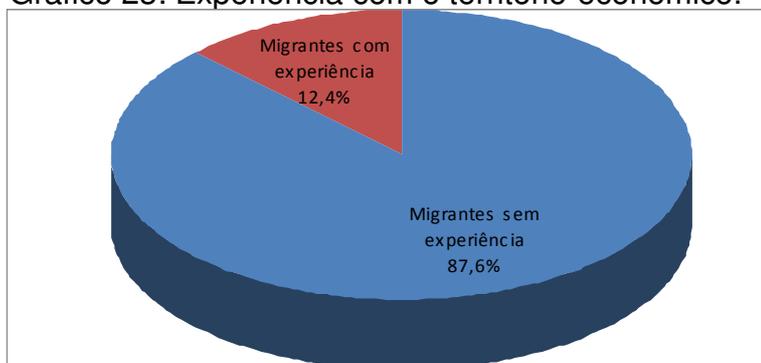


Analisou-se a qualificação dos trabalhadores migrantes e as condições de empregabilidade em relação ao preparo profissional para desempenhar alguma atividade no mercado de trabalho em Rondonópolis. Perguntados se ao migrarem possuíam alguma qualificação, 73% dos que migraram responderam que não tinham nenhuma qualificação profissional, este é um percentual que representa 118 trabalhadores da indústria em Rondonópolis. Sendo que apenas 27% responderam ter algum curso profissionalizante ou que tinham experiência profissional para a

vaga de trabalho ofertada. A título de exemplo, verificou-se que a profissão de marceneiro, não há formação escolar e técnica para qualificar mão de obra para as marcenarias em Rondonópolis, via de regra, o ofício é repassado de pai para filho. Desta forma, diversas ocupações na indústria, em especial na micro indústria, são preenchidas por trabalhadores de ofício, ou seja, passado de geração para geração.

Atualmente, além do preparo profissional para o mercado de emprego mediante cursos e treinamentos, o mercado de trabalho tem como fator de empregabilidade a experiência profissional dos trabalhadores, pois é considerada um requisito tão importante quanto o título de formação profissional. Desta forma, a experiência profissional na pesquisa tornou um indicativo da relação socioeconômica que o migrante tinha com o seu território de origem. Assim, analisou-se a construção da identidade territorial do migrante em relação ao território-econômico de origem mediante aquisição de qualificações e, principalmente, pela aquisição da experiência profissional, a qual ocorre com o exercício de uma profissão no mercado de trabalho, o seu valor aumenta com o tempo de serviço. É possível, a partir desse dado, identificar se no território de origem ou de destino decorre a construção da identidade dos trabalhadores.

Gráfico 23: Experiência com o território-econômico.



Obs.: Foram excluídos os migrantes matogrossenses. Por ser Mato Grosso o território de origem e o lugar destino (Rondonópolis) estar contido, nele.

Segundo a pesquisa, 87,6% dos migrantes, isto é, 113 (cento e treze) migrantes de diferentes regiões do país não haviam adquirido nenhuma experiência profissional no mercado de trabalho em suas respectivas localidades de origem, enquanto, 16 (dezesesseis) migrantes, representando 12,4% declararam ter adquirido experiência profissional em seus respectivos estados de origem.

Esse diagnóstico mostra uma desarticulação e estranheza multiterritorial em diferentes níveis (culturais, políticos e econômicos) nos territórios tendo com principal reflexo o baixo índice de desenvolvimento humano, destacando-se a baixa escolaridade e a desqualificação para o mercado de trabalho.

Portanto, na superfície do(s) território(s)-econômico(s) o fenômeno migratório, especialmente, a massa trabalhadora encontra-se precariamente territorializada. Em outras palavras, o território-econômico em situações estruturais e específicas como de baixo crescimento econômico em detrimento aos demais fenômenos sociais como a cultura, política, religião, etc... não oferece alicerces para a construção de uma identidade territorial dos trabalhadores com a totalidade do meio (município, estado, país) em que vivem; ao contrário, as atividades que estão presentes no território-econômico se tem revelado perverso ao cidadão, ao comprimir seus espaços de vivência, as “territorialidades”, restando-lhe a moradia, rua, escola e emprego como os principais espaços de seu cotidiano.

As relações socioeconômicas no território em situações específicas como crises econômicas, irregular distribuição de renda, pobreza, falta de políticas públicas tornam-se cada vez mais decisivas para o ato de migrar.

Ainda, a relação experiência e território, Goettert (2008) salienta que o migrante sulista com experiência profissional adquirida em sua terra de origem estava preparado para migrar para Mato Grosso.

O aperfeiçoamento profissional no sul resultou do trabalho ali desenvolvido e, sem dúvidas, teve papel preponderante na efetivação da migração para o Mato Grosso. Contudo, foram as reduzidas possibilidades de trabalho – com seus salários também reduzidos em comparação ao Mato Grosso – que impulsionaram a migração e o estabelecimento efetivo em Rondonópolis, porque “lá no sul tava ruim demais” (2008, p. 121). (grifo nosso).

A experiência profissional em um mercado cada mais vez mais competitivo tornou-se um dos requisitos para a territorialização de migrantes, principalmente, daqueles que se originam das regiões mais desenvolvidas em que a competitividade por emprego é maior.

Os diferentes tipos de fluxos populacional são orientados pelos territórios economicamente mais desenvolvidos. Em geral, os territórios mais dinâmicos que apresentam uma economia em franca expansão com um mercado de trabalho promissor tendem a atrair um maior e mais intenso fluxo de migrantes à procura de

um emprego "atrás do capital, se mobilizam turmas de trabalhadores" (GOETTERT, 2008, p. 199). Ainda, sobre as decisões de migrar e da orientação dos fluxos migratórios pelos territórios mais competitivos:

As migrações tendem a seguir um caminho: de lugares que apresentam perspectivas de instabilidade, estagnação ou empobrecimento, para lugares que apresentam perspectivas de estabilidade, crescimento e enriquecimento. Cada um destes componentes assume a devida importância dependendo de cada sujeito, principalmente do lugar social que ocupa nas relações tanto do lugar de origem como do lugar de destino. A ênfase nas condicionantes econômicas, no entanto, deve atentar para as possíveis e até imprescindíveis relações com condicionantes de ordem familiar e subjetiva, incluindo, aí, as *redes* de informação que se desenvolvem entre "pontos" que podem desencadear a *mudança* ou a permanência (Idem, p.159).

Algumas atividades tendem a atrair o migrante com um currículo profissional para se candidatar e competir pelos melhores empregos e melhores salários.

Ao analisar a escolaridade dos trabalhadores, constatou-se o baixo nível de escolaridade. Nessa perspectiva, a competitividade por vaga no mercado é quantitativa e não qualitativa, isto é, a competitividade é maior quanto maior o número de candidatos por vaga. As ocupações em que as exigências de contratação são menores, exemplo o ensino médio, o número de candidato tende a ser maior. A hierarquização das profissões e das ocupações de emprego criou diferentes níveis de competitividade no mercado .

Sobre o fenômeno da competitividade em relação ao nível de instrução que se verifica em Rondonópolis, pode ser perceptível quando analisado entre a população local e a população migrante que se estabelece. Goettert (2008), analisou que a competitividade por nível de instrução em Rondonópolis iniciou na década de 1970, momento que a economia se tornou urbana.

**Com a abertura de várias agências em Rondonópolis, houve a necessidade da contratação de mão-de-obra.** As contratações não eram, pelo menos em Rondonópolis, fundadas sobre exigências extremas: **geralmente a escolaridade exigida era o segundo grau**, mas conhecemos casos em que nem essa exigência era rigorosamente cumprida. Por isso, muitos migrantes, das várias Regiões do Brasil ingressaram na atividade bancária (GOETTERT, s.d., p. 194) (**grifo nosso**).

Foi com a expansão das agências financeiras e o surgimento de novas profissões que o mercado de trabalho em Rondonópolis se tornou atraente aos trabalhadores mais qualificados de outras regiões do país. Goettert observou que o

mesmo fenômeno ocorreu nos demais nos setores da economia local, principalmente nos setores da educação básica e superior e da saúde. Um fluxo migratório qualificado, pessoas com ensino médio e superior concluído, apto para as atividades do setor terciário se estabelece no município. Em sua maioria eram migrantes que proviam da região sudeste e Sul do país. Sendo essa, ainda, uma realidade atual.

Em 1970, o mercado de emprego com o surgimento de novas profissões se tornou complexo e moderno, e excludente ao requerer dos candidatos um nível de instrução escolar rigorosa para grande maioria dos moradores de Rondonópolis, privilegiando uma classe de migrante que preenchiam as exigências mínimas da época.

Pelos dados coletados junto ao Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Rondonópolis e Região Sul de Mato Grosso (em 21/09/1998), migrantes sulistas perfazendo 15% do total dos bancários (filiaados no sindicato). Mesmo que as Regiões Sul e Sudeste apresentem um certo equilíbrio na distribuição de naturais na atividade bancária em Rondonópolis acentuados em relação às demais: 58%), é uma das categorias em que os sulistas estão mais presentes. **Podemos afirmar, nesse sentido, que as profissões de exigência de qualificação (escolar e técnica) maior têm a presença de um maior número relativo de migrantes do Sul** (mais adiante veremos o caso dos professores universitários que corrobora a afirmação; mas também médicos, dentistas, psicólogos e farmacêuticos) (Idem, p. 194). (Grifo nosso).

Sobre o emprego de migrantes na economia em Rondonópolis, Goettert afirma que no ano de 1999, nas atividades de energia, das 88 pessoas empregadas, 4,5% eram sulistas e 88,9% eram trabalhadores não rondonopolitanos. Outrossim, em relação ao comércio de minérios e derivados, no mesmo ano de 1999, dos 333 filiaados, 28 eram sulistas "aparentemente um número inexpressível. Mas se relacionarmos com a porcentagem de migrantes sulistas em Rondonópolis, perceberemos que esses 8% superam os 6,5% que é, relativamente, o número de sulistas no município" (Idem, 195). Ainda em 1999, na educação básica, a maioria dos professores com diploma universitário, 8% eram sulistas, 28% do sudeste, 41% do centroestinos (menos Rondonópolis), sendo 11% naturais do município de Rondonópolis. Já em relação à educação superior, no campus universitário do município de Rondonópolis, 30% dos professores eram de origem sulistas, 65% da região Sudeste. "Por esses dados é possível relacionar a mobilidade de trabalho altamente qualificada do Sul (e Sudeste) para Rondonópolis com as estatísticas

oficiais...” que apresentam ser o Sul a Região com os maiores índices de escolaridade. (Idem, p.195,197,199). Certamente, os que estudaram nas melhores escolas e tiveram acesso ao ensino de qualidade são mais competitivos no mercado.

Pretendeu-se com a pesquisa estratificar a competitividade dos trabalhadores no mercado pelas profissões que exigem maior nível de instrução. Todavia, a aplicação dos formulários não tendo uma distribuição uniforme no interior das indústrias, inviabilizou colher uma amostra suficiente para representar o fenômeno.

Sobre a construção da identidade territorial com o lugar, especialmente, ao território, circunscrito ao município, no caso de Rondonópolis, conforme observado por Sturza e Machado (2006) no artigo - O sentido de lugar em Rondonópolis – MT e o topocídio do cerrado: uma contribuição aos estudos de cognição ambiental, são as relações socioeconômicas em detrimento aos demais níveis territoriais, que coíbem a construção de uma identidade territorial dos moradores em relação a totalidade do território. Os autores observaram a percepção da paisagem e a identidade do lugar Rondonópolis-MT, a partir do conhecimento do espaço vivido dos seus moradores. Em relação a esse espaço, analisaram a territorialidade dos moradores frente à intensificação das relações socioeconômicas ocorridas nos últimos 30 anos em Rondonópolis, as quais favoreceram o aparecimento do não-lugar. Argumentam que o espaço adquiriu valor econômico no capitalismo. Assim, a intensificação das relações econômicas aliena o homem do território reduzindo o espaço vivido em escala cada menor, conseqüentemente, o território sofre uma compressão. “O ser humano não tem tempo para estar (ser) no espaço, mas sim para produzir dentro deste que já não é símbolo de liberdade, mas sim de prisão e matéria de produção (Idem, p. 341)”.

Santos (2003, p.62-63) identificou que em determinada época na sociedade “[...] existia uma territorialidade genuína. A economia e a cultura dependiam do território, a linguagem era uma emanção do uso do território pela economia e pela cultura, e a política também estava com ele intimamente relacionada”. O autor argumenta a existência de uma perversidade sistêmica na economia, cultura, política. Perversidade, essa, causadora de estranhezas e de desequilíbrios sociais no território tendo como indicador a fome, desemprego, guerras, competitividade, dentre outros. Assim, elucida: “Havia, por conseguinte, uma territorialidade absoluta, no sentido de que, em todas as manifestações essenciais de sua existência, os

moradores pertenciam àquilo que lhes pertencia, isto é, o território” (Ibidem, p. 58-59). Na atualidade, a identidade territorial dos moradores encontra-se limitada a espaços cada vez reduzidos nos seus respectivos territórios.

A intensificação de relações capitalistas no território comprime o espaço vivido do homem reduzindo seu “tempo de estar (ser) no espaço”, caracterizando uma desterritorialização em diferentes escalas territoriais.

Portanto, o migrante em relação ao seu local de origem inicia um processo de desconstrução de territórios. Todavia, nunca por completo. Considerando o motivo do deslocamento as condições econômicas (fator emprego) e esse disponível no lugar de destino de economia, é provável que haja uma territorialização precária em relação à identidade a ser construída no lugar. Pelas condições pós-modernas, aí existentes, “o vivido perdeu seu sentido no cotidiano e com ele os lugares são mais desconstruídos do que construídos (Ibidem, p. 59)”.

A industrialização do território, ao mesmo tempo, que atrai o migrante, em especial, o trabalhador, o priva de uma identidade circunscrita ao município, ou seja, ao território como um todo. Desta forma, a moradia e a rua são os principais espaços vividos e não o município. “No caso de Rondonópolis, percebe-se claramente a influência do espaço produtivo comprimindo o espaço vivido, tese proposta num dos objetivos deste trabalho (ibidem,, p. 352)”. Sobre a desconstrução do território na perspectiva dos moradores de Rondonópolis, Sturza e Machado (2006), enfatizam:

Em Rondonópolis, nas questões relativas à identidade, significado, satisfação com o lugar, valor cultural, imagem e símbolo do lugar, as pessoas nomeiam e reconhecem elementos e apresentam atitudes mais ligadas ao sentido de não-lugar do que de lugar. Isto significa que **Rondonópolis está perdendo o sentido de lugar para as pessoas, que mantêm laços fortes de afetividade apenas com a sua rua e seu bairro**. Pode ser um indicativo de que o lugar ainda se encontra em construção ou já apresenta uma desconstrução, isto é, poucas pessoas identificam a cidade de Rondonópolis como um lugar repleto de significados (2006, p. 352). (grifo nosso).

As transformações modernizantes das últimas décadas em Rondonópolis em detrimento com os bens coletivos mais antigos ocorrem sem resistência popular, o que revela uma desconstrução histórica territorial em curso. A título de exemplo, a destruição de alguns dispositivos coletivos na praça dos carreiros como o parquinho infantil, centro da cidade, e, o coreto da praça na Lions internacional, bairro Coophalis.

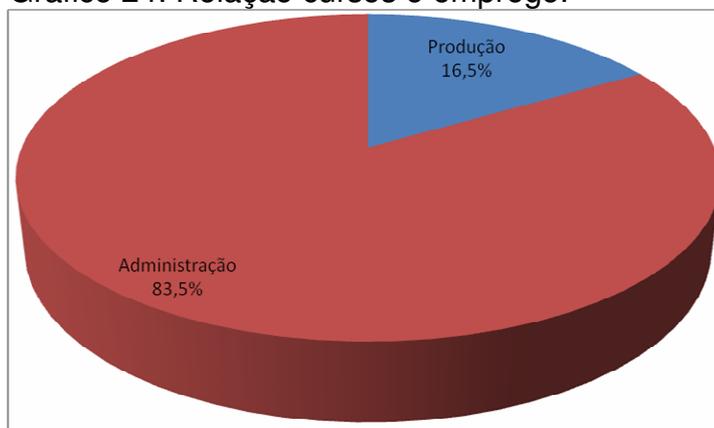
Após obter dos trabalhadores suas respectivas qualificações profissionais foi possível relacionar os principais cursos profissionalizantes realizados e a validade desses para o setor secundário da economia local. A formação profissional torna-se um pressuposto que credencia os trabalhadores para exercerem alguma atividade na indústria. A sua ausência no currículo dos trabalhadores revela uma outra realidade no mercado de trabalho moderno, diferente daquele que haveria de ser.

Lembrando que a amostra coletada tende a compreender os trabalhadores que atuam no setor produtivo da indústria. Observou-se que as formações profissionais dos trabalhadores que declararam possuir algum curso profissionalizante, em sua maioria não estão relacionadas ao setor de produção que ocupam na indústria tendo maior afinidade com o setor administrativo.

Dentre aqueles que declaram ter um curso profissionalizante, 32 pessoas disseram ter curso de Informática, 12 (doze) curso de Administração, 5 (cinco) de Contabilidade, 5 (cinco) de Costura, 2 (dois) de Direito, igualmente, 2 (dois) eletricista, Inglês, Mecânico, Secretariado, Zootecnia. Ao total, são 41 (quarenta e um) cursos diferentes de formação (ver Gráfico 25). Cursos realizados pelos trabalhadores.

O Gráfico 24. Relação cursos e emprego, mostra, quanto à formação, que os trabalhadores estão preparados para exercer atividades administrativas e não de produção. Em relação ao setor administrativo de empresa, 83,5% dos trabalhadores possuem formação profissional para atuar nesse setor de empresa, o equivalente a 81 (oitenta e uma pessoas), enquanto apenas 16,5% trabalhadores tem formação para profissional para trabalhar na produção.

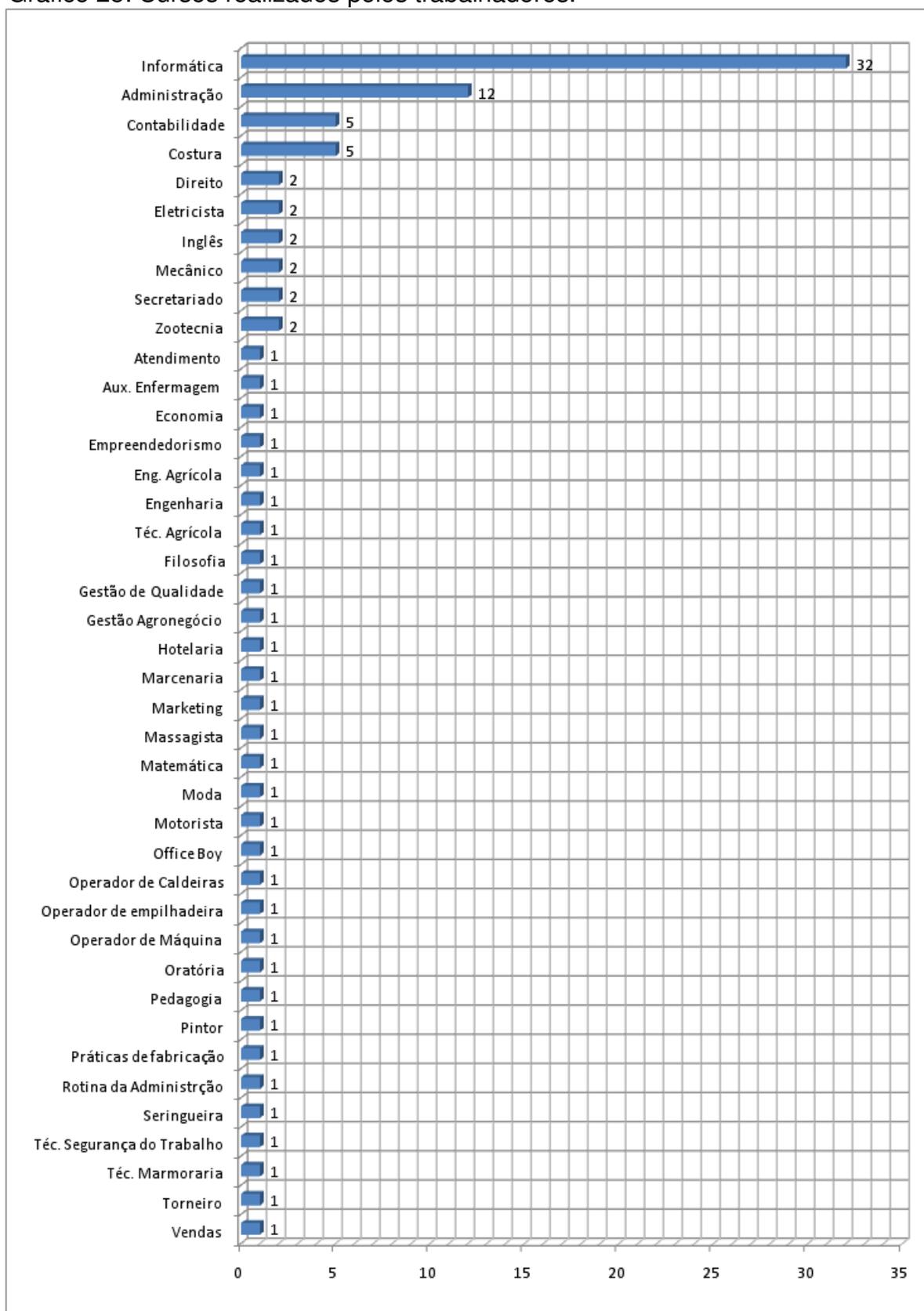
Gráfico 24: Relação cursos e emprego.



A tendência é que com a informatização e mecanização dos processos produtivos e o crescimento das atividades de comércio e serviço, consolide uma sociedade terciária com uma formação profissional para exercer atividades relacionadas ao consumo e prestação de serviços existentes no setor terciário e não secundário. (Gráfico 25. Cursos realizados pelos trabalhadores).

A partir da compreensão desses dados, consideramos que a grande massa de trabalhadores migrantes, fragilizada territorialmente e desqualificada para o mercado e sem de experiência profissional, constituem uma exército de mão de obra braçal atraídos pelos territórios mais desenvolvidos, que ainda os requer para produzir. Migram tendo como preferência os mercados promissores. Todavia, é a estagnação econômica do território de origem, o motivo inicial do fenômeno.

Gráfico 25: Cursos realizados pelos trabalhadores.



Conforme Dossiê de Rondonópolis (2010, p. 43), com uma amostra de 1500 entrevistas domiciliares, “Rondonópolis tem um percentual de 11,% de desempregados que justificam a falta de oportunidade como principal motivo. Porém, dentre os desempregados, 63% nunca fizeram nenhum curso profissionalizante [...]”.

Essa realidade se torna evidente ao analisamos as vagas de emprego ofertadas pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE) de Rondonópolis, em que o número de colocados (contratados) é sempre menor que o número de vagas oferecidas. De acordo com a direção do SINE no município, o impasse está na falta de qualificação profissional dos trabalhadores encaminhados.

Em 2003 no SINE de Rondonópolis haviam sido inscritos no sistema 4.801 pessoas que se empenharam para concorrer no mercado de trabalho local. Sendo encaminhados para as empresas contratantes 7.174 candidatos para 3.602 vagas disponíveis, uma média de 2 (dois) candidatos por vaga. Foram colocados 936 trabalhadores. Restaram 2.666 vagas não preenchidas. Em 2004, o número de inscritos foi de 8.194, o crescimento pela procura por emprego de 70,7% maior em relação ao ano de 2003. Sendo 17.377 candidatos encaminhados para 7.139 vagas disponíveis, admitidos 2.508 candidatos, restaram 4.631 vagas, com uma média de 2,4 pessoas por vagas ofertadas. No ano de 2005, com o aumento do desemprego em curso pela crise provocada pela agricultura em Rondonópolis, o número de pessoas que procuraram a intermediação do SINE no mercado de emprego continuou crescendo, tendo um aumento de 10,4% em relação a 2004. Foram 9.047 pessoas cadastradas, o maior do período de 2003 a 2007 (vide gráfico a crise na agricultura em Rondonópolis). 19.531 encaminhadas, apresentando a maior média de pessoas concorrendo por vaga de emprego 2,8, sendo apenas 2.233 pessoa admitidas, tendo 4.851 vagas não preenchidas.

Já no ano de 2006, houve uma queda do número de inscritos de -13,4%, mas a procura por emprego continuou em alta em relação ao início do período (2003), um crescimento de 63,2% de inscritos no sistema. Foram encaminhadas 12.954 pessoas para 4.949 vagas, sendo contratados 2.246. Ficaram ociosas 2.703 vagas de empregos. Em 2007, como resultado da crise de 2003 e perturbações econômicas no mercado em todo mundo, a procura registrada foi a segunda maior do período, 8.445 inscritos, crescimento de 75,9% em relação a 2003, e 7,8 de 2006. Os números de candidatos encaminhados foram de 13.154 para 6.297 vagas

ofertadas, sendo contratadas 2.754. Restaram 3.543 postos de emprego sem serem preenchidos (Tabela 7).

Tabela 7: SINE Indicadores Mercado de Trabalho - Rondonópolis MT

Situação do Período	2003	2004	2005	2006	2007	Total
Atendimentos	26.030	45.466	57.983	52.446	59.452	183.394
Inscritos	4.801	8.194	9.047	7.835	8.445	29.275
Vagas	3.602	7.139	7.084	4.949	6.297	21.987
Encaminhados	7.174	17.377	19.531	12.954	13.154	50.659
Colocados	936	2.508	2.233	2.246	2.754	8.444

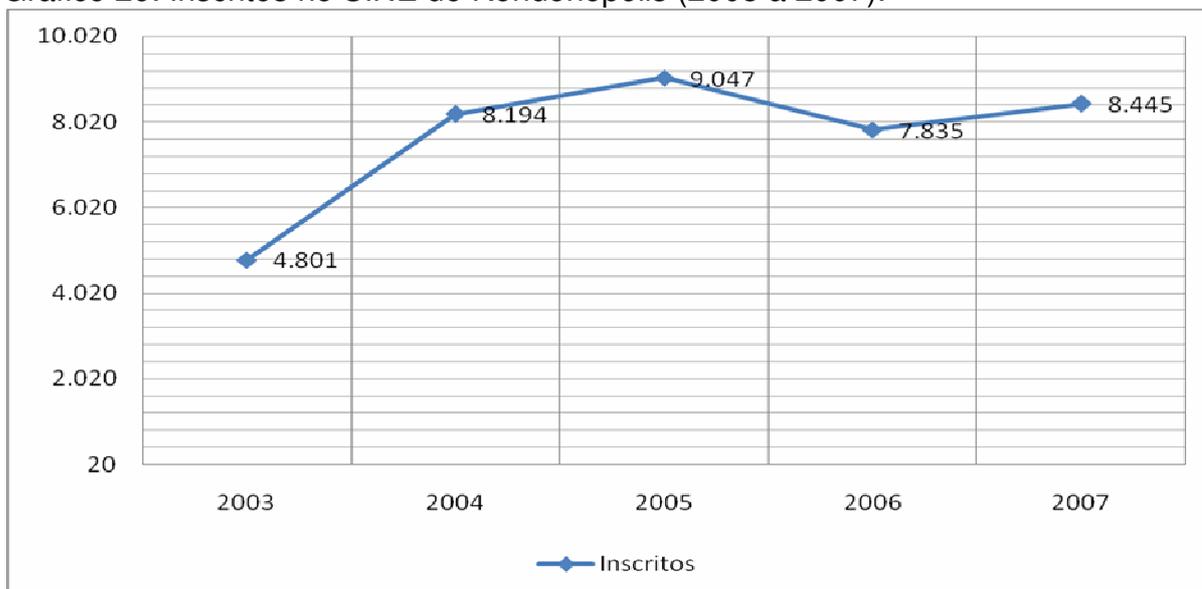
Fonte: SINE (Sistema nacional de emprego) agência de Rondonópolis, 2008.

Tabulação: SANTOS, J. F. 2010.

No balanço total do período foram inscritos 29.275 pessoas no sistema, para serem intermediados pelo SINE de Rondonópolis no mercado de trabalho local. Encaminhadas 50.659 pessoas ao mercado; para 21.987 vagas disponíveis foram empregados 8.444 pessoas. Portanto, das 72,2 vagas ofertadas no período, apenas 28% foram ocupadas.

Observando a tendência do mercado de trabalho, o ano de 2005 coincidiu com a crise do agronegócio em Rondonópolis, registrando o maior número de pessoas que procuraram o SINE no período registrado (Ver Gráfico 26)

Gráfico 26: Inscritos no SINE de Rondonópolis (2003 a 2007).



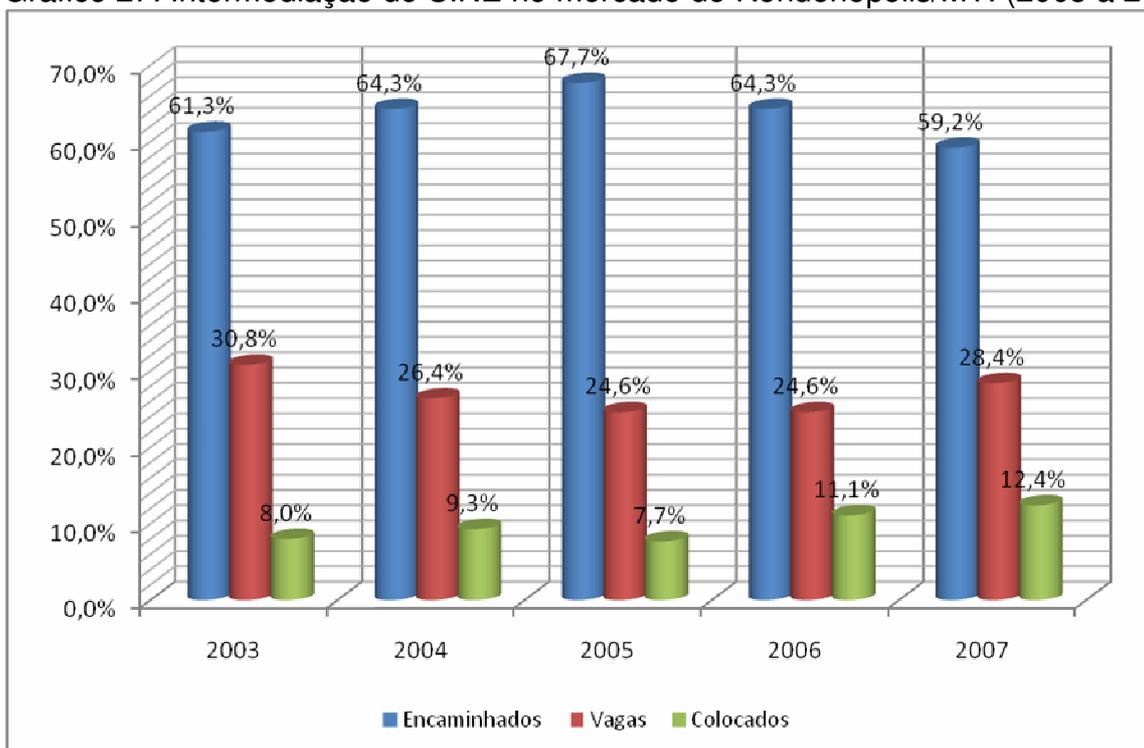
Fonte: SINE (Sistema Nacional de Emprego) agência de Rondonópolis, 2008.

Org.: SANTOS, J. F. 2011.

No ano de 2003 a 2004, o número de inscrição no SINE cresceu 70,1%. No ano de 2005 em relação a 2004 foi registrado um crescimento de 10,6% do número

de inscritos para intermediação de emprego (Gráfico 27). No ano de 2006 houve uma queda de inscrição das pessoas que estavam à procura de emprego sendo de - 13,6%. Esse quadro mostra que a economia e o mercado de emprego estão associados. Assim, o mercado de emprego não pode ser analisado separadamente da economia em que está inserido.

Gráfico 27: Intermediação do SINE no mercado de Rondonópolis/MT. (2003 a 2007)



Fonte: SINE (Sistema nacional de emprego) agência de Rondonópolis, 2008.

Tabulação: SANTOS, J. F. 2010.

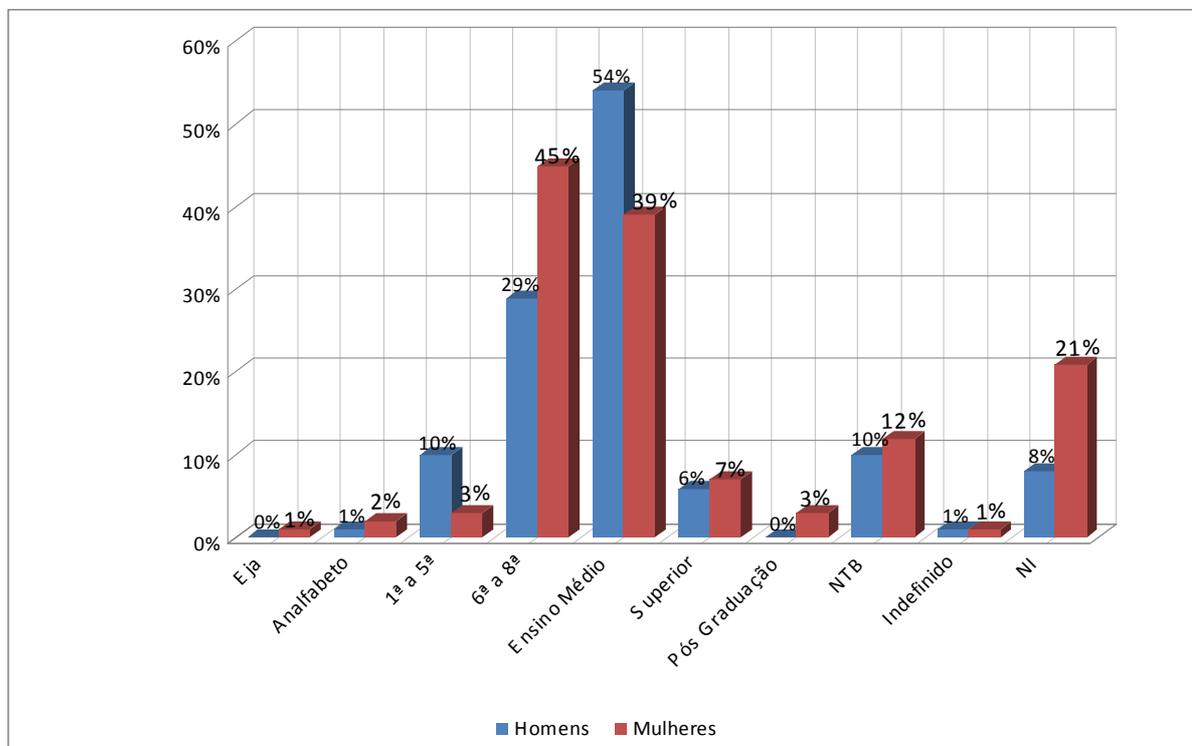
Observou-se que no ano de 2005, a extroversão do mercado de trabalho em Rondonópolis durante a crise do agronegócio foi a causa do maior índice de desemprego no período, com 67,7% inscritos para 24,6% das vagas ofertadas. Tendo o menor percentual de contratação dos períodos analisados de 7,7%; momento em que a competitividade por número de vaga também foi a maior registrada.

A seguir analisou-se ainda o nível de escolaridade dos trabalhadores migrantes do setor secundário da economia em Rondonópolis e constatou-se baixa escolaridade da população. A análise se aplicou em relação ao emprego anterior e atual.

Em relação à escolaridade entre homens e mulheres considerou-se a capacidade de ingresso e não a conclusão das séries escolares.

Em se tratando ao ensino fundamental utilizou-se a terminologia atual em ensino fundamental I de 1ª a 5ª série, e ensino fundamental II de 6ª a 8ª série.

Gráfico 28: Escolaridade no trabalho anterior.



Legenda: NI (Não Informado); NTB (Não trabalhava); Indefinido (Informações confusas).

O Gráfico 28 mostra o nível de escolaridade dos trabalhadores. Por ser em relação ao trabalho anterior, a conclusão das séries pelos trabalhadores tem uma dimensão temporal diferenciada, tal como: alguns estudaram a 1ª e 5ª séries há 20 anos, enquanto outros, em um período de tempo menor, há 10 anos. Ponderou-se também, que pelo fato das leis que regulamentam o trabalho infantil e o direito ao estudo terem sido mais flexíveis em outras épocas, traduz-se em baixa escolaridade da classe trabalhadora formada por pessoas mais idosas. É importante destacar que no período do emprego anterior às ocupações dos trabalhadores não restringiam ao setor secundário da economia, como também, nem todos trabalhavam anteriormente no município de Rondonópolis. As escolaridades dos trabalhadores tanto do sexo feminino como do masculino concentram-se de 6ª a 8ª séries e ensino médio. Isso mostra, na visão do trabalhador, a necessidade de cursar essas etapas de ensino para o exercício de uma carreira profissional. Constatou-se um baixo índice de analfabetos, pois apenas um homem e duas mulheres não sabem ler e nem escrever.

Na primeira etapa do ensino fundamental, o total de homens é maior que o das mulheres; por outro lado, de 6<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série a situação inverte, há uma maior concentração de mulheres do que homens. Nessas séries é comum o aluno do sexo masculino abandonar os estudos para ingressar no mercado de trabalho, o que repercute nesses índices. Todavia, essa disparidade é a temporal, porque se aplica ao nível escolar da classe trabalhadora com idade superior aos 18 anos de idade, isto é, não se refere à classe estudantil comum, que em sua maioria é representada pelos jovens em idade escolar.

No ensino médio, a quantidade de homem na indústria com esse nível é superior ao das mulheres, são 54% contra 39%. A tradução dessa disparidade talvez possa ser explicada pelo número de mulheres que não informaram a escolaridade. Por outro lado, a concentração dos trabalhadores nesses níveis de escolaridade seja um dos requisitos exigidos pelo mercado de trabalho para a empregabilidade, que é a conclusão do ensino médio. Já na modalidade de ensino superior, importa mencionar as diferenciações de uso e ocupação dos trabalhadores com diferentes níveis educacionais. Nas indústrias, dentre os 302 trabalhadores pesquisados, em relação ao emprego anterior, encontrou-se no setor de produção apenas 1 trabalhador com a escolaridade de nível superior. Na gerência, dois trabalhadores, e na administração 6 trabalhadores. Esse quadro mostra que o mercado de trabalho é estratificado em diferentes cargos de importância hierárquica, com vínculos mais ou menos específicos com determinados níveis de escolaridades dos trabalhadores. Salvo em tempos de crise financeira, de depressão econômica, dentre outras variáveis que modificam as exigências do mercado, pois em condições normais inferiu-se que, quanto maior a hierarquia ocupacional dos funcionários, maior o nível de escolaridade e profissional dos trabalhadores. De outra forma, quanto menor a hierarquia ocupacional dos funcionários há menor nível educacional e profissional dentre essa categoria de trabalhadores.

O total de mulheres com formação de nível superior encontrava-se, em relação ao emprego anterior, relativamente maior do que os homens, isto é, 7% das mulheres estavam cursando ou concluíram o ensino superior, contra 6% dos trabalhadores do sexo masculino. No emprego atual ocorre um desequilíbrio entre gênero, pois predomina o gênero masculino com nível superior, todavia, essa parcela de trabalhadores está concentrada e estratificada nas atividades de administrativas e gerenciamento. Com a formação de pós-graduação, encontrou-se

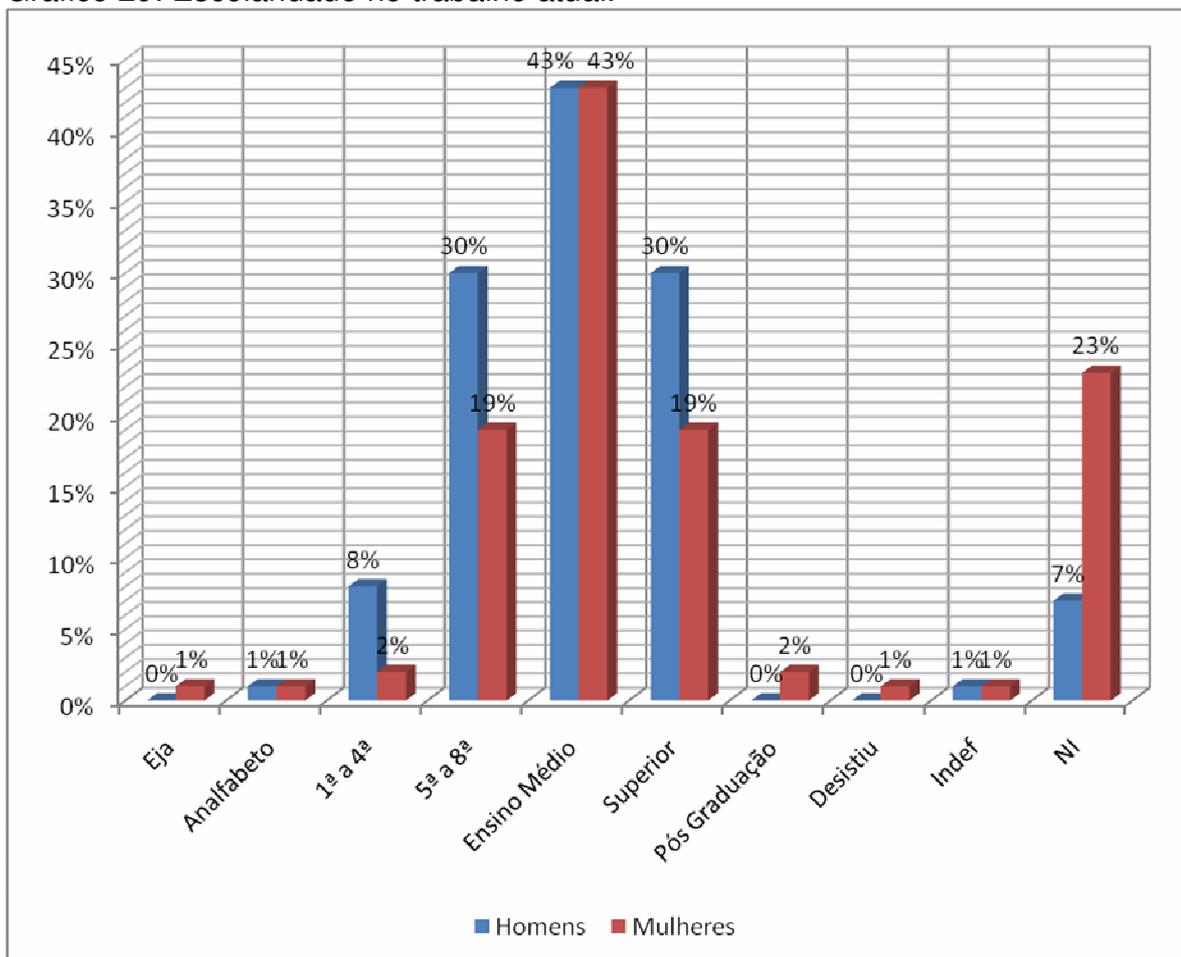
3% das mulheres trabalhadoras das indústrias com o curso concluído, enquanto que, nenhum homem pesquisado, cursou ou está cursando o nível superior. As diferenciações do nível de escolaridade da mulher em relação ao homem nos cursos de nível superior e de pós-graduação mostram que a mulher se preocupa mais com as mudanças de paradigmas do mercado de trabalho e a carreira profissional. Outrossim, o número de mulheres com o primeiro emprego é maior que a dos homens, o que comprova o aumento de mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas.

A perda de dados, com informações confusas prestadas foi de 1% para cada gênero, isto é, a perda de informações como não declaradas. Verificou-se que 8% dos trabalhadores não declararam sua escolaridade e 21% das trabalhadoras não informaram seu nível de escolaridade. Essa situação, provavelmente, refletiu em déficits no número de mulheres que cursam ou cursaram o ensino fundamental e médio e os demais níveis educacionais.

No sentido de compreender a continuidade nos estudos da classe trabalhadora migrantes em Rondonópolis, no setor secundário da economia, a pesquisa foi orientada para compreender a escolaridade atual dos trabalhadores. Desta forma, ao serem perguntados sobre a escolaridade atual, verificou-se uma tendência maior, de que o gênero feminino chegará mais cedo aos níveis superiores e de cursar uma pós-graduação. Sobre o analfabetismo e a modalidade de ensino Eja (Educação de Jovens e Adultos) as relações quantitativas de gênero continuaram inalteradas. Sobre o analfabetismo, entende-se que determinadas atividades com relativo esforço físico não requer em escolaridade, daí a conformidade de alguns trabalhadores em não mudar essa condição. Em relação ao ensino médio, prevalece a concentração do gênero masculino; por outro lado, o gênero feminino concentra-se nas séries mais avançadas. Já no ensino médio altera-se o nível de escolaridade das trabalhadoras em relação ao emprego anterior, havendo um nivelamento quantitativo entre homem e mulheres que estudam no ensino médio. Dito de outro modo, 43% dos homens e 43% das mulheres trabalhadoras do setor secundário cursam o ensino médio. Ao analisarmos quantitativamente o movimento de ambos os sexos que gravitam em torno do ensino médio, considerando o emprego anterior e o atual (Gráfico 29), averiguou-se que no trabalho anterior havia uma concentração de mulheres no ensino fundamental, enquanto que no atual migraram para o ensino médio. Enquanto o gênero masculino, no emprego anterior

concentrava-se no ensino médio; já na atual ocupação migraram para a modalidade de ensino superior, havendo entre os gêneros nos diferentes níveis de ensino um deslizamento de escala quantitativa.

Gráfico 29: Escolaridade no trabalho atual.



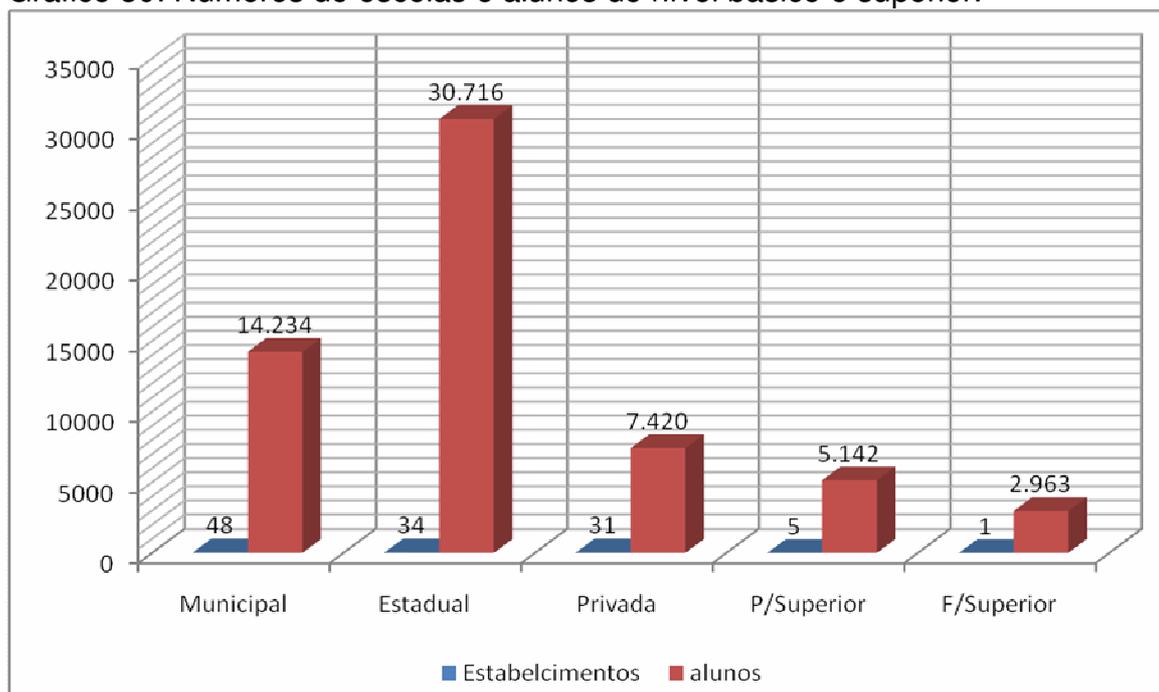
Legenda: NI (Não Informado); NTB (Não trabalhava); Indefinido (Informações confusas).

Assim, no ensino superior, a situação em relação ao emprego anterior inverteu, e o número de homens com nível ou cursando o ensino superior é maior. De acordo com os dados, isso ocorre porque as mulheres chegam mais cedo no ensino superior e o homem mais tarde, ocorrendo uma aparente e momentânea superioridade do total de homens com curso superior. Já na pós-graduação, o gênero feminino se faz presente com 2%, como se verificou no emprego anterior, e zero para o gênero masculino. Essa situação revela a predisposição da mulher em atingir o ápice de sua carreira profissional com uma formação escolar mais adiantada. Também constatou-se que houve desistência dos estudos por parte da mulher, num total de 1% e nulo para os homens. A perda de dados foi de 1% para ambos os sexos. Sobre as informações não prestadas, 7% dos homens não

informaram a escolaridade atual e 23% das mulheres trabalhadoras da indústria de Rondonópolis preferiram não responder.

Sobre a disponibilidade da educação básica e superior em Rondonópolis, o município conta com importantes instituições da rede de escolar pública e privada para os níveis de educação básica e superior.

Gráfico 30: Números de escolas e alunos do nível básico e superior.

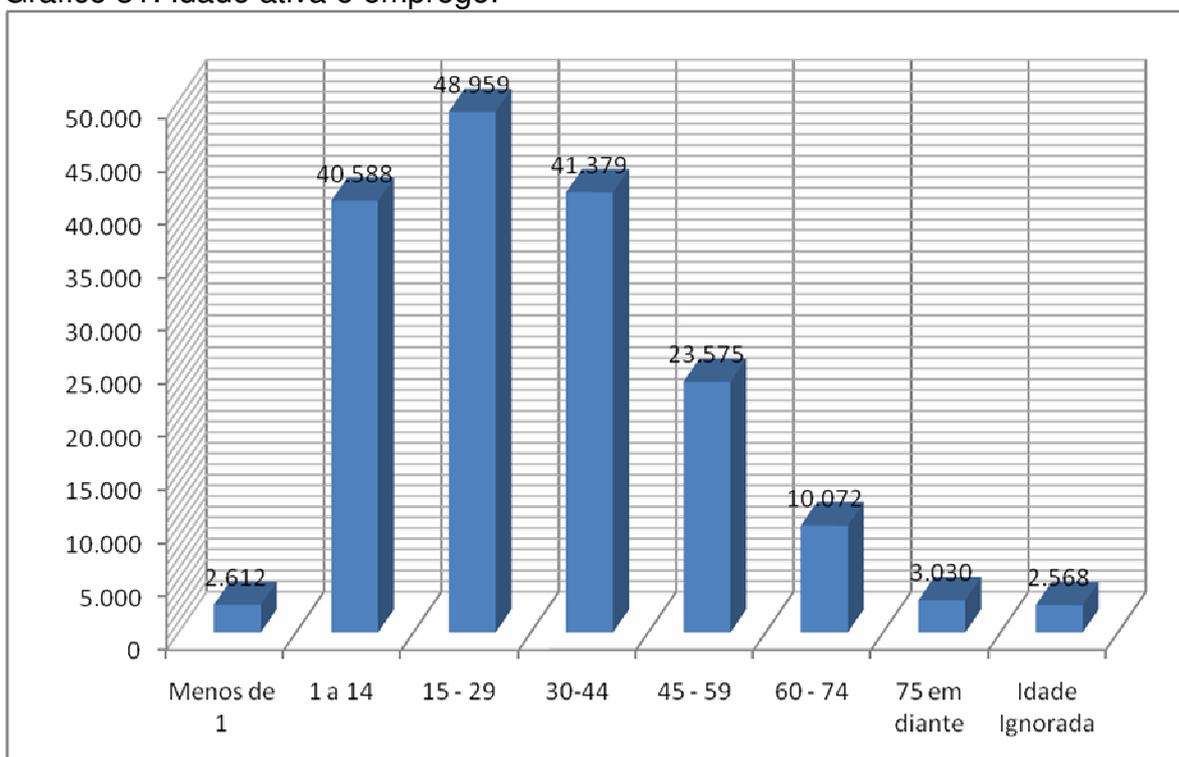


Fonte. Censo Escolar 2009; UFMT, Anhanguera, Facer, Unic apud Dossiê de Rondonópolis, 2010, p. 43. Reeditoração: Santos. J. F., 2011.

Na educação Básica são 113 estabelecimentos de ensino, 82 escolas da rede pública e 31 escolas particulares, as quais oferecem ensino para 52.370 estudantes. Enquanto que as escolas de ensino superior somam 6 instituições, uma universidade federal (UFMT) e 5 faculdades particulares oferecendo cursos para 8.105 acadêmicos. Em ambas as modalidades de ensino básico e superior, são 119 instituições e um universo de 60.475 estudantes.

De acordo com a estimativa da contagem populacional do IBGE, referencia o ano de 2007 (DOSSIÊ DE RONDONÓPOLIS, 2010, p. 29) 48.959 pessoas estão entre as idades de 15 a 29 anos, representando 28,3% do total da população de 172.783 habitantes. Sendo essa a principal faixa etária da população de Rondonópolis, “a população de Rondonópolis é bastante jovem. A principal faixa etária está entre 15 e 29 anos” (Idem, p. 29).

Gráfico 31: Idade ativa e emprego.



Fonte: Contagem populacional IBGE, 2007, jan. 2008 (Dossiê de Rondonópolis, 2010, p. 29).

É importante destacar as faixas etárias de 1 a 14 anos e 30 a 59 anos. Por dois motivos, a primeira refere-se às crianças e adolescentes em idade escolar (40.588) 23,5% da população estimada que, em geral, iniciam a vida escolar aos 6 ou 7 anos de idade e com previsão de conclusão do ensino médio aos 17 ou 18 anos. O segundo grupo, com faixa etária entre 30 e 59 anos, compreende homens e mulheres em idade ativa, teoricamente, exercendo alguma atividade econômica no município. Assim, aqueles que estão entre 15 e 29 anos, relacionam-se a um perfil de estudantes com perspectiva entrar no mercado de trabalho aos 16 anos, conclusão do ensino médio aos 17 e 18 anos de idade e, da entrada no ensino superior aos 19 e 20 anos. Esse universo de jovens vive duas realidades, concorrer no mercado pelas nas novas ocupações que são criadas no mercado local e/ou suceder aqueles que com a aposentadoria (mulher 60 anos e homens 65 de idade) deixam de trabalhar. Em relação à entrada do jovem no mercado de emprego em Rondonópolis, tendo como referência as idades dos trabalhadores na indústria, anteriormente mencionada, ocorre uma dinâmica entre novos e antigos trabalhadores no setor secundário da economia, isto é, a quantidade de trabalhadores jovens na indústria entre 18 e 21 anos de idade é menor que os de 21

a 25 anos. Por outro lado, o volume deste permanece quase que inalterado até o grupo dos que têm entre 26 e 30 anos de idade. Ao passo, que o grupo de trabalhadores com idade entre 31 a 40 anos está em maior número no mercado de trabalho. Conforme a dinâmica do envelhecimento de cada grupo ocorre no mercado, e isso válido para todos os setores da economia, os fenômenos que denominamos aqui, novos empregos ou sucessão no mercado. O primeiro, geralmente, proveniente do crescimento econômico, e o segundo ocorre pela aposentadoria ou óbito, dentre outros. Esse movimento de sucessão no mercado de emprego parece ser um fenômeno natural nas relações socioeconômicas e comum em diferentes tipos de sociedade de diferentes tempos.

A relação entre escolas do nível básico e superior e a capacidade de atendimento aos jovens e adultos infere que o município de Rondonópolis oferece à sua população as formações escolares em quantidade disponível aos jovens e adultos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu conhecer a evolução do espaço ao território de Rondonópolis/MT. Essa evolução compreende as temporalidades que caracterizaram o território e o tornou singular em uma escala de análise regional em que se assenta e se interage com os demais territórios em respostas às necessidades sociais. Também, nessa evolução, estão explícitas as territorialidades e desterritorialidades historicamente identificadas e que compreendem a formação social do município de Rondonópolis.

A gênese do território ocorreu com o processo migratório no começo do século XX, isto é, em 1902. Fenômeno esse que não apenas deu início ao povoamento, mas caracteriza a sociedade rondonopolitana, atual.

O espaço inabitado pelo homem, ao menos pelo branco, ofereceu condições para os primeiros migrantes que buscavam o acesso à terra e mediante sua aquisição a continuação de suas culturas, economias e posteridade.

O lento crescimento populacional de Rondonópolis evidenciado pelo fenômeno migratório, a princípio, tinha como estímulo a vasta região desocupada e pouco atrativa ao grande capital. Até a década de 1940, o interesse pela região em que se localizam as terras de Rondonópolis, se restringiu a pobres agricultores voltados para agricultura familiar. Num segundo momento, mediante a intervenção política no espaço com a oferta de terras devolutas em Mato Grosso para o povoamento, ocupação e desenvolvimento da região e de Rondonópolis. A organização do território dava-se pelo planejamento socioeconômico que tinha como pretensão não apenas o povoamento, mas o desenvolvimento da força de trabalho para os empreendimentos que haveriam de ocorrer.

Nas décadas de 1950 a 1980, Rondonópolis conquistou a emancipação política, sendo elevado à categoria de município graças ao crescimento populacional que ocorria pela migração e ao crescimento das atividades no campo e na cidade. Nesse período, o avanço da fronteira agrícola definiu novas territorialidades, isto é, novos conteúdos sociais e condições para o desenvolvimento local. As transformações no meio rural e na cidade caracterizavam novos tempos. A modernização do campo, o êxodo rural e o crescimento urbano mostravam a nova face do território e da organização social. A cidade de Rondonópolis passou a ser a

sede das atividades econômicas e lócus da produção e reprodução social. Empresas e indústrias instalam-se na cidade, a economia se moderniza e as novas relações de trabalho e consumo cresceram para atender as necessidades criadas no campo e na zona urbana. É na década de 1970, que surge a classe operária de Rondonópolis. A economia estava em transição. As atividades de comércio e serviços cresceram em resposta à expansão das atividades no campo. A consolidação da cidade era uma realidade.

No campo, a introdução da soja, precedida de técnica e conhecimento, tendo como insumo o capital, indicava novos tempos e novos elementos no território em número e qualidades consideráveis como ruas, energia, população, cultura, capital, comércio, consumo, investidores e etc., os quais representam as interações territoriais que conectam os lugares. Por isso, em 1980, Rondonópolis se globaliza pela comercialização e exportação de grãos. Esse desenvolvimento econômico imprimiu no território uma nova territorialidade caracterizada pelo agronegócio, em que grupos e organizações o controlam e ditam o ritmo do desenvolvimento local.

Rondonópolis emergiu nas décadas de 1980, 1990 e 2000 como polo de desenvolvimento da soja e, recentemente, em torno da cultura do algodão. Nisso, o território recebeu e agrega novos conteúdos socioeconômicos que fomentam o seu comércio dentro e fora de sua fronteira política. Essa capacidade de relacionar-se com outros territórios em escalas regionais, nacionais e supranacionais, o tornou um meio fluido para circulação de mercadorias, informações, capitais e pessoas. Rondonópolis se transforma continuamente e de maneira a se estruturar para um crescimento cada vez maior. Por isso, sua população cresce e sua economia torna-se, ainda, mais complexa. Uma vez que o crescimento do setor primário atrai novas plantas industriais e senão, ao menos, investimentos para ampliação das indústrias existentes. Por esse motivo, a criação de novos distritos industriais tem como objetivo atrair e oferecer uma melhor logística de transporte e comunicação, bem como de modernização aos investidores.

A dinâmica do território que Rondonópolis exerce na rede territorial do trabalho no Brasil tem como indicativo, não somente a instalação de novas empresas, mas também a atração de migrantes que resolvem mudar para cidade pela importância que a ela possui, tendo maior implicação sobre aqueles que buscam no município melhores oportunidades de trabalho.

A modernização das atividades no campo e a modernização da economia urbana consolidaram a cidade como sede e lugar para população residir. A cidade, estruturada, para comandar a produção e reprodução da sociedade. A população, aí residente, somou a importância do lugar. Rondonópolis, ao unir em seu território produção e consumo, se firmou como importante cidade no estado de Mato Grosso, motivo que a caracterizada como subcentro regional na hierarquia urbana brasileira.

O território, em suas diferentes faces, destaca-se pelo crescimento de sua economia. Nesse prisma, a pesquisa revelou que os migrantes, em sua maioria, se estabeleceram em Rondonópolis motivados pelo crescimento econômico do município. Não podemos deixar de mencionar, que além do crescimento do número de empresas, o crescimento populacional veio representar o crescimento econômico local ao criar necessidades que atrai novos investimentos. Nisso, a cidade, também cresce. Esse crescimento ocorre nos sentidos horizontal e vertical. O ato de construção, desconstrução e reconstrução da cidade emprega um número considerável de mão de obra nas atividades da construção civil. A circulação do dinheiro aquece a economia. O desempenho dos setores primário e secundário reflete no mercado de emprego local ao criar novos postos de emprego. Todavia, o desempenho negativo desses setores, também, reflete no mercado, e o fenômeno do desemprego é um indicativo da economia.

Os setores da economia que mais empregam em ordem crescente são os setores primário, secundário e o terciário. Apesar de o setor terciário ser o que mais absorve mão de obra, ele é o mais dinâmico e sensível refletindo os comportamentos dos demais setores, isto é, as atividades de comércio e serviço crescem e retroagem de acordo com desempenho no campo e na indústria. Mas não somente por esses motivos que a economia territorial é dinamizada, mas por ser Rondonópolis um território economicamente globalizado. Nesse contexto, o comportamento de o mercado internacional repercutir em todos os setores da economia local, na mesma ordem de importância, anteriormente, citada.

Na rede territorial do trabalho no Brasil, o fenômeno migratório recebeu importante destaque como indicador da interação territorial na rede.

Mediante pesquisa de campo, constatou-se que os territórios de origem que se encontram, economicamente deprimidos, tendem a expulsar sua população para os territórios mais desenvolvidos ou em desenvolvimento. Por exemplo, o estado do Maranhão, que expelle sua população pela insuficiência econômica de seu território.

Esses migrantes são atraídos pelos territórios cuja economia apresenta maior possibilidade de ascensão social pela oferta de emprego aos trabalhadores. Por sua vez, Rondonópolis é caracterizado como território de atração ao atrair milhares de migrantes trabalhadores para si. Esse processo de expulsão e atração denomina-se de desterritorialização e territorialização em que as pessoas mudam de suas localidades de origem e se estabelecem em outros territórios criando novas identidades com esses lugares.

Compreendeu-se que, tanto a territorialização, desterritorialização e a reterritorialização, são processos inacabados na atual conjuntura econômica em que os territórios sobrevivem. A dinâmica dos territórios é contínua e imprevisível. Os territórios cooperam e competem, perdem e ganham, influenciam e são influenciados. Por isso, a população, que é um conteúdo territorial, muda e se reorganiza para acompanhar a metamorfose dos territórios, absorvem suas características, principalmente suas ideologias.

No processo de territorialização e ou reterritorialização, identificou-se algumas precariedades sociais motivados por fatores econômicos. Percebeu-se que os espaços de vivências estão cada vez menores. A pesquisa revelou que as ocupações diárias com as atividades econômicas comprimem (reduzem) os territórios sociais. Esse fenômeno ocorre pela dedicação excessiva nas atividades de trabalho. O tempo de lazer, de apreciação e contemplação com o meio em que o homem vive, é cada vez mais reduzido ou inexistente pela dedicação exclusiva às ocupações de trabalho. Essa realidade implica numa perda da identidade territorial com o espaço total que é o município e cria uma sensação de estranheza e indiferença com o lugar. Desta forma, as pessoas, sejam naturais de Rondonópolis ou migrantes, vivem precariamente territorializados no território.

Os migrantes, geralmente, pessoas em idade ativa, identificados dentre a massa trabalhadora, são atraídos pelas indústrias, especialmente, pelas grandes indústrias existentes em outras regiões e que se instalam em outras localidades e levam consigo um número considerável de pessoas para as atividades criadas em suas fábricas. Geralmente, essa modalidade de migração, ocorre mediante promessa de emprego numa região carente de profissionais especializado e de um mercado ausente de competitividade por vagas de trabalho de emprego.

Um dado relevante em relação à qualificação da mão de obra e emprego nas indústrias é a disparidade entre o preparo profissional dos trabalhadores e as

atividades ocupacionais. Não havendo familiaridade entre qualificação e emprego, isto é, a maior parte dos trabalhadores do setor secundário foi empregada sem qualificação específica para o cargo ocupado. Nesse sentido, perguntamos: qual a relação entre a economia territorial e a massa trabalhadora? Observou-se que as mudanças nas relações de trabalho são imediatamente responsáveis pela estranheza e distanciamento homem com o lugar. Desse modo, não é difícil entender a instabilidade da relação homem e trabalho, uma vez que a dinâmica do território não é dada pela população, mas pelos agentes territoriais como grupos econômicos, firmas, empresas, governos em escala local e mundial. Nesse aspecto, os deslocamentos migratórios, especialmente da massa trabalhadora, ocorrem devido as rupturas territoriais provocadas pelos desequilíbrios econômicos, os quais implicam em desterritorialização, isto é, não permanência do homem no lugar. Para reforçar essa ideia, a pesquisa apontou que a massa trabalhadora migrante não adquire experiência nos territórios de origem, e, sim, no de destino o que reforça o ato de migrar.

Em relação aos gêneros, identificou-se equilíbrio no setor secundário da economia no número de homens e mulheres. Esse dado reflete uma tendência mundial em que Rondonópolis tem participado que é o crescimento do número de mulheres nas ocupações de empregos. Essa mudança é percebida pela sucessão de trabalhadores no mercado. Com a saída e entrada de novos trabalhadores no mercado, abre-se caminho para as mudanças gênero em relação às atividades ocupacionais.

Ainda, a pesquisa compreendeu que as atividades existentes nos territórios e que representam em crescimento e desenvolvimento, são fenômenos intencionais. A título de exemplo, o crescimento econômico e a expansão da cultura moderna como a soja e o algodão foram alcançando mediante ações combinadas entre produtores e governo. Da mesma forma, o desenvolvimento da cadeia produtiva do algodão, a exemplo de Rondonópolis, tende a desenvolver, quando uma nova política visa integrar as diferentes atividades existentes no território, desde a produção no campo à comercialização de objetos artesanais e industriais, não gerando emprego e renda à sua população. São ações que promovem a sustentabilidade da cultura do algodão e que permitem a sustentabilidade do território como um todo.

Compreendeu-se que o território e o espaço estão associados pela ciência e tecnologia e às condições naturais, as quais são capazes de alterar a dinâmica das

economias regionais e interferir nas relações socioeconômicas que são também políticas, na medida, que a própria natureza diferencia as regiões.

Os territórios são norteados pela competitividade de mercado, o que implica em criar e desenvolver novas redes e novas ações em busca de uma melhor posição na divisão territorial do trabalho. Atrair indústrias para o território local, significa a verticalização da produção, processo que envolve produtores agrícolas, indústrias líderes. Nisso, ocorre a proliferação de indústrias de pequeno e médio portes, a expansão do mercado de emprego local.

Na dinâmica da nova divisão territorial no Brasil pela interação, complementaridade e competição entre duas regiões – Mato Grosso e Nordeste –, foi possível compreender os movimentos, competição e tramas de diferentes atores em diferentes escalas. O território está em contínuo movimento, o que mostra uma geografia do trabalho da economia tecida por forças locais e extralocais. Nessa dinâmica, em escalas diferenciadas, é promovido os movimentos migratórios.

Compreendeu-se que a polarização de Rondonópolis, em Mato Grosso, ocorre nos aspectos populacionais, econômicos e políticos. Uma vez que esses elementos se complementam e se desenvolvem e, se não desenvolvem, ao menos, promovem o crescimento de um ou de outro. Conseqüentemente, atraem para o território novos elementos em números cada vez maiores, por vez, a qualidade tende a ser melhor, isso, teoricamente.

Desta forma, Rondonópolis atrai e detém um número maior de indústria dentre os municípios de Mato Grosso, com exceção da capital cuiabana. Dentre os municípios mato-grossenses, sustenta a terceira maior população, e por isso conta com um importantíssimo mercado consumidor no Estado. Esses elementos exercem forças de atração, daí, o motivo de Rondonópolis constituir polo de desenvolvimento de Mato Grosso e território de atração de empresas e população.

## REFERÊNCIAS

ACIR (Associação Comercial e Industrial de Rondonópolis); PREFEITURA DE RONDONÓPOLIS. **Dossiê Rondonópolis** 2005; 2006; 2008; 2010.

AGROCIM (Centro de Inteligência em Mercados). **Produção de algodão movimentada toda cadeia em Mato Grosso**. 2010. Disponível em: <<http://www.agrocim.com.br/noticia/MT-producao-de-algodao-movimentada-toda-cadeia.html>>. Acesso em: 17 out. 2011.

A TRIBUNA. **Terrenos desocupados geram preocupação**. 2009. Disponível em: <<http://www.tribunamt.com.br/2009/09/terrenos-desocupados-geram-preocupacao/>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

ANDRADE, M. C. **Espaço, polarização e desenvolvimento**: uma introdução à economia regional. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

ARRUZZO, C. R. Modernização agrícola, trabalho e organização espacial na BR-163. In: BERNADES A. J, FREIRE O. L. (Org.) **Geografia da soja: BR-163 - fronteira em mutação**. Rio Janeiro: Arquimedes Edições, 2006. p. 100-113.

BAZANI, SILVANA. **Setor de confecções cresce até 20% em MT**. Jornal Folha do Estado. 2009. Disponível em: < <http://www.folhadoestado.com.br/0,,Folha1649>>. Acesso em: 29 out. 2010.

BENKO, Georges. A recomposição dos espaços. **Interações**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 1, n. 2, mar. 2001, p.7-12. Disponível em: < [http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n2\\_benko\\_2001a.pdf](http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n2_benko_2001a.pdf) >. Acesso em: 10 jul. 2010.

BERNADES, Júlia Adão. Técnica e trabalho na Fronteira de expansão da Agricultura moderna brasileira. **Anais...** Encontro de Geógrafo da América Latina, 10º EGAL, s.l., 2005.

BERNADES, Júlia Adão. Técnica e trabalho na Fronteira de expansão da Agricultura moderna brasileira. **Anais...** Encontro de Geógrafo da América Latina, 10º EGAL, s.l., 2005.

BERNARDES, J. A. **Notas sobre a dinâmica do capital no complexo da soja**. Anuário do Instituto de Geociência, vol. 20, p. 27-37, 1997.

BRASIL. **Diretor Geral do DNIT libera tráfego na Serra de São Vicente em Mato Grosso nesta sexta-feira**. DNIT. Disponível em: <<https://gestao.dnit.gov.br/noticias/diretor-geral-do-dnit-libera-trafego-na-serra-de-sao-vicente-em-mato-grosso-nesta-sexta-feira-12>>. Acesso em: 9 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 79, 19 dez. de 1966**: Institui normas para a fixação de preços mínimos e execução das operações de financiamento e aquisição de produtos

agropecuários e adota outras providências. Disponível em:  
<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del0079.htm>. Acesso em: 20 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. **Exportações de commodities**. 2001. Disponível em:  
<<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1955&refr=608>>  
Acesso: 11 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadeia produtiva do algodão**. Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Brasília: IICA/MAPA/SPA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Logística e Transportes**. Conselho Nacional de Secretários de Transporte. Ministério dos Transportes e Secretária de Política Nacional de Transporte. 2009. Disponível em:  
<[www.transportes.gov.br/PNLT/Consetrans\\_Reuniao\\_25Nov2009\\_SPNT\\_MT.pps](http://www.transportes.gov.br/PNLT/Consetrans_Reuniao_25Nov2009_SPNT_MT.pps)>. Acesso em: 9 set. 2010.

CAGED. **Estabelecimento**. Disponível em <<http://cagedestabelecimento.caged.gov.br/>> Acesso em: 9.02.2008.

CARMO, Ailom do. **História de Rondonópolis**. Rondonópolis: Gráfica Modelo, 2005.

CASTRILLON FERNÁNDEZ, Antonio João. **Do cerrado à amazônia**: as estruturas sociais da economia da soja em Mato Grosso. PGDR/UFRGS. Porto Alegre/RS/Brasil. Disponível em: <<http://argus.iica.ac.cr:19555/obsevatorio/Lists/Complexo%209/DispForm.aspx?ID=19>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. 7. ed. ver. Ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CURY. Carmelita. **Do Bororo ao PRODOESTE**. S/l. Carmelit, 1973.

DESER - Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. **A Cadeia Produtiva do Algodão** - Estudos Exploratórios. 2007. Disponível em: <[http://www.deser.org.br/pub\\_read.asp?id=116](http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=116)>. Acesso em: 29 Out. 2010.

DNIT (DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES). **Pavimento Rígido**: Execução de camada superposta de concreto do tipo whitetopping por meio mecânico - Especificação de serviço. 2004. Disponível em: <[http://ipr.dnit.gov.br/normas/DNIT068\\_2004\\_ES.pdf](http://ipr.dnit.gov.br/normas/DNIT068_2004_ES.pdf)> Acesso em: 20 Ago. 2010.

EMBRAPA . **IV Plano Diretor da EMBRAPA Algodão 2008-2011**. Campina Grande, PB. 2008. Disponível em: <<http://www.cnpa.embrapa.br/aunidade/PDU.pdf>>. Acesso em: 29 Out. 2010.

ESTALL, R. C.; OLIVIE BUCHANAM , R. **Atividade industrial e Geografia econômica**. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAEG. Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás. **Aposta de MT no algodão atrai projetos de indústrias**. Disponível em: <[http://www.faeg.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5825:valor-economico-29032010-segunda-feira&catid=10:clipping-digital&Itemid=24](http://www.faeg.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5825:valor-economico-29032010-segunda-feira&catid=10:clipping-digital&Itemid=24)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

FAGOTTI, Claudia. O pólo têxtil de Rondonópolis. 2008. **Jornal A TRIBUNA**. Disponível em: <<http://www.atribunamt.com.br/2008/01/o-polo-textil-de-rondonopolis/>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

FORTALEZA. **FOB**, 2010. Disponível em: <<http://www.fortaleza.inf.br/web/doc/frete/03%20-%20Tipos%20de%20Frete%20CIF%20x%20FOB.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2011.

GOETTERT, Jones Dari. **Mobilidade do trabalho: Sulistas em Rondonópolis (MT)**. Disponível em: <http://www.agbpp.com/doc/goettertn23>> Acesso em: 20 Fev. 2011.

GONÇALVES, Glauber. Crescimento da aviação regional cria polos em aeroportos fora do Rio e SP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 Jul. 2010. Seção Economia. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100710/not\\_imp579090,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100710/not_imp579090,0.php)>. Acesso em: 15 jul. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em: 10 Jul. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico de Mato Grosso, Goiás e Distrito de 1960**. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD\\_1960\\_MT.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_MT.pdf)> Acesso em: 10 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censo Agrícola de Mato Grosso 1975**. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuario\\_1975\\_MT.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuario_1975_MT.pdf)> Acesso em: 10 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário de 1995-1996**. Mato Grosso. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/1995\\_1996/51/d51\\_t07.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/1995_1996/51/d51_t07.shtm)> Acesso em: 10 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção Agrícola Municipal-2004**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=498](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=498)> Acesso em: 11 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censos de Mato Grosso 2008**. Disponível em: <<http://www.indicador.seplan.mt.gov.br/censo/>>. Acesso em: 10 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção de soja cai 4,56% em 2004, mas Brasil ainda é segundo maior produtor mundial, 2004**. Disponível em:

<[http://200.255.94.70/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=498&id\\_pagina=1](http://200.255.94.70/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=498&id_pagina=1)>. Acesso em: 21 ago. 2010.

INDEA - Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso. **Histórico da cultura do algodão no Brasil e em Mato Grosso**. Disponível em: <<http://www.indea.mt.gov.br/html/internas.php?tabela=paginas&codigoPagina=14>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ. Salles, o pioneiro da sojicultura estadual. Economia. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=371134>>. Acesso em: 21 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. O pólo têxtil de Rondonópolis. 2008. Disponível em: <<http://www.tribunamt.com.br/2008/01/o-polo-textil-de-rondonopolis/>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

Jornal O POVO. Classe C lidera gastos com manutenção do lar. Seção: Economia. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/jornaldehoje/>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MATO GROSSO. **Monografias municipais**: Rondonópolis. FCR (Fundação de pesquisas Cândido Rondon). Cuiabá, 1980.

\_\_\_\_\_. **Anuário Estatístico de Mato Grosso 2008**. V.I, 30. ISSN:0100-3429. Seplan. Disponível em: <[http://www.anuario.seplan.mt.gov.br/2008/pdf/anuario\\_completo.pdf](http://www.anuario.seplan.mt.gov.br/2008/pdf/anuario_completo.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. **Censo econômico dos municípios do estado de Mato Grosso**. Disponível em: <<http://www.indicador.seplan.mt.gov.br/censo/html/mapamunicipios.htm>. 2008>. Acesso em: 20 ago. 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MICHAELIS, **Dicionário**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=potamografia>>. Acesso em: 15 out. 2010.

MORAIS, LARISSA. Plano b de Rondonópolis: Capital do agronegócio do Centro-Oeste, cidade atrai indústrias para fugir dos riscos de depender da cultura de grãos. **Revista Dinheiro Rural**, 2007. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/revistadinheirorural/edicoes/34/artigo58820-1.htm?o=r>> Acesso em: 15 fev. 2011.

MORENO, Gislaine; HIGA, Tereza Cristina Souza. et al. **Geografia de Mato Grosso**: território, sociedade, ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

O GLOBO. **Classe C do Brasil já detém 46% da renda**. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/02/06/classe-do-brasil-ja-detem-46-da-renda-915804204.asp>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

O PROALMAT (Programa de Incentivo À Cultura do Algodão). **A breve história do algodão Rondonópolis**. Disponível em: <<http://www.facual.org.br/home/proalmat>>. Acesso em: 20 out. 2010.

PARO, Hortêncio. **A história do algodão em Mato Grosso**.

Disponível em: <[http://rouxinol.mt.gov.br/Aplicativos/AutoWeb/empaer.nsf/8e52b2e49cdb57ac03256a1f00515bac/99e9de8a4474666004256c44004a0128/\\$FILE/\\_k84g4giajah7l4ia14124u8219h3kuh679sg4aj909l0l8jp08t94ukqj9s.doc](http://rouxinol.mt.gov.br/Aplicativos/AutoWeb/empaer.nsf/8e52b2e49cdb57ac03256a1f00515bac/99e9de8a4474666004256c44004a0128/$FILE/_k84g4giajah7l4ia14124u8219h3kuh679sg4aj909l0l8jp08t94ukqj9s.doc)>. Acesso em: 28 out. 2010.

PRIMEIRA HORA. Primeira indústria do distrito da Vila Operária investirá R\$ 7 mi. Seção: economia. 23 dez. 2010. Disponível em <<http://www.primeirahora.com.br/site/index.php?pg=noticia&intNotID=46496>> Acesso em: 21 mar. 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA RURAL. Crise financeira: campo minado.

rev 130 - dezembro 2008. Disponível em: <[http://www.revistarural.com.br/Edicoes/2008/Artigos/rev130\\_graos.htm](http://www.revistarural.com.br/Edicoes/2008/Artigos/rev130_graos.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2011.

RONDONÓPOLIS. **Micro região de Rondonópolis-MT: características & potencialidades**. Comissão da Prefeitura de Rondonópolis, 1977.

SANTANA TEXTILES. Grupo Santana Textiles. Disponível em: <<http://www.santana.ind.br/pt/isnt.html>>. Acesso em: 15 set. 2010.

SANTOS, Carcius Azevedo dos. **Araguaia-natureza, Araguaia-projeto: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães, século XIX**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/2408>> Acesso em: 30 jul. 2010.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979a.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979b (Coleção Ciências Sociais).

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SANTOS, M. SILVEIRA, M. Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 2008.

\_\_\_\_\_. **Globalização e desemprego**. São Paulo: Contexto, 1998.

SECOM-MT. Secretária de Comunicação Social de Mato Grosso. **Trip vai operar em mais três cidades de Mato Grosso**. Disponível em: <http://www.secom.mt.gov.br/imprime.php?cid=1099&sid=13>. Acesso em: 29 mar. 2002.

SENAI-MT. **Ações estaduais**. 2004. Disponível em: [http://www.senai.br/sb/sb75/src/acoes\\_estaduais.pdf](http://www.senai.br/sb/sb75/src/acoes_estaduais.pdf). Acesso em: 29 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Escola de Beneficiamento de Algodão em Rondonópolis**. 2004. Disponível em: [http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/publicacoes/trabalhos\\_cba5/357.pdf](http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/publicacoes/trabalhos_cba5/357.pdf). Acesso em: 29 out. 2010.

SENAI-BRASIL. **Incentivo à cultura do algodão**. Informativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. Ano 13. N. 80. 2004. Disponível em: <http://www.senai.br/sb/sb80/src/edicao80.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

SERAFIM, SONIA SUELI S.; et. all. **Análise dos canais de comercialização do algodão colorido no Estado de Mato Grosso**. S/d. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/01O016.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

SINGER, Paul. **A formação da classe operária**. 5. ed. São Paulo:Atual/Campinas (SP):Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SINROUPAS-AGICON (Sindicato das indústrias de confecções de roupas em geral de Goiânia). **Tecnotêxtil 2010 dará oportunidades para investidores, afirma Sinroupas e Agicon**. Disponível em: <http://www.feiratecnotextil.com.br/site/mostranoticias.php?codigo=701> Acesso em 10.03.2011.

SILVA, C. A. F. **Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira**, Cuiabá: Entrelinhas, 2003.

\_\_\_\_\_. A transnacionalização do grupo André Maggi a partir do cerrado mato-grossense. **Revista Geo-Paisagem** (on-line). Ano 4, n. 7, 2005. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Maggi.htm>. Acesso em: 20 ago. 2010.

SILVA, Elias. **Território, Cidade e Rede: O papel de Rondonópolis na expansão da soja no cerrado Mato-Grossense**. 2010. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022010-112811/es.php> Acesso em: 15 fev.2011.

SILVA, Jonas. **Feira mostra produtos e cadeia da confecção em Rondonópolis**. 2010. Disponível em: <http://www.24horasnews.com.br/index.php?mat=343181>. Acesso em: 29 out. 2010.

SODRÉ, Márcio. DNIT entrega pista de concreto na Serra. **Jornal A TRIBUNA**. Destaques, p.3. Disponível em: <http://www.atribunamt.com.br/2010/03/dnit-entrega-pista-de-concreto-na-serra/>. Acesso em: 12 mar. 2010.

SOUZA, Sonia S. S.; Bonjour, Sandra C. M. **Evolução das exportações e da competitividade do algodão em mato grosso**: 1990 a 2006. Desafio : revista de Economia e Administração / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. n. 9. Campo Grande, MS: A Universidade, 2008. Disponível em: < <http://dea.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=101>>. Acesso em: 29 out. 2010.

STURZA, José Adolfo Iriam; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. O sentido de lugar em Rondonópolis-MT e o topocídio do cerrado: uma contribuição aos estudos de cognição ambiental. In: GERARDI, Lucia Helena de Oliveira; CARVALHO, Ponpeu Figueiredo de. (org). **Geografia**: ações e reflexões. Rio Claro: UNESP/IGCE: AGETEO, 2006. p. 341-358. Disponível em: <[http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/o\\_sentido.pdf](http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/o_sentido.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2011.

TESORO, Luci Léa Lopes Martins. **Rondonópolis-MT**: um entroncamento de mão única - lembranças e experiências dos pioneiros. São Paulo: S/n, 1993.

\_\_\_\_\_. **Descobrimos Rondonópolis**. Rondonópolis-MT: LLLMT, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Vila Operária**: Reduto de população migrante de Rondonópolis. Cuiabá, UFMT-CPR, Imprensa Universitária, 1988. p.51.

## APÊNDICE A - Formulário para entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS – CUR  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PESQUISA:  
QUALIFICAÇÃO, COMPETITIVIDADE E EMPREGO  
EM RONDONÓPOLIS/MT<sup>20</sup>

Entrevistador:

Entrevistado:

Departamento: RH \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Pesquisa de mercado

#### Perguntas Básicas

1 - Quantos funcionários a empresa tem? \_\_\_\_\_

Total da mão de obra masculina?

Total da mão de obra feminina?

#### Setor de Produção

No setor de produção quantos funcionários?

Número de homens? \_\_\_\_\_

Número de mulheres? \_\_\_\_\_

Idade mínima: \_\_\_\_\_

Idade máxima: \_\_\_\_\_

a) Escolaridade mínima exigida? \_\_\_\_\_

Primário? Fundamental? Médio? Outros?

b) Todos são alfabetizados? Sim ( ) Não ( )

Se não quantos? \_\_\_\_\_

Quais atividades desempenham \_\_\_\_\_

<sup>20</sup> Questionário aplicado no ano de 2008.

c) Quais atividades na produção que requer cursos técnicos? \_\_\_\_\_

Cite alguns cursos técnicos (principais): \_\_\_\_\_

d) Quais atividades na produção que requer *nível Superior*?

\_\_\_\_\_

Cite alguns cursos Superiores (principais): \_\_\_\_\_

### Requisitos para empregabilidade

2 – quais foram os requisitos para o candidato preencher a vaga?

a) Requisitos mínimos: \_\_\_\_\_

b) Requisitos específicos: \_\_\_\_\_

3 – Na contratação de mão-de-obra havia mão-de-obra qualificada disponível em Rondonópolis?

Sim ( ) Não ( ) Sim, Mas faltou mão-de-obra técnica ( )

Sim, Mas faltou mão-de-obra Especializada ( )

Se possível um breve comentário:

Obs. Caso haja mais de uma opção marque um X

Cite os setores que careciam de profissionais:

\_\_\_\_\_

4 – A empresa investiu em qualificação dos funcionários?

Sim ( ) Não ( )

Se sim em quais áreas?

Qual o nome da instituição que ministrou os cursos?

Quantos foram qualificados? \_\_\_\_\_

A empresa desistiu de qualificar? \_\_\_\_\_

Em que momento? \_\_\_\_\_

5 - Hoje a empresa ainda investe em qualificação?

Sim ( ) Não ( )

Se sim em quais áreas?

A empresa teve que importar mão-de-obra?

Sim ( ) Não ( )

Qual era a formação dos trabalhadores trazidos para Rondonópolis?

\_\_\_\_\_

Quantos Funcionários vocês trouxeram para a empresa em Rondonópolis?

\_\_\_\_\_

Mão de obra Masculina: \_\_\_\_\_

Mão de obra Feminina: \_\_\_\_\_

A principal origem dos trabalhadores? \_\_\_\_\_

Paraná? \_\_\_\_\_; São Paulo? \_\_\_\_\_

Outras regiões \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Há estrangeiros na indústria? \_\_\_\_\_

Quantos ao total: \_\_\_\_\_

Em quais funções atuam: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - Formulário para entrevista individual

### PESQUISA INDIVIDUAL SOBRE MOBILIDADE SOCIAL

**Empresa:** \_\_\_\_\_ **Setor Marque X** ( ) Administrativo ( ) Gerencia ( ) Produção

**Natural de** \_\_\_\_\_ **UF** \_\_\_\_\_ **Sexo:** ( ) M ( ) F

**Profissão de Pai:** \_\_\_\_\_ **Profissão da mãe:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade do Pai:**

( ) analfabeto ( ) Até Terceira série ( ) Ensino fundamental ( ) Ensino médio

**Escolaridade da mãe:**

( ) analfabeto ( ) Até Terceira série ( ) Ensino fundamental ( ) Ensino médio

**Qual foi seu ultimo emprego** \_\_\_\_\_ **Estado:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade do ultimo emprego** \_\_\_\_\_ **Estado:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade atual** \_\_\_\_\_

**Sempre morou em Rondonópolis?** ( ) Não ( ) Sim

**Cite duas cidades em que residiu:** 1ª \_\_\_\_\_ **Trabalhou de** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

1ª \_\_\_\_\_ **Trabalhou de** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

**Há quantos anos mora em Rondonópolis?** \_\_\_\_\_

**Porque se mudou para Rondonópolis?** \_\_\_\_\_

**Veio para Rondonópolis com emprego garantido?** ( ) Não ( ) Sim

**Ao se mudar para Rondonópolis era qualificado?** ( ) Não ( ) Sim

**Se sim, informe a área?** \_\_\_\_\_

**Já trabalhou na área profissional em que se formou?** ( ) Não ( ) Sim

**Em que universidade se formou?** ( ) Publica ( ) Privada **Estado do país :** \_\_\_\_\_

**Qual o curso mais importante que fizeste:** \_\_\_\_\_ **Instituição:** \_\_\_\_\_

**Qual foi o emprego que lhe deu experiência profissional?** \_\_\_\_\_

**Estado do país e empresa adquiriu maior experiência profissional?**

**UF:** \_\_\_\_\_ **Empresa:** \_\_\_\_\_